

Histórias da Graduação

2^a Edição

Tito Spadini

2022

Este livro foi escrito, editado e distribuído de forma totalmente independente e gratuita por **Tito Spadini**.

Caso deseje contribuir financeiramente, envie um **Pix** da quantia que desejar para a seguinte chave:

tito.spadini@gmail.com

Visite <https://spadini.info> para mais informações.

Esta obra está licenciada com uma licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**.



Lembre-se de que, para ter o direito de compartilhar este material, você concorda que:

- preservará a autoria da obra de forma idêntica à original;
- não modificará a obra original;
- não distribuirá versões modificadas da obra;
- não cobrará (nem pedirá qualquer doação de qualquer natureza) pelo compartilhamento da obra.

Em caso de dúvidas, prefira entrar em contato pelo endereço de e-Mail **tito.spadini@gmail.com** antes de prosseguir com qualquer coisa que envolva este livro.

Prefácio

Uma graduação pode levar vários anos para ser concluída. No caso da *Universidade Federal do ABC (UFABC)*, pode ser que leve ainda mais do que se imagina. Em tanto tempo, fica difícil não ocorrerem certas histórias inusitadas ao longo de sua formação. Aqui eu reuni algumas delas. Algumas serão mais engraçadas; outras, talvez, mais reflexivas; e, quem sabe, talvez até haja algumas tristes e algumas incluídas apenas para registro pessoal.

Cada uma dessas histórias tem o seu porquê de ter sido escolhida para constar neste livro, independentemente de seu teor. É claro que as histórias aqui trazidas foram escritas com base no olhar a partir de um ponto de vista; desta forma, caso a observação fosse feita a partir de outro ponto, é possível que a interpretação fosse significativamente diferente, mas este é um livro com espaço mais do que suficiente para permitir um certo grau de liberdade às interpretações, o que significa que tais histórias não devem ser tomadas como se fossem fiéis registros históricos imparciais, pois sequer existe tal pretensão.

Apesar de não haver uma obrigatoriedade quanto a isso, é possível que parte significativa das histórias seja

muito mais facilmente compreendida se, ainda antes de iniciar a leitura deste livro, forem lidos os livros *Primeiros Contatos com a Graduação* e *Tropeços em Disciplinas da Graduação*, nessa mesma ordem. O primeiro livro mencionado trata de diversas características da Universidade, que fui aprendendo ao longo de meus primeiros contatos com ela; o segundo, por sua vez, aborda muitas outras experiências, mas separadas por disciplinas, em que eu chamo a atenção para alguns dos principais equívocos que eu possa ter cometido, e procuro apontar quais poderiam ter sido decisões, comportamentos e posturas que provavelmente me confeririam maiores chances de crescimento e evolução, de pontos de vista pessoal, acadêmico e profissional.

Sumário

1	Aquela da mudança de área	1
2	Aquela do professor que surtou	7
3	Aquela da prova desorganizada	15
4	Aquela da sala 202-0	24
5	Aquela dos poréns do Help	36
6	Aquela do Fantasma da FAPESP	53
7	Aquela do roubo	63
8	Aquela dos amigos decaídos	76

9	Aquela do fretado	93
10	Aquela do Campus SA	119
11	Aquela do reingresso	154
12	Aquela da insegurança	170
13	Aquela do trem	199
14	Aquela da greve	232
15	Aquela do estágio	248

Capítulo 1

Aquela da mudança de área

Não sei ao certo se chega a ser o tópico que mais assombra as mentes dos graduandos, mas a escolha do curso é, sem dúvida, um dos que mais ficam em suas mentes, e isso desde ainda antes de sequer terem ingressado na Universidade.

Vi muitos jovens agoniados por causa disso, virando noites em claro, participando de longas conversas com conhecidos, assistindo a vários vídeos e palestras sobre escolha de profissão e, mesmo depois que concluem o en-

sino médio, passam pelos cursinhos preparatórios para o vestibular e ingressam em alguma *Instituição de Ensino Superior* (IES), continuam pensando e repensando se a escolha que fizeram foi correta.

É provável que a maioria passe por isso, mas chegamos a ver alguns jovens que, mesmo com alguns anos de experiência no curso, continuam se sentindo mal por ainda não acreditarem que fizeram a escolha certa; mesmo assim, não mudam de curso. Cheguei a ver vários que até chegaram a concluir o curso, mesmo já sabendo desde os primeiros quadrimestres que não era aquilo que gostariam, mas tinham medo de mudar por diversos motivos.

Disparado, o mais comum dos casos é a questionável ideia de que eles se atrasarão. Por muito tempo, fiquei me perguntando em relação a quê seria esse atraso, porque atraso não é algo absoluto em si mesmo, mas, sim, uma ideia relativa de que se trata de algo que ocorre depois de uma determinada referência; sendo assim, o que seria essa referência? Os jovens sempre falam sobre a idade com que já estão e dizem que, se quiserem trocar o curso, ingressarão no curso com essa idade, que eles consideram já avançada. O engraçado é que são jovens que têm cerca

de 20 anos de idade — na verdade, já cheguei a ouvir essas ideias até mesmo de quem ainda sequer havia atingido seus 18 anos.

Este é um assunto que poderia ser explorado de forma bastante aprofundada; talvez, a ponto de se poder escrever um livro inteiro somente sobre este mesmo assunto, e não seria um livro pequeno, mas isso não convém aqui agora. Em vez disso, contarei a história de um professor que conheci na UFABC — e já deixo minhas antecipadas desculpas para o caso de ter cometido algum equívoco quanto a algum detalhe da história, porque terei de resumi-la significativamente, e se trata de uma história que me fora contada há muitos anos —, pois ela ilustrará muito bem a mensagem que gostaria de passar.

Durante a disciplina de Introdução às Engenharias, uma das atividades que o professor havia organizado para nós havia sido assistir a um conjunto de palestras de convidados selecionados por ele. Todos eram professores e ex-alunos formados em cursos de engenharia. Um dos convidados havia sido um professor da própria UFABC, um senhor já de idade um pouco avançada, mas muito jovial em seu comportamento diante da turma. Logo nos pri-

meiros momentos em que se manifestou, foi bem fácil de notar que ele gostava muito do que fazia e de onde estava.

O que ele fez ali foi contar, de forma bastante breve, toda a sua história de vida profissional e vocacional. Ainda bem jovem, por influências que havia sofrido, havia ingressado no *Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)* para cursar *Engenharia Eletrônica*, tendo concluído o curso em 1977.

Qualquer um que conheça ao menos um pouco sobre o curso e sobre o instituto em questão tem alguma ideia do quão difícil deve ter sido para ingressar e para concluir tal curso. Muitos jovens sonham por longos anos com a ideia de conseguirem concluir um curso desses em uma instituição como essa, e não conseguem sequer ingressar, mesmo com muitos anos de estudo e preparo com o auxílio de cursos preparatórios específicos para essa finalidade.

Já formado, ele chegou a trabalhar como engenheiro por vários longos anos na área, e até havia feito um *Mestrado em Eletrônica* no Japão, que concluiu em 1984; porém, foi sentindo, aos poucos, que algo estava faltando em sua vida. Após muito refletir, ele decidiu fazer uma mudança muito significativa em sua vida, e decidiu tornar-se

médico.

Para isso, obviamente, ele precisaria cursar e se formar em *Medicina*, mas trata-se de um curso de muito longa duração, de difícil ingresso e, caso quisesse cursar em uma instituição particular, mesmo naquela época, teria um custo elevadíssimo. Por mais que fosse bem formado e tivesse um bom salário, não seria fácil de pagar, além de também já ter uma família e diversas outras preocupações que a vida eventualmente traz. Assim, se para um jovem de 17 anos e com pais ricos já não seria fácil ingressar em um curso de medicina e concluí-lo, imaginem para um homem já com seus 30 e tantos anos.

Mesmo com tamanha pressão, ele recebeu o apoio de sua esposa, preparou-se para o vestibular e ingressou no curso de *Medicina* da *Universidade de São Paulo (USP)*, onde formou-se médico no ano de 2002. Até cursou um *Doutorado em Medicina* na USP, que concluiu em 2007. Isso permitiu a ele ter um leque enorme de conhecimentos e experiências, que pôde combinar para atingir algo mais próximo ao que realmente amava.

Já tendo passado por múltiplas experiências com pesquisas científicas desde muitos anos atrás, foi cami-

nhando na direção se tornar um professor, e chegou a ser professor visitante da *Faculdade de Medicina* da USP, entre 2007 e 2008. No ano de 2009, ingressou como professor na UFABC, onde se encontra até hoje. Dentro da UFABC, o professor também atuou como Pró-reitor de Pesquisa, Coordenador do curso de *Engenharia Biomédica* e Diretor do *Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas* (CECS).

É uma história de alguém que superou dificuldades relacionadas a esses aspectos vocacionais e profissionais em múltiplas ocasiões de sua vida. Sua história serve de inspiração para muitas pessoas; aliás, serve até mesmo para aquelas que não são mais tão jovens, pois vale lembrar que o professor já tinha uma idade que muitos considerariam avançada para quem pensa em fazer mudanças em sua carreira. Mesmo assim, ele seguiu com esse seu desejo, e foi muito feliz em sua decisão. Gostaria que mais pessoas conhecessem sua história.

Capítulo 2

Aquela do professor que surtou

Quando soube que a havia chegado a hora de cursar *Mecânica dos Sólidos*, vulgo *MecSol*, já sabia que não seria um dos melhores momentos da graduação. Fui logo conversar com um amigo que era bastante fã da área para saber quem ele me recomendaria por ter um método legal e que tivesse uma boa didática.

Prontamente, ele já disparou o nome de um certo professor que, segundo ele, era o cara certo, e ele falou até com entusiasmo, quase como se fosse até uma obviedade

que aquele seria o melhor professor da área na instituição. Segundo meu amigo, ele havia cursado a disciplina com ele havia alguns poucos quadrimestres, e se surpreendeu com a qualidade de suas aulas e com a atenção que dava aos alunos, sobretudo os que tinham mais dificuldade.

Por confiar muito nele, solicitei a matrícula em sua turma e cheguei até a torcer para não ser chutado, e comemorei quando soube que estava dentro. Aguardei tranquilamente pelo início do quadrimestre, com a sensação de quem poderia confiar que daria tudo certo no fim, porque eu estaria na melhor turma daquela disciplina naquele quadrimestre.

Assim que começou o quadrimestre, levei um susto com o professor. Ele havia entrado na sala já bastante nervoso com algo; parecia estar praguejando. Enquanto estava arrumando seus materiais para iniciar a aula, não parava de resmungar em voz alta, mas sem deixar claro o que se passava. Então, pegou um caderno, foi para a frente da lousa e começou a escrever algumas informações básicas sobre a disciplina, como o nome dele, seu endereço de e-mail institucional, horário de atendimento, datas de provas e quantização de conceitos.

Ao terminar de escrever as informações na lousa, virou-se para a turma e começou a explicar tudo, passo a passo. Até aí, exceto pelos resmungos, parece que não havia qualquer coisa errada, certo? O problema é que, a cada mínima informação que ele nos passava, ele começava a reclamar de todo um novo conjunto de coisas que ele considerava absurdas e que, ao menos na cabeça dele, tinham alguma relação com o que ele estava informando.

O professor estava visivelmente furioso com algo que ninguém ali parecia ter qualquer ideia do que se tratava, e toda vez que ele falava sobre qualquer coisa, ele parecia se lembrar de algo que o deixava ainda mais nervoso. Era como se ele estivesse dando uma bronca antecipada na turma; nada havia realmente ocorrido ainda, mas ele já estava gritando lá na frente enquanto andava de um lado para o outro da sala, todo inquieto.

Cheguei a pensar que aquilo talvez fosse algo pontual, que só o tivesse deixado transtornado naquele dia, e que nos demais dias ele estaria normal, mas ele não mudou nas demais aulas; aliás, ele foi piorando a cada semana de aulas. E essa piora não era muito sutil entre as aulas, não; às vezes ele ficava dando sermão lá na frente por mais

tempo do que dava a aula de fato.

Não me lembro bem se havia sido antes da primeira prova ou da segunda, mas, pouco antes de uma das provas, nós havíamos tido algumas aulas a menos por causa de feriados. Ele, então, teve a “maravilhosa” ideia de querer compensar todas as aulas em um único sábado, sem nem verificar com os alunos para saber se todos poderiam, e nós sabemos que, oficialmente, o professor não pode fazer isso; há dias específicos ao final do quadrimestre para repor cada dia sem aula. Caso ele queira escolher um dia específico que não seja o que tenha sido designado segundo o calendário oficial da *Pró-Reitoria de Graduação (ProGrad)*, ele precisará confirmar com os alunos e obter uma resposta unânime, e não só da maioria.

Incomodados com a decisão arbitrária do professor, alguns alunos simplesmente foram a ele perguntar se não seria possível que todos encontrassem um outro dia para isso, e que, preferencialmente, não fosse em um único dia, dado que haviam sido múltiplos dias sem aula, e o professor queria que a reposição ocorresse em um único dia, de uma só vez, mesmo que levasse várias horas, podendo ter aulas de manhã e à tarde. Aquilo bastou para que o

professor explodisse de raiva, e, não, os alunos não haviam falado de maneira inadequada com o professor; ele apenas agiu de forma totalmente desproporcional.

O professor começou a gritar, todo descontrolado, e ficou por mais de meia hora reclamando de um monte de coisas com os alunos — coisas que sequer eram, de qualquer forma que fosse, relacionadas aos alunos ou àquela disciplina. Apesar de não terem sido usados termos de baixo calão, o professor estava completamente descontrolado. Vários alunos chegaram a conversar depois sobre o quão maluco ele parecia ser, e muitos disseram que talvez já fosse a hora de irem falar com alguém da coordenação, da direção, ou mesmo da reitoria, mas todos estavam desestimulados porque sentiam que nada ocorreria quanto àquilo, e os alunos estavam com medo de serem perseguidos pelo professor ou por seus colegas depois, mesmo que isso significasse apenas ter uma má fama entre parte dos docentes.

Em uma de suas últimas aulas, o professor chegou com cerca de 20 minutos de atraso, então, dirigiu-se imediatamente à sua mesa, tirou seu caderno da bolsa e foi para a frente da lousa. Logo, deu um breve e tímido “bom dia”

à turma sem olhar para os alunos, e começou a escrever no quadro enquanto segurava o caderno com uma de suas mãos. Por um bom tempo, sem falar qualquer coisa, ele ficou escrevendo no quadro, reproduzindo seus desenhos e suas equações — seus desenhos, aliás, eram muito bons.

De repente, sem mais nem menos, ele fechou o caderno, parou de escrever, abaixou um pouco a cabeça enquanto a balançava em sinal negativo, e disse uma frase que não consegui ouvir direito — parecia enlouquecido, falando apenas consigo mesmo. Então, rapidamente, foi para a frente dos alunos e começou a olhar para alguns com os olhos arregalados e com uma expressão facial assustadora, como se estivesse tendo um surto psicótico, e disse: “Vocês estão rindo do quê?! Tem algum palhaço aqui?! Eu dou meu sangue para preparar essas aulas para vocês, e para quê?! Para isso?! Não! Comigo não! Matéria dada, viu! Vocês que se virem!” Então, foi embora sem sequer levar todas as suas coisas.

Meus ouvidos são muito bons, e eu sempre levei muito a sério a ideia de que os alunos não devem ficar conversando durante a aula; sempre ficava incomodado quando via colegas meus em meio a conversas paralelas

que eram suficientemente altas para desconcentrar outras pessoas. Francamente, se o papo for alto o bastante para que alguém fique com dificuldade de prestar a atenção à única coisa que importa naquele momento, que é a aula, então está, sim, atrapalhando e, portanto, tal conversa não deve acontecer. E, como o orador nem sempre consegue ter uma boa noção a respeito do quão alta pode estar a potência de sua voz aos ouvidos dos demais, o melhor é simplesmente não abrir a boca se não for realmente necessário e se não estiver se dirigindo ao professor.

Se alguém tivesse feito isso, eu certamente teria ouvido, e eu jamais aprovaria aquilo, ainda que partisse de algum amigo meu, pois teria sido desrespeitoso para com o professor e para com os demais colegas, ainda mais durante uma aula.

Podem acreditar: ninguém havia dito qualquer coisa, e não havia qualquer pessoa rindo naquela sala. O professor simplesmente surtou, mesmo. Talvez, em sua cabeça, alguém estivesse falando algo, rindo, ou algo assim; agora, naquela sala, não. Os alunos até se entreolharam e não sabiam sequer o que dizer ou fazer. Havíamos até esperado por ele por vários minutos pensando que haveria alguma

chance de ele retornar, ainda mais por ter deixado alguns de seus pertences pessoais por lá, mas não retornou.

Capítulo 3

Aquela da prova desorganizada

No mesmo quadrimestre em que eu estava cursando aquela “maravilha” de disciplina de *MecSol*, eu estava também cursando a divertida disciplina de *Sistemas Microprocessados*. Aliás, a aula de *Microprocessados* era imediatamente após a de *MecSol*, lembrando que, na UFABC, infelizmente, não existem intervalos formalmente definidos entre as disciplinas.

Para a minha tristeza — e, também, a de alguns colegas meus —, a segunda prova de *MecSol* havia sido

agendada para o mesmo dia da prova de *Microprocessados*. Chegamos a tentar uma mudança de dia com os professores, mas nenhum deles aceitou ceder. A tentativa mais legítima havia sido feita com o professor de *Microprocessados*, porque o de *MecSol* parecia ser um doido varrido, tal como vocês devem imaginar após terem lido o Capítulo 2.

No dia das provas, procurei manter a calma e cheguei relativamente cedo, com o objetivo de passar com tranquilidade pelo banheiro, beber uma água no bebedouro e encher minha garrafa de água, sentar-me em um banco próximo à sala para tomar um ar e deixar de lado as preocupações.

Logo que o professor chegou, entrei na sala, retirei da mochila apenas o estojo, a calculadora e a régua, deixei a mochila em frente à lousa, tal como havia sido exigido pelo professor, então fui para o local onde o professor havia indicado — ele indicava onde ele queria cada aluno; era um tipo de maluquice própria dele — tentando manter a calma enquanto aguardava.

O professor não aceitava, de modo algum, fazer aquele típico esquema de colocar um conjunto de provas nas mãos

dos alunos da frente da sala para que eles pegassem uma prova para si e passassem as demais para trás, e os demais repetissem esse processo até que todos recebessem. Para ele, o único modo aceitável era que ele próprio colocasse a prova nas mãos de cada aluno e, naquela mesma hora, já conferisse a identidade do aluno e colhesse sua assinatura na lista.

Eu até posso dar uma colher de chá de tolerância quanto a uma possível preocupação que talvez o professor tivesse em relação à entrega das folhas de questões, pois entendo que haja professores que têm certo receio quanto à possibilidade de algum aluno “espertinho” tentar, intencionalmente, levar uma folha de questões para casa com o intuito de compartilhar com colegas que viessem a fazer a prova em outro momento. Ainda assim, penso que haveria outras formas de se lidar com esse tipo de situação; formas que julgo serem mais eficazes e menos estressantes para todos os envolvidos, mas isso não vem ao caso agora.

Mais do que isso, o professor também não aceitava que os alunos comesçassem assim que ele tivesse feito a entrega da prova, conferido a identidade e colhido a assinatura. É compreensível, porque é preciso que todos

os alunos tenham o mesmo limite de tempo para realizar a prova, e a prova deve ter a mesma duração máxima para todos, respeitando-se o horário da aula. Porém, desta forma, para começar, era preciso que ele tivesse concluído todo esse procedimento com a turma toda, ido até a frente da sala, lido a prova, questão por questão, junto com os alunos, e dado as suas orientações. Dá para imaginar o problema disso com certa facilidade. Resultado: acabamos nos atrasando cerca de 30 minutos.

Segundo ele, ele estava ciente de que aquilo havia causado um atraso na prova, então ele decidiu que poderíamos ficar por mais 30 minutos por lá, visto que não havia aula marcada para ocorrer naquela mesma sala em seguida. Ele simplesmente ignorou por completo o fato de que vários alunos teriam aula depois e, como foi o caso de uma boa parte da turma, muitos teriam prova depois, e volto a lembrar que não há tempo de intervalo entre as aulas.

Durante a prova, assim como muitos professores fazem, o professor começou a olhar as provas dos alunos, carteira por carteira, mas, diferente da imensa maioria dos demais professores, este professor achou que seria uma boa

ideia começar a falar, em voz bastante alta, os erros que alguns alunos estavam cometendo em suas resoluções, e começou a dar sermão na turma a cada 15 minutos de prova.

Ficava dizendo que aquilo era uma vergonha, que era uma prova para se fazer em 30 minutos, que um garoto estudioso do ensino médio já teria terminado, que nós não levávamos a sério a graduação, que ele havia gasto um tempão com uma aula de revisão que foi totalmente ignorada pela turma, que daquele jeito nós nunca seríamos “engenheiros de verdade” — *Falácia do Escocês* —, que ele havia visto um monte de gente fazendo lambanças na resolução, que nós não conseguíamos prestar atenção nem ao básico, e por aí vai. Muito estimulante e reconfortante, ainda mais durante uma prova P2 depois de um quadrimestre pesadíssimo e com direito a todo um conjunto de demonstrações do mais alto nível de insanidade dele próprio.

Por causa de todo aquele atraso completamente irresponsável e inconsequente que o professor havia causado, além de todo o estresse psicológico a que havia submetido toda a turma, eu já sabia que chegaria bastante atrasado

à prova seguinte, que era a de *Microprocessados*, então eu fiquei bastante afoito e procurei acelerar bastante todo o processo, para que eu pudesse concluir logo uma prova e correr para a outra, que ficava em outra sala, que não era nada perto.

Corri para a sala depois de subir alguns lances de escada e entrei com a maior parte da turma já tendo iniciado a prova; peguei apenas uma pequena parte de uma segunda explicação que o professor havia generosamente fornecido àqueles que haviam se atrasado em uma primeira leva de alunos atrasados, mas não consegui pegar quase nada da explicação; apenas tive condições de pegar a parte final de uma resposta do professor a um colega que havia feito uma pergunta.

Até hoje não sei quem foi, mas um colega, de lá do fundo da sala, havia perguntado: *“Professor, caso eu precise de mais folhas, posso pegar com o senhor?”* Então, depois de alguns poucos segundos de silêncio, o professor levantou um pouco a cabeça por cima do monitor, olhou por cima dos óculos para a turma e disse: *“Olha... se precisar mesmo, pode vir pegar aqui. Mas, olha... não é para precisar”*, e voltou a se sentar mais confortavelmente

com uma expressão séria.

Naquela mesma hora, eu já pensei que a última coisa que eu deveria fazer, então, seria pedir mais uma folha àquele professor, porque ele realmente pareceu estar falando muito seriamente, e eu não sentia que tinha qualquer moral com ele. Em algumas aulas de laboratório, ele passava pela bancada em que eu estava e me olhava com uma cara de quem parecia duvidar das minhas capacidades. Ele nunca chegou a dizer aquilo; talvez fosse coisa da minha cabeça. De qualquer forma, eu tinha um certo receio de causar uma má impressão.

O problema é que, sobre a carteira em que eu havia me sentado, havia apenas uma folha — a de questões. Eu queria muito pedir uma folha sulfite, mas depois daquela resposta do professor, eu reconheço que me deixei intimidar, então pensei que ele talvez quisesse que respondêssemos tudo naquela mesma folha (de questões). Até cheguei a pensar: *“Parece loucura, mas, se ele quer que seja feito dessa forma, vamos lá”*.

Aquilo era uma folha de questões com ambos os lados muito bem ocupados; havia até figuras. Quase não havia espaço para escrever. Vale lembrar que estamos fa-

lando de uma disciplina que, ao menos naquele caso, era inteiramente focada em programação em *Assembly*, que quem é da área sabe que é uma linguagem nada amigável.

Mesmo todo assustado, suando igual a um porco no rolete em um dia de verão, com dores nas costas, com a vista cansada, morrendo de medo de causar uma má impressão aos olhos do professor, eu usei cada milímetro vazio daquela folha de questões, chegando a dar voltas e mais voltas na folha, a ponto de ter que colocar setas para tudo quanto era lado, indicando onde continuaria a resolução, e tendo que virar a folha para continuar do outro lado, e depois fazendo o mesmo procedimento para voltar para o primeiro lado. Enfim, terminei a prova!

Exaurido, levantei a mão para indicar que havia concluído, esperei até que o professor me visse e me chamasse para levar a prova; então, coloquei a folha nas mãos dele. Com um olhar seríssimo, ele olhou para a folha de um lado, virou vagarosamente e olhou do outro lado, então disse: “*E as respostas?*” Então, eu disse: “*Estão aí mesmo, professor*”. Ele, sem entender, perguntou o que eu queria dizer com aquilo, e eu disse que eu havia respondido tudo ali.

O professor, um homem que até então parecia ser

bastante sério, começou a rir descontroladamente, e como boa parte da turma havia ouvido, todos os que estavam presentes também haviam começado a rir muito. O professor, então, perguntou o motivo de eu ter feito aquilo, e eu respondi que, depois da resposta séria que ele havia dado ao meu colega dizendo que *“não era para precisar”*, eu havia ficado com medo, então achei melhor me virar.

No fim, ele chegou a descontar um ponto por desorganização, mas me parabenizou por ter acertado tudo o que fiz na prova, e deu mais algumas risadas.

Capítulo 4

Aquela da sala 202-0

Desde o início de minha graduação, eu ficava pelo campus universitário para estudar e fazer todas as tarefas das disciplinas, pois isso me permitia chegar à minha casa já despreocupado quanto às minhas tarefas relacionadas à minha graduação. Quando a minha pesquisa no programa *Pesquisando Desde o Primeiro Dia* (**PDPD**) havia começado, eu ficava com uma frequência e com uma duração ainda maiores, mas aí eu ficava uma boa parte do tempo na sala do meu orientador.

Enquanto isso, meus amigos e colegas procuravam por um lugar no campus para estudar. Não havia mui-

tas opções — e até aproveito para deixar a crítica de que até hoje não há, de fato, muitas opções. As salas naquela época ficavam fechadas, e só podiam ser abertas pelos zeladores — sim, naquela época havia zeladores pelo campus. A biblioteca naquela época ficava nos dois primeiros andares do Bloco A, só era acessível a partir do andar superior, e não possuía muitos lugares para estudar por lá; fora o fato de, inicialmente, não haver espaços de estudo propícios para estudos em grupo ali.

Felizmente, um de nossos amigos acabou descobrindo uma sala em que, supostamente, qualquer um podia simplesmente entrar e usar; sendo que, além de alguns poucos espaços individuais de estudo, havia também algumas subdivisões internas de pequenas salas com portas e janelas de vidro, que depois passaram a chamar de aquários. Essa era a sala 202-0. Além disso, lá havia tomadas elétricas e um ponto de acesso à Internet cabeada, que era bem mais estável e com uma velocidade significativamente superior. Certamente, um ambiente bem mais agradável do que as alternativas mais rudimentares que o pessoal encontrava.

Caso você só conheça a sala 202-0 desde algum ano a partir de 2015, aposto como você deve estar imaginando

o quão lotada aquela sala devia ser, certo? Mas é aqui que está a bizarrice disso tudo: quase nunca havia alguém por lá. Não sei bem se era por não saberem da existência da sala, ou se era por pensarem que não era só entrar e usar, ou se o pessoal simplesmente não queria utilizar. Até chegamos a pensar na possibilidade de nós estarmos lá de forma irregular, porque, como quase nunca havia alguém além de nós mesmos, não nos surpreenderia se algum funcionário da casa chegasse ali e pedisse que nos retirássemos por se tratar de uma sala ainda não finalizada, ou algo assim; porém, como nada disso ocorria, nós simplesmente continuamos a utilizá-la, mas sempre com a sensação de que aquilo poderia ocorrer a qualquer momento.

O fato é que não utilizavam, e aquilo era ótimo para nós. Assim que as aulas acabavam, o pessoal ia almoçar com calma, voltava ao Bloco A, passava pelo banheiro, e depois ia à sala 202-0, já sabendo que o nosso grupo estaria por lá. Ficávamos naquela sala durante a tarde toda; no caso de quem ainda pegava alguma disciplina à noite, chegava a ficar até o horário da aula por lá.

E esse ponto tem todo um significado extra para aquela sala, porque, antes de a sala 202-0 surgir em nossas

vidas, era muito comum vermos colegas do período diurno querendo cursar algumas disciplinas em turmas que ocorreriam no período vespertino ou no período noturno, mas nem sempre aceitarem ficar pelo campus para isso e, portanto, nem ao menos tentando se matricular nessas disciplinas extras. Com a sala 202-0 em nossas vidas, o pessoal passou a ter mais coragem e ânimo para pegar disciplinas à tarde e à noite, pois teriam um canto para ficar estudando de forma minimamente confortável até o horário das aulas.

Conforme o tempo foi passando, aquele lugar foi, de alguma maneira, se transformando em nosso “cantinho especial”. Além do espaço de estudos, era também um espaço para encontrar alguns dos amigos. Era onde resolvíamos listas de exercícios das várias disciplinas que cursávamos e nos preparávamos para provas, mas também era onde trocávamos ideias sobre os mais variados assuntos, mesmo sem ter relação com a Universidade.

Certo dia, durante o inverno, um de nossos amigos chegou todo feliz com uma cafeteira e disse que agora poderíamos tomar um café quente, o que seria ótimo, dado o fato de não haver alternativas muito próximas para quem

quisesse tomar um café, e todas elas eram caras e de baixíssima qualidade. Não que o café daquela cafeteira fosse o melhor café do mundo, mas era bem melhor e mais barato do que encontrávamos nos poucos locais que vendiam café pelas redondezas.

Nós havíamos ficado felicíssimos com aquilo. Além do espaço agradável daquela sala, ainda teríamos café quente! Novamente, com o passar do tempo, fomos aprimorando a experiência. Fomos fazendo mais amigos e colegas, que depois também haviam passado a frequentar o espaço conosco, então eu acabei decidindo contribuir com a compra de uma cafeteira nova e maior. Cheguei até a comprar um xarope de caramelo para adoçar o café — aquilo estava ficando muito chique!

Nós tínhamos todo um kit para o preparo do café. Tínhamos duas cafeteiras elétricas, filtros de papel, pacotes de café torrado e moído — às vezes, nós nos dávamos ao luxo de comprar até mesmo uns cafés diferenciados no mercado, como uma espécie de comemoração por algum feito, mesmo que se tratasse apenas do fim do quadrimestre —, talheres, copos de plástico — houve uma breve época durante a qual eu havia conseguido até alguns copos

de isopor, que eram muito mais agradáveis para bebidas quentes —, xarope de caramelo e um conjunto de itens para a limpeza desses materiais. Deixávamos isso em uma sacola de ráfia que guardávamos ao fundo do armário de um de nossos amigos.

Isso foi se tornando cada vez mais estratégico. Compramos um cadeado de senha e compartilhamos a senha apenas entre os nossos poucos amigos mais próximos, de modo a procurar preservar a segurança do armário; até mudávamos a senha de tempos em tempos, e compartilhávamos a senha nova apenas em nosso pequeno grupo pelo *WhatsApp*. Em geral, ficávamos por lá quase todos os dias, mas havia exceções, e alguns dos nossos amigos poderiam querer tomar um café em algum horário incomum para os demais, então aquilo passou a ser muito legal; era uma mão na roda.

Ainda sobre o armário, nós também construímos uma espécie de papelaria reserva comunitária por lá. Levei maços de papel sulfite, borrachas, minas de grafite, lapiseiras, canetas, calculadoras científicas, adaptadores de tomada, *Pen Drives*, cabos USB, pastas com elástico, grampeador, cliques de papel, elásticos, sacos plásticos, um pequeno

guarda-chuva, e até alguma pequeníssima quantia em espécie para emergências.

Aos poucos, incrementamos muito aquele lugar. Eu havia levado um filtro de linha com oito tomadas, então o pessoal podia ligar os *Notebooks* lá, deixar carregando celular, e até ligar as cafeteiras com mais facilidade. Chegamos até a fazer um pequeno processo de soldagem de uma placa eletrônica lá mesmo.

Depois, um amigo nosso levou um roteador sem fio, que havia configurado e plugado naquela que era a única conexão cabeada da sala na época; assim, todos do nosso grupo passaram a ter acesso à rede sem fio — naquela época, não havia um roteador sem fio dentro da 202-0 —, e a rede cabeada continuava disponível para quem quisesse apenas chegar ali e plugar o cabo.

Até aqui, tudo parecia estar indo maravilhosamente bem; porém, entre 2013 e 2014, a sala 202-0 havia começado a ficar mais disputada. Em vez de conseguirmos sempre o nosso cantinho logo que chegávamos a qualquer hora, começamos a enfrentar dias que tínhamos que ficar aguardando nas baias individuais até que liberassem algum dos aquários, e quase sempre era um aquário pequeno,

o que era ruim para nós, pois nosso grupo era grande, e não queríamos que outros amigos se sentissem excluídos e tivessem que ficar sozinhos nas baias individuais.

Estávamos ali para estudar em grupo; fazíamos as mesmas disciplinas e queríamos discutir sobre as matérias, discutir resoluções de questões. Toda essa história do café era muito legal, mas a verdade é que nós queríamos mesmo estudar juntos. Se fosse só pelo café, pegaríamos um copo com quem tivesse feito dentro da sala e voltariamos aos estudos individuais — até havia alguns amigos que faziam isso quando queriam se concentrar mais intensamente em um estudo individual —, mas não era esse o propósito. É claro que conversávamos também, mas realmente não era esse o ponto principal. Nosso grupo era de um pessoal que levava bastante a sério a formação.

O problema mesmo era quando chegava a véspera das provas. Cerca de uma semana antes das provas, principalmente as do *Bacharelado em Ciência e Tecnologia* (BCT), já era possível ver o quão difícil passava a ser encontrar um lugar naquela sala, mesmo para quem quisesse apenas estudar sozinho em uma das baias individuais. Conforme a dificuldade de conseguir um espaço por

lá aumentava, começava a ficar ainda mais fácil encontrar gente com comportamentos questionáveis.

Sempre havia algum palhaço que pegava apenas para si um aquário inteiro, onde facilmente poderiam estar pelo menos 4 ou 5 pessoas, caso fossem os aquários menores. Alguns mentiam dizendo que estavam aguardando amigos, ou que os amigos haviam ido ao banheiro, mas que voltariam logo; contudo, era um tanto fácil de constatar que era mentira, porque chegávamos a passar por lá várias e várias vezes para checar se os tais amigos haviam retornado e, mesmo que voltássemos várias vezes ao longo de 1 ou 2 horas, o indivíduo continuava sozinho em uma sala onde seria possível colocar mais de 10 pessoas quando se tratava dos aquários maiores, que ficavam nas laterais ao fundo, onde havia duas mesas grandes e muito espaço sobrando.

Fora isso, também era comum alguns alunos correrem para lá imediatamente após as aulas, chegando ao ponto até de saírem mais cedo só para isso. É possível que muitos professores não saibam disso, mas muitos dos alunos que eles viam saindo mais cedo de suas aulas no período diurno (matutino ou vespertino), diferente do que

eles talvez pensassem, não iam simplesmente embora, mas iam, sim, procurar um lugar em alguma sala de estudos, tal como a famosa 202-0.

Por causa da enorme disputa pelos poucos locais de estudo que o campus oferecia — e que parecem ser os mesmos poucos que continua a oferecer —, caso os alunos aguardassem pelo término de suas aulas para que, só então, fossem atrás de um lugar nas salas de estudos, suas chances de conseguir um lugar seriam mínimas, e eles provavelmente dependeriam de muita sorte para conseguir uma mesa. Havia até quem estudasse jogado ao chão, ou até fosse à praça de alimentação do hipermercado ao lado do campus para ter um local para estudar. Os responsáveis pela gestão desta questão na Universidade deveriam ter vergonha disso.

Depois de um tempo, os alunos continuaram indo mais cedo para a 202-0, mas já não era mais para eles próprios ficarem por lá; em vez disso, faziam isso para deixarem várias mochilas dentro de algum dos aquários, como se isso significasse que estavam “guardando lugar”. Então, iam ao *Restaurante Universitário* (**RU**) para almoçar despreocupados, e voltavam para continuar seus estudos (ou

sua farra) com tranquilidade, ainda que tivessem de levar horas para retornarem, o que impediria o uso do espaço (público) por outras pessoas durante todo esse processo.

Vimos muitas discussões por causa de tal atitude. Chegamos a ver gente pegando raiva desse comportamento, entrando no aquário, tirando as mochilas de lá de dentro e colocando ao lado de fora. Algumas vezes, jogavam ao chão; em outras, colocavam em alguma baia individual desocupada e até colocavam um papel sulfite com alguma mensagem criticando a atitude. A maioria não contestava quando ocorria, mas já houve casos que sim.

Havia até quem fizesse o esquema de ativar o pino de tranca da porta do aquário e puxar a porta para trancá-la; então, na volta, a pessoa destrancava com o auxílio de algum material, como a própria carteirinha ou algo similar. Poucos sabiam fazer isso corretamente; se não soubesse fazer, poderia até quebrar o cartão, como vi ocorrer em várias ocasiões.

Em meados de 2015, a situação já estava a nível de loucura; aquilo parecia um manicômio, de tanta gente jogada para tudo que era lado para estudar. Era quase impossível encontrar um lugar para estudar naquele campus

inteiro, e isso mesmo com a sala 201-0, que era inteiramente de estudo individual, com a sala 202-0, que era de estudo em grupo e com algumas baias individuais, e com a sala 203-0, que era também de estudo individual, mas tinha computadores com acesso à Internet. Até fora das vésperas de provas, aquilo era um inferno durante o dia todo, e a tendência era só piorar, pois entravam muitos alunos e saíam pouquíssimos a cada ano.

Aos poucos, nossos amigos e colegas foram indo cada um para um canto diferente, principalmente por causa das diferenças de cursos pós-BCT, e houve até mudança de campus no caso de alguns colegas, inclusive por causa do fato de vários dos cursos terem migrado formalmente do campus *Santo André* (**SA**) para o campus *São Bernardo do Campo* (**SBC**).

Assim, como a própria sala já estava quase inutilizável à nossa maneira, e como nosso próprio grupo já foi se desfazendo, acabamos com a 202-0 apenas em nossas lembranças.

Capítulo 5

Aquela dos poréns do Help

Como você já deve saber a esta altura, na UFABC, os alunos podem escolher em quais turmas se matricularão, e isso não é como na maior parte das demais instituições, porque a UFABC permite que todo e qualquer aluno de qualquer curso da graduação possa solicitar matrícula em qualquer turma que faça parte de um processo de matrículas.

Na maior parte das vezes, os alunos recebem a informação de quem será o professor de cada uma das turmas

que participarão do próximo período de matrículas. Com isso, já que há a possibilidade de escolher, os alunos se desdobram para descobrir tudo o que estiver a seu alcance sobre cada um dos professores em seu leque de opções. É claro que a maioria, como só quer passar na disciplina, está bem mais preocupada com o quão fácil serão as cobranças, e não liga tanto para o aprendizado em si; porém, há, sim, vários alunos que estão interessados no conjunto da obra.

Devido a essa preocupação de tantos estudantes, era comum ver os estudantes, sobretudo os mais novos, postando perguntas sobre cada um dos professores em tudo o que fosse grupo de rede social relacionada à Universidade. Já tivemos até alguns casos engraçados, com alunos fazendo essas postagens perguntando sobre os professores e com os próprios professores respondendo de forma cômica, só para mostrar que eles também poderiam estar nos grupos em que tais perguntas eram feitas, mas sem dar respostas que soassem ofensivas; era mais uma brincadeira, que penso ser até saudável, e que até ajuda o aluno a ficar mais atento ao que está fazendo, pois uma pequena parte das perguntas e de alguns dos comentários era carregada de algumas palavras e de alguns comentários um

tanto inapropriados.

Apesar de todos terem achado graça nas vezes que isso rolou, também é verdade que acabou criando uma demanda enorme por alguma solução eficaz que permitisse que os alunos pudessem colher as opiniões dos veteranos sobre os professores, mas sem deixar tudo tão às vistas, pois não queriam ser julgados apenas por quererem se informar. Os grupos de *WhatsApp*, *Facebook* e *Telegram* até ajudavam, mas não eram a mesma coisa. O próprio mecanismo de busca dessas soluções está longe de ser bom. Algo precisava ser feito, e viram que seria legal ter um site específico só para isso, então criaram o *UFABC Help*.

O *Help* exigia login via *Facebook* para acessar, o que permitia que fosse feita uma checagem quanto à legitimidade da conta, que tinha, necessariamente, de ser de um aluno da instituição — pelo menos era nisso que gostávamos de acreditar, porque saber realmente se isso era feito, não tínhamos como saber; apenas confiávamos. Nessa plataforma, era possível informar o conceito com que você havia finalizado a disciplina e escrever um comentário. O campo de comentários era livre; não havia exigências quanto ao que deveria ser colocado ali. Alguns

alunos focavam em falar mais sobre o método do professor; outros, mais sobre as características particulares do professor, como o seu modo de agir em sala de aula, ou o seu jeito de lidar com os alunos.

Da mesma forma que havia pessoas que se preocupavam muito em tentar passar a mais completa e fiel informação sobre o que os próximos alunos precisariam saber para avaliar de forma adequada qual dos docentes disponíveis estaria mais próximo do que se desejaria, também havia pessoas — estas já em um número um tanto menor — que pareciam querer entrar em algum tipo de guerra pessoal, fosse para atacar a própria imagem do docente, fosse para defendê-lo a qualquer custo, por mais que fosse necessário mentir à vontade no comentário.

Essas guerras pela imagem dos docentes acabavam prejudicando demais a imagem e a legitimidade da plataforma em diversos aspectos, apesar de parecer que poucos realmente se davam conta desses acontecimentos. Alunos que gostavam demais dos docentes por questões que nada tinham a ver com a disciplina entravam na plataforma com o intuito de ficar floreando demais sua imagem; eram como tientes dos professores, e não podiam ver alguma crí-

tica ao docente, que já queriam pular à sua frente com a *Égide*. É claro que quem tinha algum tipo de queda pelo docente também vinha com unhas e dentes para defender a imagem de seu ídolo. Era bem ridículo.

O problema é que, muito mais comum do que isso era quando alunos que pegavam raiva do docente simplesmente por não terem sido aprovados na disciplina e, por terem culpado erroneamente o docente por suas próprias falhas, decidiam que precisavam descontar sua raiva tentando, de alguma maneira, prejudicar a imagem do professor perante os demais alunos.

Eu mesmo testemunhei casos de injustiças desse tipo. Cheguei a ver múltiplas vezes alguns alunos escrevendo depoimentos enquanto conversavam em voz alta com colegas sobre o que colocar ali; havia, sim, muitas verdades em vários dos comentários que eu li sobre muitos dos professores, e isso inclui comentários que talvez até fossem considerado um tanto pesados; mas, caso isso não fosse suficiente para produzir o efeito negativo almejado sobre a imagem do docente, eram introduzidas informações falsas. Com isso, era bem visível que, para uma pequena parte da comunidade, parecia valer tudo para alcançar o objetivo de melhorar

ou prejudicar a imagem do docente.

É óbvio que, cedo ou tarde, vários dos docentes tomariam conhecimento sobre a existência da plataforma e, mais do que isso, alguns passariam a ter acesso às suas informações, fosse por terem criado alguma conta falsa que tivesse passado pela verificação de legitimidade — que suponho que exista —, fosse por simplesmente terem mais proximidade com algum aluno da graduação, como um aluno de PDPD, de *Iniciação Científica (IC)*, de *Trabalho de Graduação (TG)*, de extensão, ou monitoria, e colhendo junto a esse aluno alguma informação, dado que esse aluno teria acesso legítimo à plataforma.

Alguns docentes sequer precisavam falar qualquer coisa, porque alguns dos próprios alunos, sobretudo os alunos que achavam que havia injustiças a respeito do docente na plataforma, passavam informações aos docentes sem sequer terem recebido um pedido direto. Bastava ter o sentimento de injustiça e alguma proximidade com o docente para que tal informação fosse, cedo ou tarde, divulgada. Sobre isso, eu tive a confirmação advinda de diversos docentes de diferentes cursos, e tive a confirmação, também, por parte de alguns colegas meus que já passa-

ram informações desses Feedbacks a docentes com quem trabalhavam mais de perto, então não é algo tão incomum quanto alguns pensavam.

Professores são seres humanos como outros quaisquer; logo, não são livres de imperfeições. Professores também têm sentimentos, também têm vontades, também têm medos, também sentem vergonha, também se cansam, e podem se preocupar com coisas supérfluas, da mesma forma que os alunos. Desta forma, é claro que, uma hora ou outra, haveria docentes levando aquelas informações a seu respeito em consideração, e talvez até de uma forma perigosa. Estavam certos em fazer isso? A meu ver, de modo algum, mas realmente havia quem sequer suspeitasse que isso poderia ocorrer em algum momento?

Nem tudo o que estava escrito era falso; havia muitas verdades escritas ali — francamente, acredito que a maioria do que eu cheguei a ler me parecia ser verdade, pelo menos a respeito dos docentes com quem tive contato, mas já vi muitas mentiras escritas ali também —, por mais que aquilo incomodasse o docente, mas acho que isso não importa, porque o ponto é que havia ficado um clima de simplesmente “falar mal” ou “falar bem”, como

se fosse uma espécie de concurso de popularidade, independentemente da veracidade; afinal, não havia realmente como checar minuciosamente as informações.

Os alunos mais novos procuravam, de alguma forma, utilizar aquilo para se guiarem, mesmo podendo correr vários riscos por fazerem isso sem um nível suficientemente alto de maturidade. E, convenhamos, não faz muito sentido esperar muita maturidade de alunos tão novos. Não é à toa que tantos utilizem critérios tão questionáveis para tomarem suas decisões.

Poucos alunos eram cuidadosos na hora de tirar conclusões, e isso intensificava ainda mais a sensação de injustiça por parte de vários dos docentes. Isso produziu um sentimento muito ruim em vários professores. Enquanto vários alunos pensavam que estavam fazendo justiça ali, vários docentes ficavam com a sensação de que havia grandes grupos de alunos ingratos e grosseiros que se juntavam na plataforma para fazer algo como o que hoje chamariam de “cancelamento”.

Certa vez, ouvi de alguns docentes a ideia de que, da mesma forma que os alunos poderiam falar sobre os professores e utilizar isso para decidir com quem fariam

a disciplina, os professores também deveriam ter o direito de falar sobre os alunos e decidir quais aceitariam em suas turmas, porque ali ninguém é cliente para ficar escolhendo tudo da forma que quer, não. E vários docentes — quase todos — próximos naquele momento pareciam concordar com isso.

Alguns anos depois, em outra roda de conversa entre professores, testemunhei outros docentes comentando quase que exatamente o mesmo que aquilo. Docentes de outros cursos, de outros centros, e eu não me refiro a pequenos grupos de professores de 2 ou 3 cursos, não. É claro que não estamos falando aqui de algo que seria colocado em prática, mas não é preciso chegar a esse ponto para ser algo desagradável; o simples fato de haver tantos docentes com esse sentimento negativo já é, por si só, um problema.

Para os fins desta história, não importa quem tem razão nisso e, em relação a esse aspecto, eu não ficarei aqui defendendo um dos lados, porque eu mesmo não concordo com a completude das interpretações de qualquer um dos lados. Ambos exibem severos problemas de maturidade e de serenidade nas avaliações. De qualquer maneira, dá

para notar que há um clima horroroso envolvido. Não penso que o culpado disso seja o *Help*, pois trata-se apenas de uma plataforma por onde os indivíduos compartilhavam suas (supostas) experiências, e não me lembro de ter visto qualquer direcionamento por parte da plataforma para sugerir que os alunos devessem escrever algo de um jeito ou de outro.

Não dá para negar que o *Help* já ajudou, sim, muita gente. Alguns casos específicos de certos docentes que conseguimos contar com os dedos de uma só mão (e que deixam ainda alguns dedos sobrando) são quase criminosos, de tão malévolos que são. São casos muito específicos, raríssimos, mas existentes. Professores que exibem comportamentos severamente preocupantes, e que chegam a provocar sempre a pergunta de como um indivíduo assim pode ser professor. Nos casos desses indivíduos de conduta tão questionável, quanto mais alunos conseguirem se manter distantes, melhor, e essa plataforma ajudou muitos alunos a evitarem tais docentes.

A plataforma também ajudou nos casos de docentes que simplesmente ignoram parte significativa da ementa, só porque acham que não deveriam ter que ensinar aquela

parte por alguma razão, mesmo tendo, sim, obrigação de fazer isso. Isso ocorre muito nos casos de disciplinas compartilhadas entre diferentes cursos. A respeito disso, vale até a pena falar um pouco mais.

Quase sempre há algum lado que é bem mais importante para um dos cursos do que para os demais cursos. Quando o docente não consegue ter a maturidade de ao menos tentar ser agnóstico quanto a isso, é comum que ele foque todo o tempo de aula apenas na parcela da ementa que ele próprio julga ser relevante, sendo que não cabe a ele, naquele momento, decidir o que deve ou não ensinar; há uma ementa definida por um conjunto de docentes, e ela deve ser seguida, com ele gostando ou não.

Discordar da ementa é seu direito — e, francamente, acho que é muito importante que isso continue sendo seu direito —, mas, se quiser mudar, ele precisará buscar os meios cabíveis para isso, e não simplesmente ignorar todos os trâmites necessários e lecionar o que der em sua cabeça. Não se pode permitir que o professor altere como bem entender a ementa da disciplina segundo suas próprias vontades, ainda mais para favorecer ou prejudicar quem quer que seja.

Se eu quiser, por exemplo, cursar a disciplina de *Transformadas* e eu já souber que um dado professor X quase que ignora totalmente a parte referente à *Transformada de Fourier*, sendo que eu pretendo cursar *Engenharia de Informação* (vulgo *Info*), eu já sei que eu devo evitar me matricular em sua turma, porque depois fará uma falta lascada para mim quando eu tiver de pegar disciplinas mais avançadas da *Info*, que esperarão que eu já chegue com aquele conteúdo tendo sido aprendido, e ele não terá sido aprendido porque o professor responsável pela disciplina em que eu deveria ter aprendido isso se negou a respeitar a ementa daquela disciplina.

Nesses casos, fica difícil negar que o *Help* aliviou a barra de vários alunos. O *Help*, de fato, ajudou muitos alunos, sim. Não posso me esquecer dos vários casos de professores novos na instituição, e que muitas vezes eram muito bons, mas que poucos alunos conheciam. Era muito bom saber que não era preciso ficar preocupado com um dado professor de nome desconhecido, porque alguém avisava no *Help* — enquanto ainda não haviam inserido o nome na plataforma, era possível verificar pelo seu específico grupo via *Facebook* — que já havia tido aula com ele, e que havia tido uma boa experiência.

Agora, também é verdade que, de um modo que eu acredito ter sido não intencional, a plataforma contribuiu para alguns outros problemas, e faço questão de dizer que “contribuiu”, porque apenas serviu como veículo para que isso fosse feito; a plataforma em si não é diretamente responsável por isso. Eu me lembro, por exemplo, das vezes que alguns alunos chegavam a formar opiniões muito positivas sobre os professores com base no que liam no *Help*, então, quando chegavam ao quadrimestre seguinte e passavam a ter as aulas, percebiam que haviam se precipitado.

O mesmo ocorria sobre professores que eram muito bons, mas que muitas opiniões altamente questionáveis no *Help* faziam os demais alunos pensarem que eram quase monstros, e só muito tempo depois, já tendo perdido a oportunidade de terem aula com tais professores tão bons, percebiam que haviam feito besteira ao fugir deles. Ou seja, bons professores foram evitados por terem sido vítimas de uma falsa imagem de vilão que criaram sobre eles.

De qualquer forma, uma coisa que os alunos precisam entender, de uma vez por todas, é que eles não são clientes e nem a Universidade nem os professores estão ali para

atender as suas vontades e seus desejos, assim como devem entender que aquilo ali não é um curso rápido; é preciso fazer um esforço e estudar por várias longas horas por dia. E não importa se isso é diferente do que o aluno gostaria, porque a graduação não é um grande *self-service* em que se pode se servir de tudo o que bem der vontade e depois querer dizer que é formado em algo que carrega o nome de um curso tradicional para tentar tirar alguma vantagem disso quando for atrás de empregos ou outras oportunidades.

Ser reprovado em uma disciplina, ou ser aprovado com um conceito abaixo do desejado, não necessariamente implica culpa total e direta do docente; é perfeitamente possível que o principal responsável por isso tenha sido o próprio discente, e isso continua valendo mesmo quando uma parcela monstruosamente grande de alunos exhibe resultados similares. Eu não tiro a responsabilidade dos docentes quanto a isso, de modo algum, pois há vários que são horrorosos mesmo, mas também não posso deixar de me lembrar que, de um modo geral, a meu ver, com base em como hoje eu enxergo, o aluno sempre tem um papel de grande importância e de grande responsabilidade no seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Da mesma forma, os professores também precisam entender, também de uma vez por todas, que eles não estão ali para perpetuar comportamentos revanchistas com aquelas visões estúpidas de “se eu passei por isso, eles também precisam passar” ou “é assim que se forja caráter”, e precisam entender que os alunos não estão ali para estudar somente as matérias deles.

Parte importante da formação dos alunos depende de várias outras atividades, que só podem ser feitas se o conteúdo das disciplinas e a cobrança das disciplinas for justa e coerente, e que não cabe ao professor ficar redefinindo ementas ou cargas horárias para as suas disciplinas; toda disciplina tem suas cargas já projetadas e definidas; então, caso ele discorde disso, poderá ir atrás das formas cabíveis para conseguir tais mudanças, mas não poderá simplesmente ignorar a carga de estudos subdividida entre as categorias conhecidas como *Teoria, Prática e Individual (TPI)*.

O Help acabou evoluindo a ponto de fazerem uma extensão para navegador para auxiliar os alunos nos processos de matrícula incluindo diversos recursos valiosos. A matrícula passou a ficar muito mais agradável com essa

extensão. Deixo até os meus parabéns a quem tenha sido responsável por isso, porque foi muito bem projetado e implementado. O pessoal até fazia questão de relatar as melhorias, e foram, aos poucos, tentando implementar mais recursos, sempre com o intuito de facilitar os processos para os alunos. Acho isso algo muito bonito de se ver; gostaria que houvesse mais disso ocorrendo com mais frequência e maior notoriedade.

Pelo sistema de matrículas da UFABC, o número de turmas era imenso e atrapalhava muito a escolha dos alunos. Havia tudo quanto era turma aparecendo para todos os alunos, independentemente da situação em que estivessem. Com a extensão, era possível remover todas as turmas de disciplinas já concluídas, assim como também era possível manter apenas disciplinas do seu campus de interesse e do seu turno de interesse, e isso por dentro do próprio site de matrículas, sendo algo acrescentado extra-oficialmente, porque, em termos de recursos tecnológicos, a própria matrícula oficial era uma verdadeira vergonha para uma instituição que vivia fazendo uma autopropaganda de que era *“do século XXI”*.

Apesar de haver, sim, algumas críticas relacionadas

ao *Help*, elas nunca são realmente a respeito da plataforma em si, mas, sim, sobre problemas causados por algum mau uso por parte de algum usuário descuidado, ou por alguma falta de maturidade na hora de interpretar as informações, ou mesmo por alguma decisão equivocada por parte do usuário, que depois quer colocar a culpa na plataforma, como se ela fosse a responsável por decidir pelo aluno o que deveria ser feito.

Uma das coisas que a plataforma faz, por exemplo, é dizer se o professor cobra presença. Perceba que ela não fala que você deve preferir outro docente por causa disso; ela apenas informa se o docente que você decidiu investigar parece cobrar presença ou não. O que fazer com essa informação é de responsabilidade do aluno. A plataforma também mostra a distribuição de conceitos dos alunos do docente de acordo com cada disciplina; agora, isso não quer dizer que a plataforma esteja dizendo ao aluno para não se matricular com professores cujos alunos tenham concluído a disciplina com conceitos mais baixos; isso é decisão do aluno.

P.S.: atualmente, o projeto *UFABC Next* dá continuidade ao que fora iniciado pelo *UFABC Help*.

Capítulo 6

Aquela do Fantasma da FAPESP

A fim de concluir um projeto bem complexo para uma competição universitária, fui ao *Laboratório de Sinais e Sistemas (LSS)* da UFABC, onde eu trabalhava. O LSS fica no último andar da Torre 1, no Bloco A do Campus SA da UFABC. É um laboratório fechado, cheio de computadores, armários suspensos, livros e cafeteiras.

Já estávamos com o prazo quase esgotado; aquele já era o dia anterior ao da apresentação do projeto. Para tentar entregá-lo, eu aceitei que precisaria ficar até muito

tarde no laboratório. Todos já haviam ido embora às 19h00, enquanto eu havia ficado por lá trabalhando no projeto, mesmo após ter passado o dia inteiro por lá, e tendo feito algo muito similar em quase todos os vários dias anteriores.

Aproximadamente às 20h00, havia chegado um dos meus colegas; o único que ainda estava aparecendo pelo menos de vez em quando, mesmo que para só dar um “oi” e saber como estavam as coisas. Ele e eu chegamos a resolver vários pontos do trabalho, mas ainda faltava tanto a acabar, que nós havíamos entrado em clima de desistência. Iniciamos uma longa conversa — até um pouco pesada, por mais que ainda educada — que acabou suficientemente tarde para eu desistir de ir embora para a minha casa naquele dia, porque, pelo horário que eu teria de sair, já não encontraria mais transporte público funcionando em uma parte do caminho — uma verdadeira vergonha, tratando-se da *Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)* em pleno século 21.

Como meu colega ia passar no mercado para comprar comida para ele e sua esposa, ele se ofereceu para pegar algo para mim se eu quisesse, então eu aceitei, porque já

estava mais do que claro que eu teria de passar a noite toda no LSS.

Estava frio, garoava com certa intensidade, e eu estava cansado, com fome, com muita sede e com dores nas costas, nas pernas e nos pés. Não era um dos melhores momentos de minha vida. Pedi que me trouxesse algo para fazer uns lanches e uma grande garrafa de suco de laranja — meu favorito. Eu precisava organizar algumas coisas no laboratório e não queria deixar a chave na segurança àquela hora, então eu continuei por lá enquanto ele havia ido ao mercado.

Quando ele voltou, voltamos a conversar mais um pouco enquanto eu comia. Aceitamos que não seria possível concluir o projeto com aquele pouco tempo que restava, e já estávamos exaustos e desanimados. Já estava bem tarde; para lá da meia noite. Fiquei sozinho no laboratório a partir de então. Achei que seria mais seguro passar a noite por lá, e até achei que poderia não ser uma experiência tão ruim, porque, apesar de não conseguir dormir por lá, eu teria uma cadeira confortável, um computador com acesso à Internet e, graças à ida do meu amigo ao mercado, teria alimentos.

O lugar em que eu me sentava era bem no meio do laboratório. Em qualquer lugar ao meu redor havia várias máquinas desocupadas; em frente a mim, um pouco mais distante, havia duas salinhas; à minha direita, também um pouco mais distante, havia a lateral do laboratório com janelas para a área externa, que davam para um estreito corredor, logo na borda externa do prédio, sendo que tal corredor cheio de janelas ia da parte da frente do laboratório até a parte de trás, e essas janelas tinham folhas de plástico texturizadas para conferir certas privacidade e maior concentração a quem trabalhasse lá dentro; e, por fim, lá para a minha frente, mais à esquerda, estava a única porta do laboratório.

O 8º andar, era um lugar vazio e, pelo horário, também estava deserto. Para fins de economia de energia, os seguranças apagavam todas as luzes depois de um certo horário. Não era um lugar pequeno. Era equivalente ao andar inteiro da torre, e com nada além de algumas poucas cadeiras velhas espalhadas por lá.

Não havia janelas, vidros ou quaisquer outras proteções que impedissem de ventar bastante naquele andar, então o vento forte produzia alguns sons de zumbidos, um

pouco parecidos com assovios, dependendo do caso. Bem de vez em quando, também dava para ver e ouvir algumas janelas do laboratório vibrando um pouquinho.

Ter bebido todo aquele suco de laranja acabou me fazendo ter uma vontade insana de ir ao banheiro, mas não havia banheiro próprio no laboratório; eu precisaria ir ao banheiro do 8º andar, que ficava bem longe de onde eu estava.

Para isso, eu precisaria sair do laboratório, trancar a porta por questões de segurança, ir até o lado extremo oposto ao do laboratório, o que significa atravessar todo o andar, então contornar todo refeitório geral pelo estreito corredor do outro lado da torre, e seguir até o fim do próximo corredor, que leva em direção ao banheiro, e tudo isso precisaria ser feito no escuro, durante aquela noite chuvosa e com um vento fortíssimo zumbindo nos meus ouvidos e soprando na minha nuca.

Como não havia alternativas razoáveis, fiz exatamente isso, mas me lembrei da lanterna do celular. Logo depois de sair e trancar a porta, fui a passos largos até o outro lado da torre... quando me dei conta de que o refeitório, que ocupa toda a lateral do lado oposto ao la-

boratório, é inteiramente de vidro.

Pode parecer bobagem, mas, com uma enorme parede de vidro ao lado do parapeito do andar, e com uma escuridão trevosa, fica uma forte sensação de que tem alguém olhando para você de lá de dentro do refeitório o tempo todo. Cheguei a virar a lanterna do celular para lá algumas vezes, mas, obviamente, eu não via qualquer coisa que se mexesse — ainda bem!

Segui até o banheiro e consegui descarregar cada mililitro daquele suco de laranja que havia bebido. Então, retornei rapidamente ao laboratório e fechei a porta; só não a tranquei por se tratar de uma medida de segurança. Por segurança, não podemos trancar a porta enquanto houver alguém dentro, e não podemos deixar a porta destrancada enquanto todos estiverem fora. De qualquer forma, ao ter puxado a porta, senti-me bem mais seguro novamente. O engraçado é que aquilo até me lembrou dois jogos que eu havia jogado muito: *Left 4 Dead* e *Resident Evil*; aquilo parecia ser a *Safe Room* de qualquer um desses jogos.

Mas de nada adiantaria me sentir temporariamente seguro ali dentro se eu não tivesse algo para me distrair; afinal, ainda faltavam várias longas horas até a manhã do

dia seguinte. Aproveitei que estava em um local com computadores com acesso à Internet e fui explorar a maior fonte de tranqueiras que a Internet teria a me oferecer e que me fizessem rir: as redes sociais. Fiquei assistindo a vários vídeos pelo *YouTube*, assistindo a algumas transmissões pela *Twitch* e depois fiquei vagando pelos grupos e páginas de memes e tirinhas pelo *Facebook*.

O problema é que, durante aquele episódio, eu comecei a ouvir novamente o som do vento fazendo as janelas vibrarem e aquele assovio um tanto amedrontador; fora a porta que era toda frouxa e ficava vibrando bem de leve também — aquilo me lembrou muito o episódio sobre *O Abominável Homem das Naves* do *Chapolin Colorado*. Fiquei um tanto assustado e tive vontade de ir para o fundo do laboratório para passar a ter uma visão mais ampla do resto do cômodo, para ter uma maior sensação de controle sobre a situação, quase como uma sentinela, mas não o fiz; continuei onde estava, vendo as redes sociais.

Então, eis que, com minha visão periférica, eu vejo um vulto passando ao meu lado direito, onde ficavam as janelas. Vi só uma espécie de forma esfumada da silhueta de um homínídeo passando lentamente e indo em

direção ao fundo daquele corredor que fica ao lado de fora, entre as janelas do laboratório e o parapeito do andar. O problema é que eu não vi a sombra fazer o caminho de volta, que é o que se esperaria no caso de uma pessoa, como um vigia da própria instituição, por exemplo, e lá atrás não havia qualquer local por onde ele pudesse sair que não dependesse de voltar por onde veio.

Pelo fato de eu ser relativamente baixo, a visão que eu tinha da porta a partir de onde eu estava sentado estava quase que totalmente obstruída por um grande gabinete de computador com uma enorme pilha de livros acadêmicos sobre ele. Eis que, sem mais nem menos, a fechadura da porta do laboratório se abriu, e a porta começou a se abrir bem vagarosamente, fazendo um barulho de rangido de causar um frio na espinha de qualquer um naquela situação.

Enquanto isso, meus olhos se arregalaram enquanto eu olhava travado para a situação sem ver qualquer pessoa que fosse, porque eu só via a parte de cima da porta, que estava se abrindo bem lentamente, como em um filme de suspense ou terror, e fazendo aquele barulho assustador — aquela porta precisava urgentemente de um *WD40*. Real-

mente, aquilo parecia muito uma cena de algum filme de terror bem barato, e parecia que algum monstro ou fantasma apareceria naquele momento. Eu estava tão apavorado, que, de tão assustado, eu estava paralisado.

Depois de todo aquele suspense amedrontador que quase me fez sujar as calças naquele momento, eis que surge a cabeça de um dos vigias institucionais, sorrindo como se fosse o *Tiririca*, e perguntando se estava tudo bem por ali. Eu, com o coração na boca, a mão no peito e olhando todo assustado para ele, disse que estava tudo tranquilo, sim; então, volvei os olhos para o computador, onde os mantive até o início da manhã, quando chegaram os funcionários da limpeza.

Contei aquela história aos meus amigos e colegas de laboratório, que depois acabou ficando mais como um relato cômico do que de suspense; então, devido ao fato de estarmos passando naquela época por um período durante o qual muito conversávamos sobre a bolsa da *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)*, e a dificuldade para se conseguir uma de forma independente, inclusive por alguns de nossos colegas terem sofrido bastante no processo em busca de tal bolsa

de pós-graduação, demos ao “fantasma” que havia assombrado nosso laboratório naquela madrugada aterrorizante o nome de *Fantasma da FAPESP*.

Capítulo 7

Aquela do roubo

Qualquer um que já tenha caminhado pelos arredores do Campus SA da UFABC, ou que pelo menos conheça um pouco sobre a região do *ABC Paulista*, tem alguma ideia de que não é um local que se possa considerar modelo em termos de segurança pública, e eu não restrinjo tal ideia apenas ao período noturno; na verdade, lá é perigoso a qualquer hora.

Em todo ano eleitoral, ainda mais quando nos aproximamos da véspera das eleições, milagrosamente, todo o entorno do campus permanece impecavelmente bem policiado durante o período noturno. Eu diria até que polici-

ado em demasia. São várias viaturas, várias motos, vários policiais... vários tudo! Chega a ser até bizarra a visão, de tanto policiamento. Todo ano em que não há eleições parece ser de completa omissão e total abandono; porém, em ano de eleição, ao final da tarde de cada um dos dias das vésperas de eleições, chegava uma turma toda armada, com giroflex ligado, para mostrar serviço e ficar bem na foto.

Porém, mesmo durante essa mesma época, antes do fim da tarde, simplesmente não havia policiamento. Se você tentasse conversar com eles e questionasse sobre isso, utilizariam a mesma tática vexaminosamente ridícula e demagógica de sempre, que consistia em dizer que não era verdade que não havia policiamento e, então, começariam a soltar dados e estatísticas que se sabe lá da mente de quem devem ter saído, porque, curiosamente, nunca fizeram sentido e sempre estavam em completo desacordo com o que se vivenciava diariamente na região.

Aqui eu falarei sobre um dos tantos casos de roubos que ocorreram na região, e que, neste caso, ocorreu comigo mesmo. Foi um episódio bastante desagradável, e que não traz boas lembranças em qualquer aspecto que seja, mas

que julgo ser importante registrar de alguma forma que vá além de um mero papo entre amigos próximos.

Depois de um problema burocrático que tive, precisei levar um caminhão de documentos até o campus, e queria resolver tudo logo cedo, então saí de casa ainda antes das 06h00. Estava com uma mochila que, apesar de não ser de preço elevado, era muito importante para mim, pois havia sido um presente de minha avó, que naquele mesmo ano viria a falecer.

Dentro da mochila, além de toda uma série de quase todos os documentos que já tive na vida, havia *Notebook*, *Tablet*, *e-Book Reader*, óculos de sol, óculos de grau, um *Squeeze*, muito material de papelaria, uma calculadora gráfica, várias notas de aulas e resoluções de listas de exercícios, entre outras coisas.

Seguindo o que na época era a minha rotina normal, fui caminhando até a estação de *Metrô* na Linha 1 (*Azul*), fiz a baldeação para a Linha 2 (*Verde*) e segui até a estação *Tamanduateí*, onde fiz a baldeação para a plataforma referente à Linha 10 (*Turquesa*) da *Companhia Paulista de Trens Metropolitanos* (**CPTM**), de onde segui até a estação *Santo André — Prefeito Celso Daniel*, onde desem-

barquei, desci da plataforma para a galeria subterrânea, e segui até o *Terminal Leste*.

Ainda bem cedo, com o céu bastante escuro e com a iluminação pública bastante escassa — como sempre —, contornei o terminal, atravessei a famosa pracinha com bancos de cimento, atravessei a *Avenida Antônio Cardoso* na altura do portão da *Rhodia*, então, junto a um pequeno grupo um tanto disperso de pessoas desconhecidas que pareciam trabalhar no *Carrefour*, segui em direção à *Avenida dos Estados*.

Nesse caminho, passei por um ponto de ônibus, que fica logo após a entrada da *Rhodia*. Lá estavam sentados dois homens, que se levantaram logo após a parte da frente daquele grupo disperso ter passado por eles, e eles se misturaram com o grupo, então atravessamos juntos para o outro lado da avenida, onde havia uma pracinha com uma quadra de cimento.

Já do outro lado, os dois homens andaram um pouco mais rapidamente e assumiram a frente do grupo, já com um comportamento estranho, tentando fechar quem tentasse passar. Um homem que seria uma vítima do roubo empurrou levemente um deles e saiu correndo. Então, bas-

tante incomodados com a reação que o homem teve, eles se desesperaram e pareciam querer pegar alguma outra pessoa qualquer para roubar ali, e acabaram me escolhendo. Realmente, não pareciam ter me escolhido desde o início; em vez disso, parecia, na verdade, que eu acabei sendo a opção que havia restado.

Quando foram me parar, um dos homens já estava alucinado de raiva e, ao que parecia, também sob o efeito de algum tipo de droga que o havia deixado bastante acelerado. O homem à minha esquerda, com um moletom azul escuro e com o capuz vestido, parecia ser mais velho e mais experiente no que fazia. Ele ia me dizer para passar a mochila. Porém, antes mesmo que ele tivesse a oportunidade de concluir a pronúncia da palavra “mochila” da frase “passa a mochila”, o outro ladrão, à minha direita, bem mais jovem e perceptivelmente drogado, desferiu um soco em meu rosto.

Quando ele fez aquilo, visivelmente, ele esperava que eu fosse cair com seu soco, mas eu mal havia me mexido. Aquilo foi mais uma das provas de sua inexperiência e do quão alucinado ele estava. Naquele momento, ele havia feito a expressão facial de quem, definitivamente, não es-

perava por aquilo, mesmo com o seu soco nem tendo sido tão forte em mim, porque claramente ele não sabia o que estava fazendo. Eu pesava, tranquilamente, pelo menos o dobro do peso dele. A não ser que ele fosse experiente em alguma arte marcial, alguma luta, ou que acertasse, ainda que sem querer, alguma região crítica do meu corpo, eu não cairia mesmo tão facilmente.

O problema é que, logo que notou que eu não havia caído, o ladrão mais jovem começou a desferir uma sequência bastante rápida de socos desesperadamente. Ciente de que a situação poderia se complicar, o ladrão mais experiente decidiu simplesmente pegar o que queriam e ir embora. Para isso, como ele não conseguia parar o ladrão mais jovem, ele me afastou dele me jogando ao chão e puxando das minhas costas a mochila, quando, muito rapidamente, puxou também o meu celular do bolso de minha bermuda.

No momento que eu havia caído ao chão, o que ocorreu no gramado que fica logo depois da praça — aqui eu notei um pouco mais de noção e um pouco menos de maldade por parte do ladrão mais experiente, pois ele poderia ter me jogado ao chão na parte de cimento, mas clara-

mente optou por me virar e me jogar ao chão justo na parte do gramado —, onde há um ponto de ônibus justo onde começa o terreno do estacionamento do mercado, eu, no chão, olhei para trás e vi um terceiro indivíduo, que eu não havia reparado que estava envolvido na história até então.

Ele estava muito próximo, mas não havia se manifestado e nem entrado de forma evidente na cena, mas estava claramente junto com os outros dois. Esse indivíduo estava vestindo calças largas e uma blusa de moletom, também bem larga, estilo canguru, e estava com as mãos dentro dos bolsos da blusa, como quem segura uma arma escondida no bolso, só olhando enquanto estava pronto para atacar se eu tentasse reagir e tivesse algum êxito.

Depois daquilo, vi os três indo embora e corri em direção aos funcionários do mercado, que me deram algum apoio, deixando-me entrar em uma sala deles, beber água e usar um telefone para ligar para alguém. Fiquei muito irritado quando vi uma das funcionárias contando a história a outros funcionários e insinuando que eu havia reagido. Ela sequer estava lá para saber se isso era verdade, e eu realmente não havia reagido; na verdade, eu

nem tive tempo de reagir, ainda que eu quisesse.

Pelo telefone que haviam me emprestado, entrei em contato com um familiar, que foi comigo até uma *Delegacia de Polícia* (**DP**) de SA. Chegando lá, deixaram-me aguardando por um tempão, até me chamarem e dizerem que eu não deveria ter ido lá, mas, sim, a uma outra DP específica para tratar daquilo, pois, supostamente, aquela região onde havia ocorrido o crime não era de sua responsabilidade, mesmo tendo sido tão perto.

Se tem uma coisa que eu aprendi na vida é que não se deve discutir com esse tipo de gente, por mais que você tenha total razão, e não a pessoa em questão. Por isso, simplesmente agradei — por esse indivíduo ter feito absolutamente nada que contribuísse de alguma maneira — e fui embora de lá.

Fui informado pelo familiar que me acompanhou — uma pessoa experiente e que havia passado pelas forças armadas — que eu jamais deveria ter sido tratado daquela forma, e que qualquer DP deveria ter me atendido e aceitado registrar o *Boletim de Ocorrência* (**BO**) sem qualquer reclamação; então, fomos até uma DP próxima à minha casa, na cidade de São Paulo. Curiosamente, havia

até sido moderadamente bem atendido.

Dado o fato de que atendimentos em DP's costumam ser quase que atos de violência em si mesmos, de tão terríveis que são, mesmo aquele meu atendimento não tendo sido realmente tão bom assim, aquilo havia sido uma surpresa um tanto feliz, pois ao menos eu não havia sido maltratado; só não fui muito bem tratado, mas maltratado eu não fui. Esse é um dos lados tristes de tal instituição ter essa fama — infelizmente, condizente com a realidade — tão ruim: até quando o tratamento não é bom, pelo simples fato de não te intimidarem, não te hostilizarem, não te ameaçarem e não te acusarem de nada, você já tem a sensação de que foi super bem atendido.

Naquela DP, eu havia sido informado de que o funcionário que havia se recusado a registrar o BO na DP de SA havia, sim, cometido um erro, e deveria, sim, ter registrado o BO lá mesmo. Disseram-me que não existe qualquer problema em registrar o BO em outra DP; o que ocorre é que, devido ao fato de que eles precisariam repassar para a DP responsável, isso poderia demorar um pouco mais do que demoraria se eu já tivesse registrado o BO diretamente na própria DP responsável, mas insistiram em

me explicar que qualquer DP deveria aceitar registrar o BO. Disseram-me até que, como ocorre em diversos casos de várias ocorrências, o BO pode até ser realizado via Internet.

Já quase à noite, saí da DP e me dirigi ao *Pronto Socorro* (PS) de um hospital particular próximo àquela DP, onde expliquei o que havia ocorrido à atendente; então, aguardei pelo atendimento. Logo na primeira fase do atendimento após a triagem, um médico ortopedista que havia me atendido havia visto meu rosto e perguntou se eu havia sido assaltado. Confirmei. Então, enquanto fazia as verificações e preenchia os dados pelo computador, ele começou a desabafar sobre um caso em que seu próprio irmão havia pegado um ladrão dentro de seu carro em sua própria casa.

O irmão dele, bastante assustado e revoltado com o fato de ter visto um ladrão furtando seu carro na garagem de sua própria casa, correu desesperadamente em direção ao carro, abriu a porta e desferiu alguns socos no bandido enquanto gritava para que chamassem a *Polícia*. Pouco tempo depois de o ladrão ter sido levado para a DP, o irmão do médico havia sido chamado até a DP para expli-

car o que havia ocorrido, e acabou descobrindo que, não muito tempo depois, o ladrão havia aberto um processo contra ele por causa dos socos que levou. O médico estava visivelmente nervoso com aquilo — e com razão.

De qualquer forma, acabei sendo enviado a uma ala interna do hospital para passar por diversos exames variados para verificar se havia ocorrido algum problema grave, mas, felizmente, havia sido algo mais superficial. Apenas havia sido alertado de que, apesar de naquele momento eu não estar, eu ficaria com o olho um pouco roxo por uns dias. Passaram-me medicamentos para dor e para diminuir o inchaço, que não era tanto, e me mandaram para casa.

No dia seguinte, seguindo a recomendação dos policiais, eu me dirigi a um endereço do *Instituto Médico Legal* (IML) para a coleta do corpo de delito. Eles haviam explicado que eu não precisaria realmente realizar tal etapa, mas insistiram que poderia ajudar no caso. Então, munido de fotos e documentos, tal como haviam me pedido, retornei à DP para anexar aquelas provas ao BO. Cheguei a perguntar ao policial se haveria alguma chance de eu voltar a ter meus pertences devolvidos, mas, só para se ter

uma ideia, o policial chegou a dar risada enquanto dizia “não” com muita tranquilidade e muita assertividade.

Durante um bom tempo, que creio ter durado até alguns anos, evitei andar sozinho pelos arredores do local onde o assalto havia ocorrido. Daquele dia em diante, quase todas as vezes que eu precisava fazer aquele caminho, eu aguardava pelo fretado da antiga Linha 1, que hoje já não existe mais — pelo menos, não da mesma maneira, e não com o mesmo itinerário.

Agora, por mais que não acreditem, não foi o roubo em si que me deixou mais incomodado, mas, sim, o fato de que, ao saberem que eu portava vários equipamentos caros, as pessoas sempre questionam o porquê de eu estar com tudo aquilo naquele lugar, sempre com um ar de quem tenta, de alguma forma, insinuar que a culpa por eu ter sido roubado teria sido minha. Minhas coisas estavam todas dentro de uma mochila nada chamativa, e eu era apenas um estudante vestido como outro jovem qualquer e indo ao campus universitário. Sem joias, sem relógio, com celular pequeno — e nada saliente — em um bolso fundo de uma bermuda simples.

Fora isso, vale lembrar de duas outras coisas essen-

ciais aqui: 1) nunca se coloca a culpa na vítima de um crime; por isso, independentemente do que eu estivesse portando e como eu estivesse vestido, nada justifica terem me agredido e me roubado; e 2) prestando a devida atenção à história desde o início, é fácil notar que eu não era o alvo inicial dos bandidos, e só fui escolhido porque o indivíduo que havia sido escolhido como alvo inicial havia conseguido fugir.

Capítulo 8

Aquela dos amigos decaídos

Quem passa ao menos um tempo por um curso de graduação em uma universidade pública sente na pele o quão difícil é para se formar. Se para entrar na instituição já não é fácil, imagine o quão difícil é para sair de lá com o diploma.

As histórias das pessoas não são iguais. Cada uma passa por um conjunto de experiências que acabam, de um jeito ou de outro, interferindo severamente em quem cada um será. Não chegarei ao ponto de dizer que isso

definirá em caráter absoluto quem será o indivíduo, mas acredito, sim, que chegue a causar impactos muito significativos em quem cada um se torna, ao menos em termos comportamentais.

As pressões que cada um precisa administrar em seu dia a dia, os medos que deve enfrentar, as dificuldades com que precisa lidar. Tudo isso, de alguma forma, causa, em algum grau, certa interferência em tudo o que esse indivíduo faz em sua vida, independentemente de sua idade.

Mesmo quando entram na graduação, não é correto dizer que “estão todos no mesmo barco”. Sei que muitos colegas acreditam que estão, mas estão completamente enganados. Alguns dos alunos têm pais com boas condições econômicas, que chegam até mesmo a comprar um apartamento só para o filho cursar toda a graduação por lá, pertinho do campus; fora o típico caso das classes média-alta e alta, que é “o carro que vai ganhar dos pais quando passar no vestibular”. Enquanto isso, o filho do pobre, em muitas ocasiões, sequer consegue bancar um colchão fino no chão duro em alguma república, que mais parece um cativeiro, com uma dúzia de outras pessoas.

Eu compreendo que a situação real dos alunos da

Universidade não é realmente essa dicotomia; há toda uma série de diferentes níveis socioeconômicos presentes; ainda assim, quero utilizar essas figuras hipotéticas, que são o “filho do rico” e o “filho do pobre”, apenas para ilustrar algumas ideias referentes às discrepâncias que podem, sim, ser encontradas entre boa parte dos alunos das instituições, e que se verificará em tantas outras instituições de nosso país, inclusive em escolas de ensino básico, em cursinhos e em outros ambientes; lembrando, ainda, do fato de que isso se observa, em maior ou menor grau, até mesmo em instituições privadas.

O filho do rico pode almoçar em bons restaurantes, escolhendo os pratos sempre com base no que der vontade de comer na hora ou em suas necessidades nutricionais, e nunca com base no preço; o do pobre, tal como eu mesmo já testemunhei algumas vezes, como até mesmo o próprio RU chega a ser caro para seu bolso, acaba recorrendo ao macarrão instantâneo, com nenhum valor nutricional, que o mercado vende na promoção, e sem sequer conseguir escolher o sabor em boa parte das vezes, porque nem todos os sabores são colocados na promoção que o permite comprar tal produto; tem que ficar sempre com o mais barato.

Enquanto o filho do rico tem à sua disposição os serviços de transporte por aplicativo para circular pela cidade despreocupadamente, sentado em banco de couro, com ar-condicionado, ouvindo as suas músicas favoritas, com sua bagagem no porta-malas, e até escolhendo pelo próprio aplicativo se o motorista terá o direito de lhe dirigir a palavra, o filho do pobre precisa colocar a mala no lombo e arrastar, debaixo de sol quente ou de chuva forte, as suas coisas pelas ruas perigosas, e torcer para não ser mais uma vítima de furto ou roubo, e até mesmo torcer para não ser parado por alguma “força de segurança” que pense que ele é um bandido e venha a maltratá-lo por isso.

O filho do rico tem à sua disposição equipamentos como *Notebooks*, *Tablets*, *Smartphones*, *e-Book Readers*, *Headphones* com cancelamento ativo de ruídos, acesso à Internet via fibra óptica, PC com múltiplos monitores grandes, ar-condicionado em casa, mesa grande, estante cheia de livros novinhos, cadeira de escritório ergonômica, e vários serviços por assinatura; o do pobre, só um espaço em uma sala de estudos compartilhada no campus, e isso quando consegue vaga, e só consegue acessar a Internet pelo *Wi-Fi* do campus, que é completamente instável.

E não vamos nos esquecer de que, quando a situação aperta, o filho do rico, com seu excelente — e também caríssimo — plano de saúde, e com a carteira gorda do papai, pode recorrer a psicólogos particulares, nutricionistas, endocrinologistas, psiquiatras, hebiatras, cardiologistas, neurologistas, nutrólogos, dermatologistas, e pronto atendimento em qualquer um dos principais hospitais e clínicas particulares, independentemente do preço; o do pobre só tem o que a rede pública puder oferecer, que é quase nada, e para tudo ele terá sempre de esperar uma eternidade.

Até mesmo no que diz respeito aos próprios estudos em si, o filho do rico tem vantagens, porque, se tiver muita dificuldade, ele pode recorrer àqueles vários serviços de reforço estudantil, resolução de exercícios, aulas complementares e suplementares, além de professores particulares para atendê-lo conforme a necessidade; o do pobre, por outro lado, só pode recorrer à ajuda de colegas que estiverem dispostos a isso, e ao que ele encontrar gratuitamente pela Internet, tendo que pesquisar em um computador de uso compartilhado no campus, que vive lotado em véspera de provas, com gente egoísta e hipócrita querendo ver postagens inúteis em redes sociais e jogar enquanto outros

precisam fazer trabalhos de disciplinas, trabalhos de IC e estudar.

Sabe aqueles livros que alguns professores passam e que se esgotam rapidamente na biblioteca? Isso nunca foi problema para o filho do rico, porque ele simplesmente pode comprar os livros e mandar entregar em seu local de moradia. Já manda entregar logo todos os livros do quadrimestre, sendo versões até mais novas do que aquelas que a própria universidade tem em sua biblioteca. Se for preciso, compra até de fora, pela *Amazon*, pela *AbeBooks*, pela *BookDepository*, ou afim. O filho do pobre, por outro lado, já depende do que conseguir pegar na biblioteca ou do que encontrar pela Internet utilizando aquelas versões *Jack Sparrow* que claramente foram digitalizadas a partir de uma cópia cheia de rabiscos e anotações, com páginas faltando, e com as páginas todas em angulações diferentes. A respeito de livros, há algo de ridículo que é muito comum de ser observado no filho do rico também, que é o fato de ele achar muito caro gastar R\$100,00 em livros, mas não reclamar de festas *Open Bar* de R\$250,00 que frequenta. Realmente, as prioridades são outras para boa parte dessas pessoas.

Acho que já ficou claro que não estamos falando de pessoas que estão no mesmo barco. E eu nem perderei tempo aqui com quem acha que isso é vitimismo, que é tentar diminuir algum dos grupos socioeconômicos, ou que é exagero. Quem pensa assim pode continuar pensando da forma que bem entender, e que siga com sua vida sem atrapalhar (ainda mais) os demais.

Pelo fato de a UFABC fazer um amplo programa de cotas — se bem me lembro, com pouco mais da metade das vagas destinadas ao sistema de cotas —, sendo que todas elas exigem que o candidato comprove uma condição socioeconômica que esteja abaixo de um determinado limiar, a fim de assegurar que se trata de uma pessoa em condição socioeconômica desprivilegiada, o que diminui significativamente as chances de cometer alguma injustiça, podemos dizer que a maior parcela dos estudantes da graduação vem de grupos socioeconomicamente desfavorecidos. Uma parcela significativamente grande dos alunos vem de famílias pobres.

Um de meus amigos, infelizmente, deixou a Universidade por não aguentar mais morar em uma república com 15 pessoas, almoçar e jantar miojo comprado em promo-

ção, ter que depender de *Wi-Fi* cuja conexão ficava caindo o tempo todo, depender de impressora de gráfica (paga com seu próprio escasso dinheiro) para entregar trabalhos impressos porque seus professores não aceitavam entregas em forma digital, viver tendo que brigar pelo seu direito ao auxílio moradia, fora as vezes que era enquadrado pela Polícia nos arredores do campus por pensarem que ele era bandido.

Um outro amigo, um rapaz muito esforçado e com enorme potencial, sentiu que a graduação não era para ele, o que muitos podem pensar que não tem problema algum, e que isso faz parte da vida; porém, no caso dele é diferente, porque era, sim, para ele. O problema é que ele havia sido muito massacrado por alguns professores que o desestimularam por completo, só porque ele havia se saído mal em algumas provas em uma época de sua vida durante a qual estava passando por problemas familiares bem complexos.

Infelizmente, em vez de tais professores, que não tinham conhecimento algum a respeito do que estava se passando por ali, e tampouco tinham preparo para lidar com tal situação, preferirem simplesmente não abrir a boca,

optaram por insinuar ao jovem que talvez o caminho dele não fosse ali. Esse desestímulo, aparentemente pequeno para alguns, por ter vindo de dois professores em um intervalo de tempo relativamente curto, bastou para ele, que já estava com o emocional bastante fragilizado, comprar a ideia de que graduação realmente não era para ele; então, desistiu.

Outro colega, com o qual eu não tinha um contato tão aprofundado quanto tinha com os dois anteriores, havia desistido porque o custo para se manter cursando a graduação parecia, aos olhos de seus familiares, não valer a pena. Seria “coisa de quem está bem de vida”, e não de quem quer aprofundar seus conhecimentos, preparar-se para um caminho profissional de cunho intelectual, ser professor, ou qualquer outro caminho que comece com uma graduação. Uma pena, pois ele tinha muito potencial, e foi a falta de condições econômicas básicas que fez com que ele abandonasse a graduação.

Assim como esses que acabei de mencionar, eu poderia ficar aqui escrevendo quase que um livro inteiro só com outros exemplos, pois foram muitos os que abandonaram a graduação por não se sentirem acolhidos, por sentirem

que era para gente de grupos socioeconômicos mais altos, por envolverem muitos gastos durante longos anos sem sentirem retorno que justificasse, ou por se sentirem perseguidos. Mas concluirei aqui com o mais famoso de todos os casos que levam os alunos a pular fora: a demora para a conclusão definitiva.

Toda IES possui casos assim, mas a UFABC, em especial, tem um histórico negativamente muito marcante quanto à demora para que se conclua a graduação em caráter definitivo. Digo “em caráter definitivo” porque, como você já deve saber, quase todo mundo que ingressa na graduação da UFABC tem como interesse algum dos cursos que vêm após a conclusão do curso escolhido como *Bacharelado Interdisciplinar* (BI), que são classificados como pós-BI, e não os BI em si — se isso está começando a mudar, ou mesmo se isso deveria ser diferente, francamente, não importa. Para que seja possível concluir um curso pós-BI, é necessário que se conclua também o curso BI, que é o curso de ingresso.

Como a UFABC permite que os alunos escolham quais disciplinas cursar a cada quadrimestre, muitos alunos optam por pegarem menos disciplinas do que o pro-

jeto pedagógico prevê para o quadrimestre, o que causa um relativo atraso em sua formação; como o aluno repete esse processo em quase todos os quadrimestres, o resultado disso é um relativo atraso enorme, de alguns anos extras, além dos anos já previstos para a formação. E não importa se o aluno faz isso por precisar estagiar, ou se faz isso por querer pegar mais leve depois de ter se sentido muito sobrecarregado; o ponto é que ele faz isso e, portanto, atrasa sua formação.

Apenas para se ter uma ideia do quanto atrasa, vamos considerar que o aluno curse uma engenharia, que depende de um total de 300 créditos para ser concluído. Em um cenário hipotético, para que o aluno conclua em 5 anos, ou seja, em 15 quadrimestres, ele terá de cursar uma média de 20 créditos por quadrimestre, o que significa aproximadamente 5 disciplinas por quadrimestre, dado que a maior parte das disciplinas tem 4 créditos. Porém, imagine que o aluno sempre curse uma disciplina a menos a cada quadrimestre. Como são 15 quadrimestres, serão 15 disciplinas a menos, então isso já implicaria uma demora de mais 4 quadrimestres para concluir, o que significa 1 ano e 1 quadrimestre a mais. Mas o buraco é mais embaixo.

O problema é que, conforme o aluno vai avançando em sua formação e envelhecendo, ele passa a ter outras responsabilidades em sua vida. Ainda que apenas consideremos os aspectos inerentes à sua formação universitária, ele precisará realizar um trabalho de conclusão, que é feito ao longo de um total de pelo menos 3 quadrimestres, ou seja, um ano inteiro, e também precisará passar por um estágio obrigatório, que quase sempre segue o padrão de 6 horas por dia, de segunda à sexta, podendo correr o risco de ter de enfrentar até hora-extra, trabalho no fim de semana, trabalho em feriado e trabalho para casa, o que, tecnicamente, é até proibido, mas que em nosso país não significa que não ocorra.

E a situação fica ainda muito pior quando o aluno é efetivado e passa a trabalhar em período integral ainda muito antes de chegar aos últimos quadrimestres do curso, pois aí ele terá realmente um tempo quase nulo para assistir às aulas e estudar individualmente. Além de sofrer com um severo aumento no intervalo de tempo dedicado ao trabalho, passará a se sentir muito mais cobrado e muito mais pressionado quanto a diversos aspectos associados à sua vida profissional dentro da empresa, e isso poderá fazê-lo ter ainda menos tempo e muito menos “cabeça” para li-

dar com tudo o que não for diretamente relacionado ao trabalho na empresa.

Com o aluno estagiando ou trabalhando, caso precise cursar ainda menos disciplinas por quadrimestre por causa da carga horária e das pressões do estágio ou do trabalho, a situação passa a ser ainda muito mais delicada. Se o aluno começar a estagiar, digamos, depois que já tiver cursado 200 créditos, ele ainda precisará cursar e ser aprovado em outros 100 créditos. Salvo engano, o estágio e o trabalho de graduação somam 20 créditos ao todo, então sobrarão 80 créditos a serem concluídos na forma de disciplinas.

Porém, como agora está estagiando, como até mesmo sem o estágio era preciso cursar uma disciplina a menos por quadrimestre, agora, com o estágio, é provável que haja ainda outra disciplina a menos em seus quadrimestres, o que totaliza 3 disciplinas por quadrimestre. Para cursar 80 créditos em disciplinas de 4 créditos cada, seriam 20 disciplinas, que seriam cursadas em 7 quadrimestres. Vamos, então, calcular quanto tempo extra terá se passado nesse cenário.

Antes de estagiar, o aluno havia cursado 200 créditos em disciplinas fazendo 4 disciplinas por quadrimestre,

ou seja, 16 créditos por quadrimestre; então, teriam se passado 13 quadrimestres. Somando-se, então, os 7 outros quadrimestres cursados a partir do momento em que se iniciou o estágio, totalizam-se 20 quadrimestres, o que resulta em 6 anos e 2 quadrimestres; ou seja, 1 ano e 2 quadrimestres extras. E será isso apenas se o aluno tiver realizado o seu trabalho de graduação ao longo desses quadrimestres, porque, caso tenha procrastinado essa componente obrigatória, terá ainda pelo menos outros 3 quadrimestres pela frente, totalizando um mínimo de 7 anos e 2 quadrimestres na graduação; ou seja, terá ao menos 2 anos e 2 quadrimestres extras na graduação; quase um mínimo de 3 anos extras.

Esse atraso, em muitos casos, é suficientemente longo para fazer com que a formação do curso BI seja mais longa do que se esperaria para um curso de pós-BI completo, ou seja, em vez de levar os esperados 3 anos para a conclusão, o aluno geralmente acaba demorando entre 4 e 6 anos para concluir apenas o BI — e sabemos de casos que demoraram até mais do que isso. Como isso é tempo demais em sua própria opinião, o que até é compreensível, o aluno começa a se cansar demais da vida que está levando, e começa a se sentir forçado a interromper seus estudos o quanto antes,

aceitando ficar apenas com o BI. E essa ideia ganha uma força enorme se o aluno já estiver empregado, seja em qual área for.

Para sermos justos aqui, na verdade, esse prazo de 3 anos é bem mentiroso, porque, ainda que o aluno siga o quadrimestre ideal em todos os quadrimestres, não será possível concluir a graduação nesse intervalo de tempo, a não ser que ele opte por pegar disciplinas extras em outro horário, a fim de complementar a média de créditos por quadrimestre; caso contrário, ficará faltando o equivalente a aproximadamente 1 quadrimestre para completar os créditos necessários.

Eu não estou tentando dizer que é um demérito cursar apenas o BI e não o pós-BI; o problema é o desejo real do aluno ser o de cursar o pós-BI e, mesmo assim, ele cursar apenas o BI por estar absurdamente cansado da vida que está levando, por já ter se passado tempo demais fazendo uma mesma coisa sob um mesmo regime diário que não parece mais fazer sentido para ele. Era seu sonho trabalhar com algo que o pós-BI ajudaria a alcançar, mas o cansaço, principalmente psicológico, já chegou a um ponto que fez com que a pessoa simplesmente desistisse em nome

de sua própria sanidade.

O fato de muitos começarem a estagiar ainda muito antes do ideal também faz com que suas efetivações nas empresas ou suas contratações com CLT ou PJ venham ainda muito antes do tempo esperado também, e isso nem sempre é algo bom. Como começam a ter muitas responsabilidades que tomam muito do seu tempo e de sua energia, e como começam a ter o trabalho como a fonte de renda que coloca comida na mesa, além de alguns também terem a responsabilidade sobre outros indivíduos que venham a compor seus núcleos familiares, o trabalho passa a ter um peso muito maior do que a graduação, e isso ainda muito antes do tempo que seria mais conveniente; como já estão formados no BI, o pós-BI acaba sendo abandonado mesmo.

Não condeno quem tenha seguido por esse caminho e depois tenha acreditado que o melhor seria pular fora da graduação antes de concluir o pós-BI; apenas lamento que nem todos os que fizeram isso queriam mesmo ter tomado tal decisão; só estavam desgastados demais para prosseguir de forma saudável. Vi muitos excelentes alunos e profissionais seguindo tal caminho; alguns, por mais que

pareça ser muito difícil de acreditar, precisavam apenas ter concluído o trabalho final do curso para se formarem e, mesmo assim, desistiram do pós-BI. Mas não podemos cometer o erro de pensar que eles não tiveram motivo para isso; cada um sabe o que se passa em sua própria vida e, certamente, essas pessoas têm os seus porquês de terem tomado tal decisão.

Capítulo 9

Aquela do fretado

Quando entrei na UFABC, em 2011, lembro-me de ter desembarcado na estação *Santo André — Prefeito Celso Daniel* da CPTM e, logo após ter subido a rampa da saída da galeria subterrânea, em direção à *Rua Visconde de Taunay*, lá estavam algumas pessoas aguardando o fretado da Universidade, cada uma à sua própria maneira, porque naquela época simplesmente inexistia o conceito de “fila do fretado”.

Realmente, parando para pensar hoje, era até engraçado, porque as pessoas ficavam aguardando pelo ônibus do jeito que bem queriam e onde bem entendiam que deve-

riam estar; então, quando ele chegava, todas simplesmente se dirigiam à porta do ônibus e, amontoadas, iam entrando aos poucos, dependendo do nível de cordialidade, neutralidade ou “ogrisse” de quem ali estivesse. Mesmo assim, por mais bizarro que parecesse, todos sempre conseguiam entrar, e sempre sobravam vários assentos vazios, independentemente de dia ou horário.

Naquela época, o Campus SA ainda era uma novidade; havia acabado de ser estreado pelos novos alunos. Aliás, por mais maluco que pareça, o campus estava ainda em construção, e isso era algo totalmente visível a quem quer que passasse por lá, e nem era preciso entrar no campus para perceber isso. Mesmo assim, ainda antes da inauguração, já havia atividades acadêmicas em salas de aula improvisadas por lá, apesar das obras ocorrendo intensamente.

O ônibus da Linha 1 parava ao lado de fora do campus, na Rua Abolição, bem em frente à portaria, e descíamos pela rampa, ainda bem precária, passando pelo estacionamento, que era inteiramente descoberto naquela época. Lá por baixo, bem junto à parede do Bloco A, onde hoje há uma longa rampa relativamente estreita que

vai da área descoberta do estacionamento até a entrada do Bloco A, havia uma entrada improvisada para o Bloco A pelo subsolo.

Sem nunca terem nos explicado o motivo de tal mudança, alteraram o ponto do fretado no Campus SA para a *Rua Santa Adélia*, em um local escuro, apertado e que enchia de lama quando chovia. Sabe aquelas ruas com vários terrenos e imóveis abandonados bem perto da praia? Era bem nesse estilo naquela época.

Caso você seja bem das antigas — ainda mais das antigas do que eu; talvez, na época da carteirinha branca —, você talvez tenha pegado a época durante a qual havia uma construção improvisada ali perto, onde algumas aulas haviam sido dadas por um tempo, até que houvesse condições de utilizar o interior do campus, ainda que parcialmente, o que ocorreu em 2011.

Para quem era do período diurno, a sensação não era das melhores, mas era contornável; agora, para quem era do noturno, aquilo ali era uma tristeza, ainda mais quando a aula acabava em um horário que não fosse dos principais horários de chegada ou saída dos fretados, porque essa região do campus ficava vazia, e tratava-se de um longo

caminho que circulava a lateral do campus, todo cercado por tapumes altos de ambos os lados, e não havia uma iluminação suficientemente boa para ter certeza de quem estava por ali.

Depois de pouco tempo, felizmente, o ponto voltou à *Rua Abolição*, onde se manteve por um bom tempo. Então, passou por um período um tanto conturbado, durante o qual ocorria de nos notificarem sobre diferentes localizações do ponto, de tempos em tempos, mas isso não durou muito. Depois desse período instável e inseguro, mudaram o ponto para dentro do próprio campus, bem ao lado do RU, onde ficou por um longo período, que durou alguns anos, se bem me lembro.

Então, depois disso, ocorreu algo bastante polêmico quanto ao ponto, porque ele havia sido alterado, desta vez, em caráter permanente, para a área externa do campus, em um local que havia sido projetado e construído para facilitar o embarque e o desembarque de passageiros, e onde haveria vagas grandes para que os ônibus pudessem ser estacionados com alguma folga; bem diferente de como era em todos os casos anteriores. Pode parecer muito bom, e, de certa forma, é mesmo. O problema não está tão

relacionado aos ônibus em si. Refiro-me à insegurança.

Tão logo nos informaram a respeito da mudança de local do ponto, a comunidade acadêmica já havia sentido medo, porque sabia como era a região e, portanto, imaginava no que daria aquilo. Dito e feito. Poucas semanas após terem estreado o novo ponto de ônibus, iniciou-se uma longa sequência de relatos de roubos, furtos, assédios, gente estranha que passava e ficava encarando de forma suspeita, e por aí vai.

Mas o local, de fato, não era convidativo a quem quer que fosse, principalmente nos horários de pouco movimento. O local é totalmente aberto, e quem quer que fique ali poderá ser vigiado, de bem longe, a partir de quase qualquer direção. Seria muito fácil algum criminoso passar de moto pela própria Avenida dos Estados, avistar alguma pessoa que pareça ser um alvo fácil, passar ali perto e praticar o roubo, o sequestro, o assédio, ou qualquer outro crime horrendo.

Caso houvesse algum funcionário que cuidasse da segurança por ali, ou mesmo uma guarita policial, a sensação poderia ser um pouco menos ruim, mas isso nunca foi feito. Para se ter uma ideia, a guarita institucional fica dentro

do campus, nada próxima à entrada protegida por grades, e já quase dentro do estacionamento. Isso, por sinal, passa uma mensagem já bem clara a respeito do que realmente é o objeto de interesse a ser protegido pelos seguranças institucionais, pois claramente não se trata dos membros da comunidade acadêmica. E eu não estou, com isso, querendo atribuir aos próprios seguranças a responsabilidade de proteger os membros da comunidade, mas quero, sim, cobrar de quem são os responsáveis por definir que haja seguranças para proteger o patrimônio material da instituição, mas que não haja seguranças para proteger o que há de mais importante por ali, que são as pessoas.

Não é à toa que muitas pessoas se recusem a ficar no ponto do fretado; em vez disso, preferem aguardar no interior do campus enquanto olham pelas grades para saber quando o ônibus chega, para que, só então, possam sair em direção a ele. Caso optassem por algo diferente disso, têm plena consciência, sem qualquer sombra de dúvida, de que estariam correndo altos riscos desnecessariamente. Isso só serviu para aumentar ainda mais a já existente sensação de que dentro do campus até havia alguma segurança; fora dele, no entanto, era o caos.

Ainda a respeito desse problema de insegurança, havia um aspecto bastante desagradável a respeito dos próprios horários de circulação dos fretados, porque antigamente havia circulação de ônibus quase que exclusivamente em horários mais próximos aos horários de início das primeiras aulas ou fim das últimas aulas de cada turno; ou seja, no início da manhã, ao fim da manhã, no início da noite e ao fim da noite. Caso você precisasse de ônibus em qualquer momento que não fosse esses mencionados, a chance de conseguir um fretado prestes a sair pouco tempo depois que você chegasse ao ponto seria bem baixa, e seria uma tristeza chegar ao ponto com o ônibus tendo acabado de sair, pois isso significaria que você precisaria aceitar se arriscar naquela insegurança das ruas ou aguardar por muitos minutos — em alguns casos, talvez até mais de 1 hora — pelo próximo.

Falando a respeito da organização, desde uns anos atrás, conforme os anos foram se passando, o número de membros da comunidade acadêmica da UFABC foi crescendo assustadoramente, e o número de unidades de ônibus e de motoristas disponíveis jamais sofreu qualquer alteração significativa. Com isso, membros da própria comunidade tomaram a frente, visto que a instituição não

havia feito isso, e começaram a organizar um pouco melhor o ponto do fretado, pedindo aos demais que procurassem respeitar a fila. Chegaram até a demarcar no chão um indicativo de onde a fila deveria ser formada, e nomearam, no próprio chão, se a fila se referia aos ônibus para SA ou aos ônibus para SBC.

Como já devem imaginar, pelo fato de não se tratar de algo institucional, ou seja, por ser informal, algumas pessoas mais teimosas e “causadoras” começaram a fingir que aquilo não existia. Cheguei a testemunhar diversos casos de pessoas que insistiam em continuar mantendo a prática de simplesmente ignorar a fila e se dirigir à porta do fretado tão logo ele chegasse. Como ninguém partia para a agressão, a pessoa não sentia que tinha realmente algo a temer; o pior que acontecia era falarem coisas desagradáveis, mas, como ela sempre conseguia o que queria, que era entrar e se sentar confortavelmente, ela pouco se importava com isso.

Eu não seria favorável à agressão física, mas todos nós sabemos que a pessoa que age de forma tão egocêntrica não teria coragem de praticar o mesmo ato em um ponto de ônibus de outro lugar qualquer que não tivesse relação

com a Universidade, porque lá, dependendo do cenário, ela não ouviria críticas; em vez disso, talvez levasse um empurrão, um soco, ou até mesmo uma facada ou um tiro.

Lembro-me muito bem de um professor, de 2 *Técnicos Administrativos* (TAs) e de pelo menos uns 5 alunos que tinham comportamentos assim. Claro que havia muitos outros de todos esses grupos, mas esses haviam me marcado mais, porque estavam sempre por lá nos horários que eu utilizava o transporte. Quando eu os via caminhando em direção ao ponto do fretado, já sabia que ficariam aguardando por fora da fila e se dirigiriam à porta logo que o ônibus chegasse. Sempre eles tinham esse mesmo comportamento, e sempre ficavam carrancudos enquanto estavam por lá, como quem pensa que isso intimidaria alguém que quisesse tirar satisfação.

No caso dos alunos, acho que eram apenas folgados; agora, no caso dos técnicos e do professor, eu cheguei a vê-los discutindo com alunos que foram tirar satisfação pelo desrespeito à fila, e todos eles usavam como suposto argumento o fato de serem funcionários da casa e, portanto, na cabeça deles, eles teriam prioridade na hora do embarque, o que, supostamente, faria com que eles não precisassem

aguardar em fila alguma, ainda mais sendo uma fila que não havia sido oficialmente definida pela instituição.

Vale lembrar que essa suposta “regra” inexistia (e ainda inexistia); havia sido tirada de suas próprias cabeças com o objetivo de simplesmente não terem de se sujeitar àquilo a que todos os demais precisavam se sujeitar: a fila. E, não, não é o mesmo que a também não oficial “regra” de aguardar pela fila, porque a fila tenta organizar, civilizar e democratizar o acesso ao ônibus; já no caso da ideia de atribuir ao funcionário da casa a suposta prioridade, por outro lado, é só mais uma das tantas demonstrações de que, sempre que estiver ao seu alcance, haverá uma parcela da sociedade que tentará, de alguma forma, utilizar algum micropoder, por mais que ele tenha de ser artificialmente fabricado, para se beneficiar em relação aos demais, e essa parcela da sociedade sempre pensará que tem os melhores argumentos do mundo para agir como age.

Não podemos nos esquecer das tantas vezes que testemunhamos os clássicos fura-filas, que agiam nas filas dos fretados da mesma maneira que agiam nas filas do RU: procurando algum conhecido que já estivesse em uma posição avançada para chegar por lá, fingir que estaria

apenas conversando temporariamente, enquanto a fila ia avançando, e a pessoa seguia acompanhando na mesma posição; então, quando chegava à porta, entrava junto, como se ninguém tivesse percebido o que ela fez.

Assim como tantas outras pessoas, eu já cansei de tirar satisfação. Fui vencido pelo cansaço mesmo. A falta de educação das pessoas é surpreendente, principalmente pelo fato de que a quantidade de pessoas com comportamentos claramente desrespeitosos e incompatíveis com o de pessoas educadas é simplesmente gigantesca, mas todos pensam que tais características estão apenas nos outros, e nunca em si. E vale lembrar que eu estou me referindo a um ambiente de uma UF. Significa que todos ali já haviam concluído pelo menos o ensino básico, e não eram pessoas com 12 ou 13 anos, mas, sim, pelo menos seus 17 ou 18 anos — muitas, para piorar ainda bem mais, já eram de idade até bem mais avançada, como seus 40, 50 ou 60 anos, muitas vezes já sendo casadas e tendo filhos, mas continuavam agindo como se tivessem 5 anos. Mas nada disso parece importar.

A educação que essas pessoas receberam em suas vidas moldou indivíduos de comportamento cronicamente

parasitário. É gente que pensa somente em si e nos benefícios que pode extrair dos demais ao seu redor. E, à medida que eu ia vendo que aquilo não parecia ser algo tão raro assim, e que parecia até ocorrer com uma frequência cada vez maior, eu fui fingindo que não via mais, só para evitar o estresse que me causava ver aquelas pessoas de mentalidade questionável agindo daquela forma parasitária.

E é claro que não chegamos ao fim das polêmicas envolvendo os fretados. Temos que falar ainda da superlotação, que foi se tornando cada vez mais intensa com o passar dos anos. Não demorou para chegar ao ponto de a maior parte da fila não conseguir embarcar no fretado e, portanto, ter de aguardar pelo próximo, o que nem sempre era possível, pois podia demorar o suficiente para passar do tempo de a aula se iniciar.

A superlotação foi um dos fatores que provocou um forte incentivo para que diversos membros da comunidade acadêmica passassem a tentar chegar bem mais cedo ao ponto do fretado, a fim de não ficarem de fora quando o ônibus chegasse, mas o efeito manada fez com que os demais também tivessem a mesma ideia, e isso fez com

que tal prática não resolvesse o problema.

Isso acabou fazendo com que mais pessoas comessem a aderir a tentativas de furar a fila daquela forma mais sorrateira, identificando amigos na fila e formando pequenos grupos que seguiam conversando para camuflar a prática. Quase nunca havia quem fosse cobrar que o indivíduo fosse para trás, e algumas vezes havia discussões acaloradas por causa desse tipo de prática, então sempre havia dores de cabeça quando alguém decidia falar algo, como se a culpa fosse de quem foi cobrar respeito à fila.

Essas superlotações ocorriam de maneira a fazer com que as pessoas se apertassem tão agressivamente no interior dos ônibus, que chegava ao ponto de parecer o trem lotado às 18h00 saindo do *Brús*. Era uma loucura aquilo. Chegava a ter gente até nas escadas do ônibus, em cima do painel na parte frontal, e gente se segurando nas barras das próprias portas. Foram muitas as vezes que ocorria de o motorista tentar fechar a porta por várias vezes, até que conseguisse fechar efetivamente; quando não conseguia, quem estivesse mais perto da porta acabava desistindo e, infelizmente, acabava precisando sair.

A fim de tentarem reduzir um pouco o tempo das

viagens, pensando na Linha 1, que só fazia o trajeto entre o *Terminal Leste* e o Campus SA, optaram por introduzir um modelo de ônibus urbano circular, com mais portas e portas maiores, o que ajudaria a acelerar significativamente o embarque e o desembarque. O ônibus era um pouco menos confortável, mas isso era irrelevante, porque a viagem era curtíssima. Até mesmo para viajar em pé era tranquilo naquele ônibus, porque ele havia sido projetado para isso mesmo.

Chegou a ajudar, mas não demorou muito até que começasse a encher novamente. Havia somente um único ônibus daquele jeito. Os demais ônibus eram modelos executivos, feitos para viagens mais longas e com mais conforto, o que era totalmente dispensável naquela situação da Linha 1.

Ônibus assim só aumentavam o tempo de embarque e o tempo de desembarque, o que resultaria em um enorme aumento no tempo da viagem e, portanto, fazia com que as pessoas que não tivessem conseguido embarcar e decidissem aguardar pelo retorno do ônibus precisassem esperar por mais tempo em um local perigoso. O conforto extra que eles ofereciam era irrelevante para aquele cenário.

Com essas lotações insanas, e com tanta gente morrendo de medo de ficar para trás e perder o ônibus, começamos a ver um pouco de popularização de uma prática que era raríssima: pessoas tentando embarcar por uma das portas traseiras do ônibus circular imediatamente após os passageiros terem desembarcado; às vezes, ainda com gente descendo, o que era ainda pior. Não deixa de ser uma tentativa de furar a fila, apesar de ser de uma maneira aparentemente diferente. Mesmo com o motorista vendo e às vezes até se arriscando a falar algo, o pessoal simplesmente se misturava entre os demais, fingia que o que era dito não era direcionado a si, e seguia por ali como se nada tivesse acontecido.

Com todo esse caos para embarcar, com as demoras para aguardar o ônibus voltar e com a pressa para não se atrasar para atividades no campus, pequenos grupos de pessoas foram ficando para fora, e acabavam indo a pé. Num primeiro momento, isso era muito perigoso, pois os grupos eram realmente pequenos, de 2 a 5 pessoas a cada vez; mas, pouco depois, os grupos passavam a assumir tamanhos enormes, com várias dezenas — em alguns momentos, possivelmente, centenas — de pessoas caminhando em direção ao Campus SA.

Algumas das pessoas saíam pela rampa de acesso ao fretado; outras preferiam dar a volta pela passarela, que também saía ao lado do fretado; e havia quem preferisse seguir andando, pela galeria subterrânea, até sair dentro do próprio *Terminal Leste* e, então, caminhar até a parte da saída dos ônibus — onde, na verdade, é proibida a passagem de pedestres — e seguir cruzando pracinha e, então, seguir caminhando até a *Avenida dos Estados*.

Como o número de ônibus nunca aumentou e o tamanho da comunidade acadêmica só aumentava desenfreadamente, não demorou até que o número de indivíduos que se utilizavam dos fretados fosse significativamente inferior ao número dos que optavam por seguir a pé até o campus sem sequer tentar embarcar.

Isso até produziu o fenômeno de diminuir um pouco a fila em relação aos tamanhos que ela atingia antigamente, porque as pessoas se sentiam mais encorajadas a irem a pé, visto que havia muitos colegas para acompanhá-las, por mais que elas sequer conhecessem tais pessoas realmente. Conhecer as pessoas podia até fazer alguma diferença, porque ocorreria de irem conversando durante o caminho, o que enfatizaria que se trata de um grupo de

amigos, mas, só de haver pessoas andando juntas, já bastava para amenizar a sensação de insegurança.

O tempo de caminhada, sem apertar demais o passo, no caso de uma pessoa de média estatura, varia entre 10 e 15 minutos entre o *Terminal Leste* e o Campus SA. Só o intervalo de tempo para aguardar o ônibus chegar ao *Terminal Leste* às vezes já passava disso, então, em linhas gerais, era mais uma questão de comodidade no caso da maioria. E estamos falando de uma caminhada em terreno plano.

O único ponto que justificava para todos era a insegurança da região, que se fazia fortemente presente quando não havia esses grandes grupos caminhando juntos. De fato, se você chegasse por ali em um momento em que houvesse poucas pessoas, eu não recomendaria ir a pé por motivos de falta de segurança. Até mesmo esperar pelas imediações do ponto do fretado era perigoso. Tivemos muitos casos de roubos e arrastões ali.

Mas as polêmicas em relação ao fretado não se encontram exclusivamente na questão do local dos pontos de embarque e desembarque, no caso dos fura-filas e no caso da superlotação. Uma outra polêmica que havia ocorrido

estava na questão da apresentação da carteirinha ao motorista.

Que eu me lembre, sempre houve uma folha de papel no interior do fretado alertando sobre a obrigatoriedade de se apresentar o documento institucional ao motorista, para, só então, poder embarcar, mas isso sempre foi ignorado por ambas as partes envolvidas. Começaram a exigir que todos viajassem exclusivamente sentados, mas, como o pessoal não obedecia pelo óbvio motivo de isso fazer com que não coubesse um número de passageiros compatível com as necessidades da comunidade, começaram a tomar medidas mais enérgicas.

Em vez de simplesmente haver o motorista pedindo que os passageiros se sentassem e tentando impedir que mais pessoas entrassem, como chegaram a tentar fazer por algum curto intervalo de tempo, introduziram um funcionário que fiscalizava o ônibus e fazia a contagem do número de passageiros que haviam embarcado, permitindo que entrassem passageiros apenas até atingir o número máximo de assentos. A partir disso, a porta era barrada, o fiscal subia rapidamente só para conferir se todos estavam sentados em seus assentos, e o motorista deveria seguir

viagem.

E a própria entrada de passageiros havia mudado para um modo bem mais rigoroso de controle. Passaram a exigir que você apresentasse a carteirinha da UFABC ou um documento que comprovasse sua matrícula ali, senão a sua entrada seria impedida. Em muitos casos, a pessoa só levava uma bronca do motorista, mas cheguei a testemunhar casos em que algum aluno acabava sendo expulso do ônibus por não ter a carteirinha ou outro documento em mãos.

Por fim, uma outra polêmica se deu em torno da mudança de itinerário dos fretados. Foram muitas as vezes que vi mudanças de itinerários nos fretados da Universidade, mas sempre aparentavam ser em caráter de testes ou temporariamente adotados para contornar algum tipo de problema pontual. Um dos casos havia ocorrido quando havia caído a ponte próxima à *Rhodia* — aquela mesma que cruza a *Avenida dos Estados* sobre o *Rio Tamanduateí*, e que tantos membros da comunidade utilizam para atravessar de um dos lados a avenida ao outro, passando por duas etapas de semáforos.

Quando isso ocorreu, no caminho de ida, o problema

era passar pelo trecho próximo à ponte, então o fretado não podia seguir naquele curto trecho para contornar o Campus SA pela *Avenida dos Estados*, e isso obrigava o motorista a seguir pela *Avenida Antônio Cardoso* e fazer uma enorme volta por várias ruas do bairro, para só então conseguir chegar ao campus. No caminho de volta, como não podia utilizar a ponte, o itinerário havia sido alterado de modo a seguir pela *Avenida dos Estados*, dar toda uma volta e parar para desembarcar os passageiros na própria avenida, na altura da estação Prefeito Saladino da CPTM; então, seguir até o ponto do *Terminal Leste*.

Alguns anos depois, uma outra ponte, paralela àquela primeira mencionada, havia caído também. Refiro-me à ponte que é utilizada pelos fretados para cruzar a *Avenida dos Estados* na viagem do *Terminal Leste* ao Campus SA, quando o fretado atravessava essa ponte na altura do *Sam's Club*. Naquela época era comum que o fretado, após atravessar a ponte, seguisse pela avenida e contornasse o campus pela Rua Santa Adélia até o ponto final, mas às vezes ocorria de o motorista fazer todo aquele caminho enorme pelas ruas do bairro depois de seguir pela *Avenida Antônio Cardoso* para só então chegar ao campus.

Com a queda dessa outra ponte, como não era possível cruzar a *Avenida dos Estados* por ela, foi feita uma mudança grande no itinerário. Ao sair do ponto ao lado do *Terminal Leste*, o ônibus não seguia mais até o fim da *Rua Augusto Ruschi*; em vez disso, haviam improvisado um caminho alternativo que passava por uma pracinha e levava da *Rua Augusto Ruschi* à *Avenida Antônio Cardoso*, permitindo que o fretado pudesse cruzar a *Avenida dos Estados* pela ponte ao lado, que já havia sido reconstruída, mas aquele caminho não permitia que o fretado seguisse direto pela *Avenida dos Estados* depois de cruzar a ponte; então, para isso, o fretado precisava seguir pela *Avenida Itamarati* até chegar ao *Parque Regional da Criança Palhaço Estremilique*, popularmente chamado de *Parque da Criança*, então seguir pela *Rua Caraguatatuba* até a *Avenida dos Estados*, que depois seguia até o Campus SA.

Trazendo essa questão dos itinerários para algo mais recente, passou a haver mudanças de longo prazo que passaram a valer para os fretados que não eram da Linha 1. Antigamente, era comum que todos eles, ao saírem do Campus SA, passassem pelo *Terminal Leste*. Por isso, quem queria ir do Campus SA para o *Terminal Leste* não

fazia questão de embarcar no ônibus da Linha 1, já que ele não era o único que os deixaria no destino de interesse.

O problema é que, apesar de a maior parcela dos passageiros ter como destino o *Terminal Leste*, havia também um enorme número de passageiros com destino ao Campus SBC, que era bem mais distante. Em vez de os passageiros com destino ao *Terminal Leste* aguardarem pelo ônibus da Linha 1, muitos deles entravam logo na fila do primeiro ônibus que fosse partir do Campus SA.

Com isso, principalmente nos horários de pico, muitos passageiros que realmente precisariam ter embarcado nos ônibus das demais linhas (que não a Linha 1) para ir ao Campus SBC não conseguiam embarcar. E, quando o ônibus passava pelo *Terminal Leste*, mais da metade dos passageiros desembarcava, deixando o ônibus vazio ainda em SA, a centenas de metros do ponto de partida, ainda com uma longa viagem de vários quilômetros, tendo deixado no Campus SA diversos passageiros que teriam destino ao Campus SBC e que poderiam muito bem ter seu lugar naquele ônibus. Fora o fato de haver diversos passageiros que, para conseguirem desembarcar, tinham que ficar pedindo licença — às vezes, de forma até mesmo des-

respeitosa e abrupta — e passavam quase que empurrando diversos colegas.

Por causa disso, uma parte da comunidade se mobilizou e cobrou mudanças no itinerário, de modo a obrigar os ônibus das demais linhas (que não a Linha 1) a não passarem pelo *Terminal Leste* depois de saírem do Campus SA. Desta forma, além de a viagem nessas outras linhas se tornar alguns minutos mais rápida, não haveria mais o problema de terem de se digladiar com quem quisesse embarcar nesses ônibus só para descer no *Terminal Leste*, afinal, os ônibus não passariam mais por lá; se você embarcasse equivocadamente no ônibus com destino ao Campus SBC, teria de desembarcar no próximo ponto de desembarque oficial, que estaria bem distante de seu local de interesse.

Parece que a solução foi incrível, mas ela só ajudava a resolver um dos lados do problema, porque, como eu havia dito, a maior parte dos passageiros do Campus SA tinha como destino o *Terminal Leste* e, como eu também havia dito, havia apenas um ônibus para atender essa demanda. Fica fácil de imaginar como a situação, que já não era boa, acabou ficando para quem queria fazer esse trajeto.

Desta forma, começaram a se intensificar algumas discussões que já existiam desde antes mesmo de eu ter entrado na Universidade, mas que tinham pouca ou nenhuma expressividade, como a que defendia que, dado o fato de se tratar de um terreno plano e de o trajeto não atingir sequer um quilômetro de distância, havendo até mesmo ônibus municipais que passavam pelo *Terminal Leste* e pela *Rua Oratório*, onde havia ponto para desembarque, não haveria a necessidade real de sequer existir uma linha institucional que fizesse esse trajeto.

Com isso, começaram a trazer um ponto delicado para a discussão, que era o quão responsável pela amenização da sensação de insegurança dos membros da comunidade os ônibus deveriam ser. Em princípio, quem é responsável pela segurança pública são as forças de segurança, como a *Polícia Militar (PM)* e a *Guarda Civil Metropolitana (GCM)*, que estão sob o controle do Governo do Estado e da Prefeitura, respectivamente. Porém, como as medidas de tais instituições eram inquestionavelmente insuficientes, a insegurança permanecia.

Dito isso, a comunidade trouxe novamente para a discussão essa combinação entre o problema de segurança

pública, obviamente presente na região, e o possível uso dos ônibus como uma forma de ao menos tentar diminuir a exposição de parte da comunidade acadêmica aos riscos relacionados a esse problema de segurança. Ou seja, apesar de o terreno não ser tão acidentado e de se tratar de uma distância relativamente curta, é, sim, um local muito perigoso; assim sendo, talvez fosse injusto considerar desnecessário o uso dos fretados para transportar os membros da comunidade acadêmica nesse trajeto.

Em meio às discussões, um dos lados acusava quem defendia o fim da Linha 1 de ter uma postura elitista, porque eram pessoas que iam de carro para o campus e utilizavam-se do estacionamento da instituição mas defendiam o fim da Linha 1 e chamavam de interesseiros e preguiçosos os que queriam mantê-la; o outro lado, por sua vez, alegava que quem queria manter a Linha 1 era gente folgada e acomodada que queria se beneficiar de dinheiro público para satisfazer as vontades de apenas uma parte da comunidade com algo que não seria realmente essencial.

Não deveria ter sido assim, mas tais discussões, infelizmente, serviram apenas para inflamar ainda mais todo o clima, principalmente pelo fato de que vários dos que

defendiam tais ideias sequer utilizavam os fretados da Universidade.

Capítulo 10

Aquela do Campus SA

A UFABC foi, digamos, concebida no ano de 2005, e teve suas primeiras atividades iniciadas quase ao fim do ano de 2006, mas só entre 2010 e 2011 passou a ter um campus próprio já em seu local definitivo e com cara de campus universitário. É no mínimo curioso saber que deve ter colegas que se formaram na Universidade sem sequer terem tido a oportunidade de conhecer o que viria a ser o Campus SA pronto.

Quem conhece um pouco mais a fundo o projeto do Campus SA, sabe que, mesmo hoje, o projeto não foi realmente finalizado da maneira que se imaginava. De certa

forma, o campus está, então, incompleto. Está, sim, próximo ao fim de sua conclusão, mas ainda não a atingiu. Lamento dizer isso, mas não me parece caminhar a uma velocidade minimamente razoável para acreditar que aqueles que hoje estejam cursando a graduação chegarão a ver o projeto concluído até a sua formatura. Mas vamos falar um pouco sobre experiências relacionadas a isso.

Minha matrícula havia sido realizada em uma sala improvisada em algum dos andares do Bloco B. O Bloco A já existia, mas ainda não estava terminado. O próprio Bloco B também não estava finalizado, mas já estava um pouco mais avançado do que o A. Caso você tenha a curiosidade de ver um pouco de como era o campus durante diferentes fases de sua construção, acompanhe grupos de alunos, além de páginas e perfis institucionais nas redes sociais, pois há fotos e vídeos que talvez possam ajudar a ilustrar melhor como era isso. Lembro-me de ter visto uma vez no *YouTube* um vídeo bem antigo — não tenho certeza, mas é possível que tenha sido de 2007, e acho até que o título era algo como “**Obras UFABC**” — que mostrava uma parte das obras no que viria a ser o Campus SA.

Eu cheguei a ter aulas no Bloco B enquanto ainda sequer havia salas de aula em caráter definitivo por lá. Havia uma sala totalmente improvisada. Dava para notar claramente que não havia sido projetada para ser sala de aula, por vários motivos, mas o principal deles era o fato de ser extremamente profunda, a ponto de ser quase impossível saber o que estava escrito na lousa se você se sentasse em alguma das últimas carteiras, a não ser que você assistisse às aulas portando um telescópio.

Embora eu nunca tenha visto um documento oficial que comprovasse a veracidade dessa informação, desde que eu havia entrado, sempre ouvi o boato de que o Bloco B havia sido, na verdade, projetado para ser um dormitório estudantil para alunos de grupos socioeconômicos desprivilegiados que viessem de fora da região.

Nos primeiros quadrimestres de 2011, ainda não havia salas ao estilo anfiteatro. As salas que hoje são anfiteatros já estavam lá, existiam como salas de aula comuns, com um pé direito bastante alto para os padrões aos quais a maioria está acostumada a ver — isso até sugere que já haviam sido projetadas com o intuito de serem anfiteatros —, mas ainda não eram anfiteatros de fato. Foi entre 2011

e 2012 que a maioria das salas foi recebendo, aos poucos, as reformas necessárias para introduzir isso.

Eu me lembro até que em todas essas salas havia uma porta que ficava na lateral ao fundo da sala, e que havia sumido após ter sido coberta pela estrutura que dava a elevação gradual que dá forma ao modelo de anfiteatro às salas. Porém, se você reparar com cuidado, perceberá que na lateral da sala, próximo às últimas carteiras, na parede ao lado da parte mais externa ao bloco, é possível ver uma pequena parte da porta; ela ainda está lá. Não sei se a posição dessa porta é realmente intencional, pois ela fica coberta pela estrutura do anfiteatro.

Durante o meu PDPD, lembro-me de que, pouco antes de meu orientador ter saído da UFABC, ele havia me levado até o subsolo do Bloco A, que era um lugar todo misterioso naquela época, porque quase ninguém sabia explicar minuciosamente o que haveria por lá; nós, reles mortais, só sabíamos que estava sendo construído algo, e que talvez fossem laboratórios, porque víamos muitas caixas de madeira enormes por lá, que alguns colegas sugeriam ser equipamentos de laboratório.

Lá no subsolo, que, por mais incrível que pareça, não

tinha uma conexão com o Bloco B — torço para que façam essa ligação um dia —, ele havia me levado até uma sala escura e empoeirada, onde nada havia, exceto por algumas poucas mesas e cadeiras, e ele me disse que ali seria o nosso novo local de trabalho, o nosso próprio laboratório. Eu não queria parecer grosseiro, ingrato, enjoado, ou mesmo chato, então eu só mostrei entusiasmo e alegria; afinal, talvez eu não estivesse enxergando a beleza do que ele estava me mostrando, porque eu era muito inexperiente ainda. O que eu via ali, na verdade, era uma espécie de mausoléu da ciência, como se nós estivéssemos nos escondendo em um canto abandonado do resto da Universidade — só faltava mesmo as mesas se assemelharem a ataúdes.

Certo dia, levamos alguns computadores para lá e ajeitamos mesas e cadeiras para que ficasse um pouco mais amigável. Estávamos em cerca de 4 pessoas, sendo meu orientador, alguns pós-graduandos e eu. Depois de todo aquele trabalho de arrumação e conexão de cabos, começamos a trabalhar.

Cerca de uma hora depois, começou a escorrer um líquido pela parede. Eu fui seguindo o seu rastro, e vi que era algo que parecia vir do teto. Tentei alertar alguns

dos colegas, mas eles não pareciam estar tão preocupados, porque não chegava a ser nada muito chamativo. Porém, a vazão começou a aumentar e, então, eis que aquilo parecia uma cachoeira em cima dos computadores. Depois disso, era cientista correndo para tudo que era lado e se jogando em cima de computador para não perder as máquinas e as pesquisas que estavam sendo feitas ali. Parecia até uma daquelas provas ao estilo *Wipeout*.

Ninguém havia entendido direito o que estava acontecendo. Felizmente, apesar da grande quantidade de líquido que havia caído, não demorou a parar, e os computadores não chegaram a sofrer danos. Havíamos ficado bem encucados com aquilo, mas, como havíamos ficado quase o tempo todo tentando contornar os problemas daquela cachoeira toda, não fomos atrás da causa naquele dia.

No dia seguinte, enquanto eu estava sentado em um banco do famoso piso vermelho (térreo) do Bloco A, reparei que havia um grupo de funcionárias trabalhando na limpeza do piso, e vi que algumas delas estavam passando rodos para limpar o chão com algum produto líquido. Então, quando elas arrastavam aqueles rodos, notei que em

uma parte do chão parecia cair todo o líquido, como se fosse um bueiro.

Desci correndo até o laboratório e vi tudo molhado lá. Bingo! Fui conversar com o pessoal sobre aquilo e não sei bem o que houve sobre isso a partir de então, porque eu não cheguei a ficar muito por lá, dado o fato de meu orientador ter se mudado para o *Instituto de Física Teórica (IFT)* da *Universidade Estadual Paulista (UNESP)* e eu ter passado a me reunir com ele em seu novo local de trabalho.

Uma outra falha na construção do campus pode ser vista na forma como as lâmpadas das salas de aula são acesas. O correto seria que fossem acesas linha a linha, e não coluna a coluna. Isso permitiria que o professor pudesse, por exemplo, apagar as luzes da frente quando quisesse projetar seus Slides enquanto poderia manter todas as demais luzes da sala acesas. Da mesma forma, poderia acender apenas as luzes da frente por um momento em que quisesse mostrar algo na lousa durante algum evento que dependesse das luzes apagadas.

Também podemos notar que algumas das salas de aula não possuem janelas, o que é mais um indício de

que se trata de salas que, na verdade, não haviam sido realmente projetadas para serem como são, e eu não me refiro aos auditórios, que também têm suas falhas. Nessas salas sem janelas, em dias que o ar-condicionado (central) do bloco não funciona adequadamente, o que era muito recorrente no começo, a experiência em dias quentes era tal como estar no interior de uma sauna seca.

Quanto ao estacionamento, no começo, havia apenas várias colunas de concreto. Não estava muito claro o que seria ali. Levou um bom tempo até que construíssem o que veio a ser a área externa suspensa ao redor do Bloco A, que é inteiramente apoiada pelas colunas de concreto que mencionei.

É uma área bem grande, que conecta a área ao redor do RU ao Bloco A, passando por cima de parte do estacionamento, também contornando metade do Bloco A por onde ficava a biblioteca e algumas salas de trabalho da ProGrad, levando à saída do campus pela Rua Santa Adélia e, também, continuando ao redor do Bloco A até chegar ao seu outro lado, pelo lado do campus em frente à Avenida dos Estados, onde há outra saída do Bloco A e a rampa de acesso entre os Blocos A e B.

Depois disso, não demorou até que começassem a revestir toda essa área com pequenas placas retangulares de concreto que tornaram o piso totalmente instável, pois viviam se soltando, ficando bambas, e até mesmo se quebrando. Houve até casos de quem tivesse caído e se ferido por causa desse projeto de qualidade duvidosa. Ainda hoje, é possível ver casos pontuais de placas instáveis ou quebradiças que, ocasionalmente, são sinalizadas com algum tipo de vaso de plantas ou algum outro objeto improvisado para tentar evitar acidentes maiores.

Houve um período relativamente longo, ali para 2012, durante o qual o RU chegou a ficar desativado para uma reforma. Não consigo me lembrar minuciosamente de como era antes, mas me lembro de que aquilo havia sido um grande transtorno a vários colegas e a mim. Foi um período em que nós ficávamos caçando locais para almoçar que não custassem os olhos da cara e, ao mesmo tempo, não nos dessem intoxicação alimentar, ou algo do tipo.

Também chegamos a passar por uma mudança significativa no 11º (e último) andar do Bloco B. Era lá um dos poucos lugares onde meus amigos e eu íamos estudar quando queríamos paz e tranquilidade. Havia algumas

mesas grandes e cadeiras espalhadas. Apesar do vento bastante forte que sempre estava presente, era agradável, principalmente nos dias mais quentes.

A área era inteiramente aberta no andar todo. Depois, removeram as mesas e as cadeiras, e começaram um processo de construção de várias salas pequenas para os mais diversos fins administrativos da própria instituição. O espaço até que era bem agradável, e tinha uma vista bem legal de uma boa parte da região, sendo possível ver tanto a parte da frente do campus, para o lado da Avenida dos Estados, quanto a parte de trás, onde estavam a parte descoberta do estacionamento e o RU.

Chegou a correr um boato de que lá seria construída uma pequena academia de musculação, mas, que eu saiba, nunca houve qualquer confirmação oficial sobre isso; apenas sabíamos que por lá havia um pessoal que dançava e, também, havia alguns poucos equipamentos e acessórios para algumas práticas de atividade física, que nunca disseram a quem pertenciam e quem teria direito a utilizar.

Além do 11^o andar, durante alguns dos primeiros quadrimestres, lembro-me de que meus amigos e eu íamos estudar no último andar da Torre 3. Um de nossos amigos

havia encontrado um espaço agradável por lá. Era bastante nítido que aquele não era um espaço projetado para ser algum tipo de sala de estudos; havia apenas um enorme balcão com tampo de pedra. Como era um cômodo todo cercado de vidros, e como a porta ficava aberta, era possível ter uma vista bem agradável de lá de cima, mas sem que nós sofrêssemos com o lado negativo daquela ventania toda que o 11º andar tinha, então, principalmente em épocas mais frias, era comum preferirmos ficar por lá. Nós só não sabíamos que aquele espaço era um refeitório (exclusivo para funcionários) que ainda estava em construção. Não havia qualquer placa ou aviso de qualquer natureza em qualquer parte do espaço, então, como a porta vivia aberta, e como a instituição sofria com uma severa falta de salas de estudo, nós improvisávamos.

Outra alteração significativa que foi feita com o avanço das construções do campus foi a mudança da biblioteca. Antigamente, ela ficava, de forma improvisada, onde hoje estão salas administrativas da ProGrad e da Reitoria, ocupando dois andares em um canto debaixo da Torre 1 no Bloco A. Até que não era de todo mal o local em que ficava. Na verdade, em dias de chuva ou de muito frio, até que era muito bom, porque ficava dentro do Bloco A, então não

era preciso sair do Bloco para ter acesso aos livros. Fora isso, por já ser dentro do Bloco, levava bem menos tempo para se fazer o trajeto entre a biblioteca e a sala de aula, então era possível ficar por mais tempo estudando, além de também ser possível passar rapidamente na biblioteca entre uma aula e outra sem precisar correr tanto.

Agora, também não posso negar que, com a mudança para o novo local, a biblioteca se tornou muito maior e com um ar bem mais profissional do que tinha antes. O espaço novo, que é em um prédio inteiramente novo e, ao menos até então, dedicado à biblioteca, possui um acervo até um pouco maior do que havia antes, apesar de o anterior já ser bem grande, e um espaço bem mais convidativo, principalmente para quem quer fazer estudos individuais, pois há bem mais baias de estudo individual.

O triste sobre o local e a forma como a nova biblioteca foi construída está no que a história do campus nos conta sobre os temporais na região. Em um deles, pelo fato de a biblioteca nova estar logo ao lado de um enorme barranco que até hoje não foi adequadamente protegido, a biblioteca enfrentou um pequeno deslizamento de terra, infiltrações e um severo alagamento, que só não causou da-

nos maiores por causa da ajuda de funcionários e alunos que estavam presentes e assumiram um importante papel na proteção das obras.

A nova biblioteca também passou a ter algumas mesas extras para estudo em grupo, inclusive uma área interna separada da área principal, onde as pessoas podem se reunir para estudos em grupo sem se sentirem fechadas no interior da biblioteca, pois a parte principal da biblioteca, embora se trate de outro prédio, fica no mesmo nível do subsolo do Bloco A. Estando, então, na parte de cima da biblioteca e permanecendo separado apenas por uma lâmina de vidro da área externa do campus, há uma sensação mais agradável, como se estivesse realmente na área externa, mas protegido de frio, calor, chuva e ventos fortes.

É um campus onde há um intensificadíssimo predomínio do concreto. Quase inexiste área verde. O pouco que há de alguma área verde está próximo ao RU e à portaria do campus na Rua Oratório, que também fica perto do RU. Até chegaram a colocar algumas palmeiras bastante elegantes e vistosas em frente ao Bloco B, ao lado da Avenida dos Estados, mas trata-se de uma área suficientemente pequena para nem ao menos merecer ser chamada

de “área verde”.

Essas palmeiras, por sinal, foram alvo de fortes críticas da comunidade, pois haviam custado uma pequena fortuna. Não tão caras quanto o ofensivamente ridículo e custoso pergolado de madeira do Campus SBC; porém, isso é história para outro momento. Provavelmente, com a finalidade de evitar dores de cabeça com manutenções, pensando em criar algo duradouro, tiveram a ideia de fazer imensas superfícies de cimento em algumas áreas do campus, a fim de que as pessoas pudessem utilizar como bancos.

Falando como um completo leigo em arquitetura, até que não parece uma ideia tão ruim, mas, em dias extremamente quentes, fica simplesmente impossível de utilizar aquilo sem se sentir bastante incomodado; fora isso, não se consegue ficar sentado por tempo demais, pois é bem desconfortável, visto que é só uma superfície lisa de cimento, sem qualquer encosto e sem sombra alguma.

Essa, aliás, é uma das críticas mais fortes sobre a infraestrutura geral do Campus SA: inexistente um espaço de convivência adequado para relaxar, descansar, passar um tempo com alguém, trazer um convidado para fazer

uma pequena reunião, tomar um café em paz. O lugar que chega mais perto disso é a lanchonete do campus, que nunca foi aconchegante para qualquer uma dessas aplicações.

Bem que poderíamos contar com uma pequena pra-cinha interna no próprio campus, com árvores, flores, uma pequena área coberta com mesas e poltronas confortáveis, e com uma cafeteria onde se pudesse tomar um cappuccino decente sem que o convidado se sentisse quase que enxotado do campus quando encerrasse sua participação em algum evento.

Não precisaria ser um ambiente elitista e exclusivo para membros da cúpula secreta de alguma seita universitária; só sendo agradável e confortável, além de comportar pelo menos algumas poucas dezenas de pessoas, já seria bom o bastante. Apesar de eu não ser um fã daquela cafeteria da sereia verde, que considero um bom exemplo de lugares caros e com produtos de qualidade questionável, até se fosse algo naquele estilo, eu já consideraria um avanço, mesmo considerando que eu preferiria algo mais artesanal e com uma identidade própria, ao estilo do *The Coffee is on The Table*, no centro de SA, mas com mais as-

sentos e, se possível, com opções um pouco mais acessíveis no cardápio — algumas opções com “preços universitários” —, que já é bem variado e agradável. Quem sabe, um dia.

No mesmo prédio da biblioteca, há um grande auditório ao estilo anfiteatro sendo construído, mas que, infelizmente, mesmo com vários anos tendo se passado, até hoje a comunidade acadêmica não teve a oportunidade de ver o interior dessa obra. Tudo o que vemos é o lado de fora, que é realmente grande, apesar de ser só mais um prédio de muito cimento por fora e que guarda um interior misterioso, que ninguém sabe quando será inaugurado.

Até lá, a UFABC tem de recorrer ao auditório do Campus SBC, que fica bastante distante para todos os que têm como campus principal o de SA, e aos pequenos auditórios — que eu custo a conseguir enxergar como tal —, que se localizam ao fundo dos dois primeiros andares do Bloco A, debaixo da Torre 3, e que mais se parecem com qualquer outra sala de aula, exceto pelos assentos, que pelo menos são um pouco mais confortáveis, embora o apoio para material de leitura e escrita seja ridiculamente apertado, estreito e instável, e também sem contar com o fato de que os assentos e tais apoios vivem precisando de

uma manutenção, que parece simplesmente inexistir.

Uma outra mudança muito significativa no Campus SA foi a construção do Bloco L. Naquele lugar, havia um estacionamento improvisado para alunos, que era, basicamente, o que muitos conhecem popularmente como “terrão”. Em uma época em que o ponto dos fretados ainda era na Rua Abolição, chegaram a fazer até um desvio, também improvisado, para que os fretados entrassem para se afastar da rua e pudessem realizar com um pouco mais de segurança os processos de embarque e desembarque de passageiros.

Durante o longo período de obras, aquela área enorme havia ficado interditada, o que levou alguns anos, até que o Bloco fosse, finalmente, inaugurado. É um Bloco com um tamanho que, pelo menos nas aparências, é aproximadamente igual ao do Bloco B, mas com uma arquitetura mais bem elaborada em alguns aspectos, a começar pelo fato de ter janelas por todos os lados.

O Bloco L acabou sendo motivo de muitas disputas internas entre docentes. Como a Universidade é relativamente nova e está ainda em construção, existe uma briga ferrenha por espaços. A Universidade pode ser nova, mas

muitos dos professores que ali estão não são — pelo menos a mentalidade de alguns parece não ser; a instituição pode até ser do Século XXI, mas a mentalidade de alguns, certamente, não chega sequer a ser do Século XVI.

Em situações como essa, por parte de alguns dos indivíduos, simplesmente inexistente senso de coletividade, bom senso, razoabilidade, parcimônia, compaixão, empatia, ou mesmo qualquer outra qualidade positiva que seja tão necessária para uma boa vida em sociedade, sobretudo durante os momentos mais difíceis. Em vez disso, há mesquinha, selvageria e egoísmo em abundância. Criam um verdadeiro cenário de “cada um por si”, apesar de alguns gostarem de se utilizar de grupos não oficiais de membros da comunidade acadêmica pelas redes sociais para passarem a impressão de que eles são diferentes disso, mesmo com suas atitudes demonstrando o contrário no dia a dia fora das redes sociais.

Tão logo conseguiam acesso a algum dos espaços do Bloco L, os professores corriam para ocupá-lo com mesas, computadores, equipamentos, caixas, e tudo mais que passasse a impressão de que tais espaços estavam ocupados e, portanto, dado o uso que estava sendo feito, não poderiam

ser tocados.

Uma das belezas de ter feito amizade com gente de todos os cursos e de todos os centros, incluindo alunos, TAs e docentes, é que isso nos ajuda a entender um pouco sobre cada um dos lados, e ajuda a conhecer um pouco a respeito de tudo na instituição, sejam coisas boas, sejam coisas não boas. E ajuda, também, a perceber algumas hipocrisias por parte de muitos; visões que são claramente egoístas e corporativistas.

Cheguei a andar muito pelo Bloco L e, sinceramente, o que eu mais vi era um monte de salas enormes sem pessoa alguma, e eu não fui em um só dia da semana ou em um só horário, não. E não é verdade que essa atitude foi só por parte de professores do curso X ou do centro Y. Vi um pouco de gente de todos os lugares ali, e era raríssimo encontrar alguém. Mesmo passando por lá vários meses depois, as salas continuavam mais ou menos do mesmo jeito que se encontravam inicialmente. Até havia um pouco mais de pessoas para lá e para cá, mas nem perto do que se esperaria de um ambiente com tantas salas e tantos laboratórios.

Algo que ajudava a deixar claro o quão ruim era a

situação era o fato de que, sempre que alguém que não me conhecia me avistava caminhando pelo Bloco, encarava-me, como se eu não pudesse estar ali, mesmo sendo membro da comunidade acadêmica, mesmo tendo uma carteirinha que me liberava o acesso ao Bloco, mesmo sendo aluno de vários dos professores que atuavam em alguns dos laboratórios do Bloco L, e mesmo já tendo vários anos de casa, e até tendo relação com outro laboratório de pesquisa que ficava no Bloco L.

Sempre era um olhar desconfiado, de quem pensava que eu poderia estar ali para investigar algo que eles estivessem tentando esconder. Dava para ver no olhar das pessoas que elas não queriam que houvesse qualquer ser humano desconhecido por ali, principalmente se fosse alguém que ficasse “olhando muito”. Realmente, lembra muito a atitude de quem está tentando esconder algo de errado.

Isso tudo ocorria porque ninguém queria ter de ceder espaço a outros grupos de pesquisa, a outros docentes, a outros centros... a outros. Queriam um cantinho para chamar de seu, queriam um espaço que lhes fosse garantido e que ninguém pudesse tirar deles de modo algum. E eu não estou supondo isso. É muito comum ouvir exatamente

isso de muitos membros de grupos de pesquisa de várias instituições; não é uma característica apenas da UFABC.

Como eu havia dito, fiz amizade com alunos, TAs e docentes por todos os lados. Ao conversar com essas pessoas, notei que uma boa parte dava exatamente a mesma explicação para tal “fenômeno” no campus, e dizia até que isso não era algo novo, pois rolava em qualquer IES que já fosse mais antiga, com tempo o bastante para ficar óbvio o que rolava. Mas, como já era de se esperar, sempre que falavam comigo sobre isso, ficava bem claro que, em suas opiniões, isso era coisa “dos outros”, e nunca de si. Essas pessoas apenas não se atentavam a um fato bastante simples: para os outros, elas são “os outros”.

Para se ter uma ideia do nível de maluquice, chegamos a ter casos de professores que até migraram em caráter definitivo para lá, só para se assegurar de que ninguém conseguiria simplesmente tomar o espaço para si. Era como uma espécie de ato de fincar a bandeira no chão e se declarar proprietário legítimo daquelas terras. Lembra uma das cenas finais do filme “Um Sonho Distante” (*“Far and Away”*).

Com a construção do Bloco L, também vimos a mu-

dança do local da lanchonete, que antes dividia parede com os fundos do prédio do RU, para uma área debaixo do Bloco L, permitindo que passasse a ser maior, a ser mais bem organizada e a ter algumas mesas e cadeiras, que, embora não fossem muito espaçosas e confortáveis, considero um tímido progresso. Nada que chegue perto do que eu havia dito sobre o que eu almejo quanto a uma área de convivência, mas pelo menos melhorou um pouco.

Também debaixo do Bloco L, passamos a ter uma bomboniere, uma gráfica e uma outra grande polêmica de nossa querida Universidade: uma agência bancária. Caso você não esteja entendendo o motivo da polêmica, pense no seguinte: todos os docentes recebem seus salários pelo *Banco do Brasil* (**BB**); todas as bolsas da UFABC são pagas, necessariamente, pelo BB; todas as assistências dadas pela instituição são dadas pelo BB; quando é preciso devolver alguma verba à instituição, isso é feito pelo BB; que eu saiba, até mesmo os pagamentos da maior parte das agências de fomento em pesquisa são feitos pelo BB. Com base nisso, fica a pergunta: por que, diabos, não colocaram uma agência do BB ali?

Chegamos a ter contato com uma informação de que

houve um processo licitatório aberto, mas que apenas um outro banco (privado) havia participado e enviado uma proposta, então, como a proposta respeitava as delimitações, foi esse o único banco que participou e venceu a licitação. Por mais que seja uma informação legítima, jamais foram dadas explicações sobre os motivos de o BB não ter participado.

Aliás, tratando-se de uma UF, e tendo todos os trâmites financeiros envolvendo o BB, acho que, embora pudessem abrir uma chamada para colocar outros bancos dentro do campus, deveriam, necessariamente, ter uma agência do BB dentro do campus, que, preferencialmente, deveria ficar até mesmo dentro do próprio Bloco A, para conferir maior comodidade e maior praticidade aos membros da comunidade acadêmica, o que melhoraria ainda mais quando passasse a haver a ligação entre os Blocos A e B. Por conta de sua localização dentro do campus, sendo dentro do Bloco A, haveria até mesmo maior nível de segurança, principalmente se ficasse longe das entradas do Bloco; possivelmente, talvez até em algum dos dois primeiros andares, apesar de o piso vermelho ser bem mais convidativo para isso.

Durante todo o tempo de existência do campus, investiram em uma enorme área com um espelho d'água que vivia em manutenção e limpeza. Por um longo período de vários anos, com uma frequência quase diária, era possível ver alguém fazendo algum tipo de manutenção, reparo ou limpeza naqueles espelhos d'água ao redor do Bloco A.

Tais espelhos acabaram sendo alvo de críticas frequentes de boa parte da comunidade acadêmica que utilizava o campus, pois alegava que não tinha utilidade que justificasse os gastos envolvidos, além de dependerem de uma área significativamente grande do campus que poderia ser muito mais bem aproveitada com, por exemplo, alguma área de convivência, alguma área verde, bancos confortáveis debaixo de sombra, ou algo assim. Até se houvesse mais espaços para serem utilizados como salas de estudo pelos estudantes, isso já seria uma melhoria imensa.

Algo que também foi construído há poucos anos e que também foi alvo de críticas foi o conjunto esportivo composto de ginásio poliesportivo coberto, com direito a vestiários, banheiros e arquibancadas de dois andares, quadras poliesportivas em área externa, e a piscina semiolímpica externa.

É possível que nem todos compreendam de imediato o motivo das críticas sobre essas construções de finalidades esportivas, então pode ser bom lembrar que a UFABC não possui cursos relacionados à saúde humana, como educação física, medicina, fisioterapia ou afins.

Também é importante lembrar que, por mais importante que a atividade física seja para todo e qualquer ser humano, e que vários frutos possam ser colhidos a partir da atividade física, tanto com benefícios físicos quanto com benefícios psicológicos, fora toda a questão positiva que poderia envolver a extensão universitária, várias outras obras do Campus SA ainda estavam inacabadas, e várias delas pareciam já estar realmente abandonadas, como era o caso do auditório. Notem, então, que não é o caso de uma das coisas ter importância e a outra não; em vez disso, trata-se apenas de uma questão de prioridades.

O próprio Bloco L, por mais que já tenha sido inaugurado, não estava realmente 100% completo, e chegou a sofrer interrupções na construção por várias ocasiões. A biblioteca, que também deveria existir desde a inauguração do campus, demorou alguns anos até que isso ocorresse. Se forem feitas vistorias minuciosas, ainda hoje é

possível notar que, ou os próprios Blocos A e B não estão realmente 100% terminados, ou tiveram algumas alterações no projeto original, fosse para que as obras pudessem ser dadas como concluídas mais rapidamente, fosse para adaptar para necessidades pontuais e temporárias que acabaram virando permanentes.

Mesmo o estacionamento exclusivo para funcionários, que hoje é considerado quase inteiramente concluído, sofreu com severos atrasos. Apenas entre o fim de 2019 e o início de 2020 foi possível ter algumas das funcionalidades do estacionamento implementadas, como a entrada de veículos autorizados (de funcionários) pela *Avenida dos Estados*, sendo que antes era obrigatória a entrada pela portaria da *Rua Oratório*.

A área de embarque e desembarque rápido da *Avenida dos Estados*, que facilitaria muito as vidas de quem se utilizasse de caronas, serviços de táxi, motoristas de aplicativos e afins, além de facilitar em todas as ocasiões que a instituição recebesse ou realizasse excursões com ônibus fretados, é outra obra que sofreu grandes atrasos e que só foi concluída em 2019.

No 8º andar da Torre 1, no Bloco A, os laboratórios

até hoje não possuem sistema de segurança, não possuem acesso ao ar-condicionado, e são proibidos pela *Prefeitura Universitária* (PU) de fazerem instalações próprias, por mais que tudo saia dos bolsos dos próprios professores que se mobilizarem em prol disso por conta própria.

Volto a dizer que a Universidade ama dizer reiteradamente que é a “Universidade do Século XXI”, mas que não parece mostrar isso na prática em seu dia a dia; parece ser apenas marketing vazio e enganoso, proveniente de uma espécie de mantra que é exaustivamente repetido. Chega a ser até algo vergonhoso, de tão fajuta a propaganda em relação a muitos dos quesitos.

Os laboratórios de pesquisa e algumas salas especiais poderiam, por exemplo, incluir um sistema que reconhecesse o indivíduo pela carteirinha e, se fosse alguém autorizado, liberasse o acesso, já deixando tal informação registrada em um registro auditável por todos os responsáveis pelo local. Isso é bem menos complexo do que parece, já existe há muitos anos, e melhoraria muito a qualidade do ambiente de trabalho, além da própria segurança.

E, sim, sugestões já foram fornecidas; apenas nunca foram implementadas por motivos X, Y ou Z. Sempre há

uma série de supostos motivos que fazem com que não se possa implementar isto ou aquilo; no fim, nada disso importa, porque a única coisa relevante, que é ter a solução implementada, não ocorrerá. Então, tanto não é possível esperar pela implementação por parte de meios oficiais da instituição quanto não é possível que os próprios membros da comunidade implementem, pois isso é simplesmente proibido.

Não é preciso se esforçar muito em sua busca para descobrir que há muitos docentes que também não têm laboratório de pesquisa próprio. Já estamos há anos com uma severa escassez de salas de aula. Os computadores que a instituição utiliza ainda são os mesmos que eu utilizava quando eu havia entrado em 2011, sendo que nenhum deles era realmente o melhor que havia naquela época; eram excelentes máquinas, mas já não eram o melhor que havia, nem mesmo em termos de computador de mesa para usuários finais. É importante não confundirmos o que se espera de uma configuração para ler e-Mails com o que se espera de uma configuração para aplicações de pesquisa, desenvolvimento e inovação, sobretudo em casos que envolvam simulações e renderizações de alto custo computacional.

Fora o caso dos computadores (Hardware), há o fato de os programas (Software) proprietários instalados não estarem todos atualizados, e os alunos não terem o direito de utilizá-los em seus próprios computadores, que é algo bem mais cômodo, e que é algo que muitas universidades pelo mundo já fazem há muitos anos. Os membros da comunidade acadêmica até chegaram a ter acesso a alguns programas, principalmente por causa do *Microsoft DreamSpark*, que depois continuou com o acesso por meio da plataforma da *Microsoft Azure*, mas não há realmente acesso a tantos outros programas utilizados pela comunidade.

Apenas para exemplificar, é muito comum que diversos docentes façam uso do *Matlab*, do *Mathematica*, do *OriginLab*, do *SPSS*, *SolidWorks*, além de tantos outros. Eu tenho plena consciência de que existem diversas alternativas gratuitas que poderiam ser utilizadas em vez de esses custosos programas proprietários mencionados, mas o bom mesmo é que os alunos possam utilizar a mesma solução que os docentes utilizam e que a indústria utiliza, e não apenas uma alternativa gratuita, por mais que ela possa ser tão boa quanto.

Além disso, eu também tenho a consciência de que há laboratórios com computadores em que há esses programas instalados, mas nem todos os computadores possuem todos os mesmos programas instalados, nem todos os programas estão com as versões necessárias, e nem todos os membros da comunidade da UFABC podem comparecer a esses laboratórios para utilizá-los quando bem entenderem; afinal, esses mesmos laboratórios também são utilizados para as aulas e têm regras de uso, que envolvem a obrigatoriedade de se agendar um horário para uso com alguns dias de antecedência, caso não queira depender da boa vontade do TA para autorizar o uso que não tenha sido previamente agendado. Enquanto isso, em diversas instituições pelo mundo, é possível que os próprios membros da comunidade tenham acesso a esses programas e possam instalá-los em seus próprios computadores, sem depender de uma máquina específica de um laboratório específico que fica no campus e que depende de um limitado e restrito horário durante o qual possa ser feito o seu uso em uma versão que pode nem ser a de sua necessidade.

Volto a dizer que a instituição também não possui uma área verde, não possui uma área de convivência, não possui uma cafeteria, não possui uma enfermaria digna,

e não possui tantas outras coisas que, aos olhos de muitas pessoas, seriam consideradas essenciais em um campus universitário de respeito. E vale lembrar que a UFABC, mesmo ainda tão jovem, e mesmo sendo tão maltratada por uma gigantesca parcela de políticos e demais gestores públicos, além de uma outra enorme parcela da sociedade, já produz resultados muito chamativos, inclusive quanto à pesquisa. Se houvesse investimentos dignos na instituição, imaginem o quão mais avançada a Universidade poderia estar e, com isso, o quão mais frutífera para a sociedade ela seria.

Muito do que esperam que ajude a aliviar parte das complicações que o Campus SA sofre ainda hoje está sendo construído do outro lado da *Avenida dos Estados*. Estão levantando mais um grande Bloco por lá, e espera-se que haja alguma interligação entre os dois lados da Avenida sem depender da longa volta a pé que seria necessária hoje. Ainda assim, a obra está ainda inacabada, e sofre com um número severamente reduzido de funcionários.

Então, voltando à questão das construções com finalidades esportivas, é compreensível que uma parcela bastante significativa dos membros da comunidade acadêmica

considere que o dinheiro investido nas obras desse complexo esportivo poderia muito bem ter sido utilizado para resolver os problemas já pré-existentes em tantos outros pontos da instituição; depois, quando esses pontos fossem resolvidos, ou pelo menos severamente atenuados, poderiam gastar com essas construções esportivas, que têm, sim, grande importância, tanto para a comunidade acadêmica quanto para toda a comunidade externa da região.

E o complexo esportivo também gerou certa insatisfação por outro motivo: houve uma demora muito grande na liberação do uso, mesmo quando já estava do mesmo jeito que hoje se encontra; então, ou liberaram para uso sem terem concluído, o que é um erro gravíssimo, ou já estava concluído e se negavam a liberar para o uso sem qualquer razão justificável, o que também é um pouco grave, pois ali havia muito dinheiro público utilizado sem trazer retorno a quem deveria.

Para se ter uma ideia, até hoje a piscina não é liberada para uso. Foram várias as vezes que todos testemunhavam a palhaçada que era aquilo. Eles enchiam a piscina inteira, que é imensa, então esvaziavam inteiramente, depois repetiam o processo várias e várias vezes, e

eu não me refiro à fase de testes para verificar a segurança da obra ou possíveis vazamentos, não. Do 8º andar da Torre 1 era possível ver aquela maluquice o tempo todo.

Reza a lenda que ela só não foi liberada até hoje porque não há salva-vidas, que, supostamente, precisariam ser contratados por meio de concurso público, que, no momento, não pode ser aberto por suposta decisão do *Governo Federal*. Não sei se isso é verdade. De qualquer forma, temos uma das maiores piscinas de toda a região, custando uma pequena fortuna por mês para ser mantida, desgastando-se inutilmente a cada dia que passa, e ninguém pode utilizá-la, por mais quente que esteja o dia.

Tivemos ainda o caso da *Torre do Relógio*, que foi outro elefante branco do Campus SA. Mesmo com tantas outras partes do campus precisando de atenção com muito mais urgência, e com várias obras inacabadas ou precisando de manutenção, começaram a concluir a construção da tal Torre logo ao lado da portaria da Rua Santa Adélia, em frente à piscina.

É mais uma obra que dependerá de manutenções periódicas custosas e que ainda traz consigo algo ridículo; afinal é chamada de *Torre do Relógio*, mas vivem removendo

os ponteiros para fazer manutenção, e é muito comum que esteja com a hora errada. E há ainda o fato de ser uma torre que, com o devido respeito, é muito feia; apenas uma torre de concreto enorme com um relógio que, quando tinha ponteiros, estava com as horas erradas no topo. Dá para entender o fato de muitos dizerem que aquilo parece um enorme *Pen Drive* com design antigo.

Hoje, o Campus SA possui: 1) um auditório que não foi finalizado, mas cujo prédio está tomando uma imensa área no campus, e obrigando a todos de SA a irem a SBC para fazerem seus eventos, ou utilizar salas pequenas para isso; 2) um ginásio que ainda é subutilizado e que demorou um tempão até começarem a permitir que utilizassem; 3) uma piscina que nunca foi utilizada, mas que custa um dinheirão para ser mantida; 4) espelhos d'água que vivem tendo que passar por manutenções e limpezas longas e dispendiosas, e que ocupam um espaço relativamente grande da forma mais inútil possível; e 5) um Bloco (L) ainda não finalizado, mesmo após tantos anos, que está lotado de laboratórios com pouquíssimas pessoas realmente utilizando o espaço.

Mesmo com todos esses pontos negativos, eu gosto

do Campus SA, e imagino que boa parte desses dissa-bores já tenham sido observados em outras instituições muito respeitadas em nosso país, mas que hoje não obser-vamos por não já terem conseguido vencer tais obstáculos, mesmo que tenha sido preciso algumas boas décadas para isso. Toda instituição tem seus problemas de infraestru-tura; umas mais que outras, mas todas têm. E não seria muito justo comparar instituições tão incipientes com ins-tituições já bastante amplas, consolidadas e experientes.

Não podemos olhar para esses problemas como se fossem toleráveis ou admissíveis, mas pode ser que os sen-timentos negativos que essas questões provocam estejam um pouco mais aflorados pelo fato de nossa querida insti-tuição ainda ser tão jovem, e muitos desses problemas tal-vez demandarem alguns bons anos para serem resolvidos e para que nós todos — sobretudo os gestores diretamente responsáveis — consigamos evoluir e amadurecer; então, caso as coisas continuem caminhando, ainda que a passos de tartaruga, nós ainda veremos a Universidade realmente atingir níveis que nos façam ter orgulho de sua infraestru-tura da mesma forma que já temos de nossos docentes e de nossos discentes.

Capítulo 11

Aquela do reingresso

Ainda nos primeiros anos de graduação, havia deixado de cursar uma disciplina de matemática muito importante, então tive de cursar depois, sem qualquer conhecimento na turma. Infelizmente, como havia ficado gripado e estava ainda me recuperando, perdi a primeira aula do quadrimestre.

Cheguei a ir a quase todas as aulas naquele quadrimestre. Havia faltado apenas àquela primeira aula e a uma outra aula no meio do quadrimestre por ter me enrolado com algumas dores de cabeça causadas por burocracias em uma agência bancária bastante distante do campus. Não

faltei a qualquer outra aula que fosse. E eu me certifiquei de pegar as informações que haviam sido passadas com um colega (desconhecido) da turma, que disse apenas que foram passadas as datas das provas e mencionou que o professor já havia começado o conteúdo em si, e me disse qual havia sido o conteúdo.

Em nenhuma das aulas o professor passava lista de presença ou realizava qualquer forma de chamada que permitisse a ele saber quem estava presente. Ele apenas entrava, dava a aula dele e saía rapidamente. Nenhuma informação foi dada sobre qualquer coisa que fosse além do mero conteúdo das aulas em si. Como eu já havia tido professores que não pareciam cobrar presença através de listas ou chamadas, eu não havia estranhado tanto.

No dia da prova dele, apenas ali na hora, ele passou as instruções sobre como ele queria que sua prova fosse feita. Falando da forma mais aterrorizante e amedrontadora possível, ele disse que queria que as questões fossem feitas na ordem, que tudo fosse feito à tinta, que qualquer questão que não fosse feita deveria ter a frase “Não fiz” escrita (também à tinta), e que qualquer resolução com passos que ele considerasse incompletos, não razoáveis ou

inconsistentes poderia ser suficiente para zerar a questão inteira, além de dizer reiteradamente que nós deveríamos nos atentar ao horário, pois tudo que seria avaliado precisaria estar dessa forma específica em sua folha de respostas, e não na folha de questões ou na folha de rascunho, porque ele não avaliaria qualquer conteúdo de qualquer outro local que não fosse a folha de respostas.

Enquanto os alunos iam fazendo a prova, o professor ia andando pela sala e passando, de carteira em carteira, para verificar a identidade de cada aluno e colher sua assinatura na lista de presença; lista que eu nunca havia visto até então, e que, de fato, ele nunca havia passado até aquele dia.

Em algumas das mesas, ele olhava o que o aluno estava fazendo e, então, em voz alta, ele dizia que alguns alunos pareciam não ter estudado direito e que não estavam seguindo o que ele havia ensinado em sala. Falava com um ar sarcástico, como quem queria provocar (negativamente) os alunos, justo na hora da prova. Ele realmente parecia estar se divertindo ao fazer aquilo, e não parecia ser o tipo de coisa que é só uma brincadeira por parte de alguém que gosta de brincar em momentos assim para des-

contrair, para provocar (no bom sentido), ou algo assim; parecia realmente ser algo maldoso.

Em meio àquele terrorismo psicológico produzido pelo professor já logo nos primeiros minutos da primeira prova, eu não nego que comecei a ficar bastante tenso. Na verdade, sempre fiquei tenso com provas, mas, nesse caso, eu estava com o nível de estresse lá nas alturas, e isso me prejudicou demais.

Como já era de se esperar, depois de algumas semanas, quando o professor fez a vista de provas, eu acabei descobrindo que havia me saído muito mal naquela prova, a ponto de ter sentido que deveria desistir, mesmo tendo ido às aulas, tendo estudado bastante, e tendo feito todas as listas por completo e por conta própria. Como estava bastante sobrecarregado naquele quadrimestre, inclusive com muitas coisas de vida pessoal (por fora da Universidade), pensei que seria melhor focar minhas poucas energias nas provas de outras disciplinas.

Com muito pesar, eu estava começando a aceitar um **F** naquela disciplina, principalmente por questão de sobrecarga psicológica. Eu até estava indo às aulas para continuar pegando o restante do conteúdo, mas acreditando

que não faria a P2, e realmente não fiz. De repente, o professor avisou que permitiria que a prova substitutiva fosse utilizada por quem quisesse melhorar a nota. Como eu havia feito os cálculos e havia percebido que eu teria chances de concluir a disciplina ainda com um **C**, decidi fazer aquela prova.

Só para explicar melhor: na época em questão, não existia formalmente uma prova de recuperação; a prova substitutiva poderia ser utilizada como uma prova de recuperação se o professor assim permitisse. Era o próprio docente quem tinha total liberdade para decidir se faria isso ou não. Para ser justo, é verdade que uma boa parte permitia o uso da prova substitutiva como recuperação, mas havia aqueles que não permitiam; por isso mesmo é que, depois de muitas brigas, finalmente passou a ser em separadas as provas substitutiva e de recuperação, sendo ambas consideradas um direito do aluno, independentemente das vontades e dos interesses que o professor pudesse ter. Ainda assim, vale lembrar: naquela época ainda não havia isso.

Logo que cheguei ao local da prova, ainda com alguma esperança de que tudo poderia acabar bem, pois,

mesmo comigo tendo ido mal na primeira prova, eu tinha chances de conseguir ser aprovado, e sem ser apenas com **D**; poderia conseguir um **C**, o que, por mais que não estivesse dentro dos meus verdadeiros objetivos, seria aceitável para aquela situação pela qual eu estava passando no momento. Assim, eu fui me preparando para ouvir novamente aquelas instruções de prova aterrorizantes do professor, e para encarar seu jeito sarcástico e de humor duvidoso durante a prova; então, só aguardei pelo início da prova enquanto o professor passava distribuindo as folhas.

Eis que o professor aparece ao meu lado com a folha de presença e pede para ver minha carteirinha, tal como estava fazendo com os demais alunos. Ele pegou abruptamente a carteirinha de minha mão, fez um “cara-crachá” e perguntou: “*Você é Tito Spadini?*”. Assim que eu confirmei, ele disse em voz alta: “*Você não fez a segunda prova e não me trouxe qualquer atestado para justificar a falta, portanto, já está reprovado por falta e não tem direito a fazer a Sub. Pode pegar suas coisas e sair da sala*”.

Eu até tentei conversar com ele, mas não houve qualquer possibilidade disso. Fiquei aguardando pelo término da prova ao lado de fora para conversar com ele, mas ele

foi totalmente inflexível. Nem olhava no meu rosto enquanto falava comigo. Ficava o tempo todo balançando a cabeça com os olhos fechados e dizendo que eu poderia ir reclamar lá na secretaria se eu quisesse, pois aquilo não era problema dele.

Eu admito que não seria algo fácil de encarar com tranquilidade, mas eu compreenderia se ele dissesse que eu não poderia fazer a prova substitutiva por não ter apresentado um atestado que justificasse minha falta à P2. É algo que faria sentido. Mas ele precisaria me deixar com conceito **F**, e não com conceito **O**. Eu não faltei às aulas dele; eu havia faltado a uma de suas provas; só isso.

O conceito **F** indica que as notas foram insuficientes para aprovar o aluno, o que até seria verdade; o **O**, por outro lado, indica que o aluno não esteve presente em ao menos 75% das aulas, o que não corresponderia com o cenário em questão, pois eu tinha muito mais do que 75% de presença, dado o fato de que, ao contrário do que muitos docentes parecem pensar, o professor não pode ficar definindo dias específicos em que ele verificará a presença. Imaginem a loucura que seria se o professor pudesse escolher dois dias específicos quaisquer e, somente nesses dias,

colher as assinaturas dos alunos; quem não estivesse presente em um dos dias já estaria reprovado, mesmo que tivesse presença em todos os demais dias.

Como eu não fazia a menor ideia de como proceder, fui mesmo à secretaria para ver o que poderia ser feito, mas as TAs me disseram que ninguém ali teria poder de fazer qualquer coisa, e que isso deveria ser tratado diretamente com o próprio professor. Ou seja, ficou um jogo de empurra-empurra entre as partes, e eu, prejudicado, sem poder fazer qualquer coisa.

Cheguei a pensar em recorrer à coordenação do curso, e até cheguei a pensar em abrir um processo contra o professor, mas depois, conversando com alguns amigos, eu me liguei que eu era ainda muito novo dentro da instituição, que poderia passar vários anos por lá, e que eu não sabia direito com quem eu estava lidando. O fato de se tratar de um docente não implica estar lidando com alguém coerente, razoável, “de bem”, de boa índole, “gente boa”, ou de boas intenções. Na verdade, pelo que eu havia visto em múltiplas ocasiões — e até com opiniões de outros colegas, discentes e docentes, que consultei depois —, era bem claro que se tratava de uma pessoa bastante proble-

mática, então não poderia esperar comportamentos éticos advindos de sua pessoa.

Seria possível que eu acabasse pisando no calo de alguém cujo próprio coordenador da disciplina fosse um amigo, ou cujos responsáveis pela avaliação de um eventual processo administrativo também fossem amigos ou bons conhecidos de longa data, e eu sabia que isso tudo levaria muito tempo para ser resolvido, enquanto minha imagem seria prejudicada pelo professor, e eu poderia ser perseguido dentro da instituição por ele próprio ou por um de seus colegas, a quem ele certamente contaria uma história bastante distorcida para soar como se ele fosse a vítima e como se eu fosse apenas mais um “aluno vagabundo”.

Caso nós vivêssemos em um mundo com pessoas íntegras, dignas e honradas, eu até poderia conversar com a coordenação, com a direção do centro, com algum tipo de ouvidoria, ou até mesmo com a reitoria, pois a busca pela solução desse problema ocorreria de forma confiável, mas não é assim que funciona o mundo em que vivemos. Não há como garantir que os envolvidos nesses procedimentos não agiriam de modo a me prejudicar de alguma maneira, por mais que a nível relativamente baixo.

Depois de um tempo pensando, eu decidi deixar isso para lá, mesmo significando que eu teria um **O** em meu histórico, e não um **F**. E o **O** passa uma imagem bem diferente do que um **F** poderia passar, principalmente para quem pensa em carreira acadêmica e depende de bolsas de estudos e de opiniões de docentes sobre seu histórico. Ao menos era esse o pensamento que alguns colegas me levaram a ter durante um bom tempo.

Porém, depois de bastante tempo, que foi mais de um ano pensando a respeito, voltei a ficar revoltado com a ideia de eu ter sofrido aquela injustiça e ter sido prejudicado por algo que o professor quis fazer desrespeitando regras que não cabe a ele decidir se deve seguir. Ele poderia ter me reprovado por faltas se ele passasse a lista (ou fizesse chamada) diariamente e constatasse que a minha presença tivesse sido inferior a 75%, mas não havia sido esse o caso. Ele considerou apenas os dias das provas P1 e P2 para avaliar quem havia cumprido com a presença; desta forma, quem faltasse a qualquer uma das provas estaria com 50% de presença, então estaria reprovado por faltas. Só tem um detalhe: ele não poderia ter feito isso, mas fez mesmo assim.

O estrago em meu histórico já estava feito e não haveria como reverter aquilo. Pelo menos era o que eu pensava, até que uma colega conversou comigo e me disse que haveria, sim, uma forma de tentar corrigir isso: reingressando.

Eu demorei a entender o que exatamente seria isso, e eu ficava com um medo enorme de ter que cursar tudo do zero novamente, mas ela insistia que tinha como reingressar, e só precisar cursar as disciplinas em que eu ainda não tivesse sido aprovado. Fui, então, em busca de mais informações. Comecei encontrando uma menina que havia feito o reingresso, então pedi a ela que conversasse comigo para tirar minhas dúvidas. Por sorte, ela havia sido muito solícita.

Ela me explicou que o procedimento seria bem parecido com o ingresso normal na instituição, então eu precisaria fazer novamente o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM), fazer a inscrição no *Sistema de Seleção Unificada* (SiSU), e aguardar a convocação para a matrícula; porém, quando fosse realizar a matrícula, eu não precisaria apresentar todos os documentos, porque eu já teria matrícula na instituição e se trataria apenas de um processo

que os próprios TAs já conheciam.

Feito isso, segundo ela, eu só precisaria ir até a Central de *Atendimento ao Estudante* (**CAE**) e solicitar o aproveitamento de disciplinas. Eu listaria todas as disciplinas que eu gostaria que fossem aproveitadas de minha matrícula anterior, então aquela matrícula anterior seria cancelada e eu passaria a ter somente a matrícula nova, com o *Registro Acadêmico* (**RA**) novo, e todas as disciplinas entrariam no histórico com o conceito que eu tivesse obtido anteriormente.

Parecia ser algo muito bom, pois, apesar de me custar bastante tempo e uma grande dor de cabeça extra por causa de algo que penso não ter sido minha culpa, limparia meu histórico daquele O ridículo e injusto. Então eu refleti bastante e decidi prosseguir com o plano. Fiz o ENEM, fiz a inscrição no SiSU, aguardei pela convocação e fui fazer a matrícula.

Quando cheguei ao local da matrícula, fui chamado por um dos TAs mais carrancudos que já encontrei na instituição; uma das pessoas mais grosseiras com quem já tive o desprazer de ter tido contato na vida. Tentei explicar que eu era reingressante, tal como a menina havia me

informado, mas ele foi muito intransigente e obtuso; sem olhar em meus olhos, apenas dizia que o edital me obrigava a apresentar os documentos e dizia, em voz bastante alta, insistentemente, que *“não tem essa de reingresso, não”*. Parecia que, aos olhos dele, eu estava tentando passar a perna nele ali.

Como uma pequena agitação estava ocorrendo por ali, com frases um tanto acaloradas — embora sem palavras de baixo calão —, felizmente, chegou uma TA bem mais experiente, mais profissional, mais calma, e muito mais interessada em tentar resolver o problema do que em ficar causando e tentando mostrar quem mandava ali com imposições baseadas em supostas regras criadas pelo próprio indivíduo na tentativa de fazer as coisas funcionarem segundo suas próprias vontades.

Para a minha surpresa, ela me dirigiu a palavra com toda a diplomacia e perguntou o que se passava. Disse a ela que eu era reingressante e gostaria apenas de fazer a matrícula e aproveitar os créditos, e disse que todos os meus documentos já estavam com a instituição já nas versões atualizadas, então eu não precisaria apresentá-los novamente.

Ela sorriu, olhou minha carteirinha (de antes do reingresso) e disse que estava tudo certo. Depois, dirigiu-se ao outro TA e disse que ele deveria colher apenas o meu formulário de matrícula, que eu preencheria ali mesmo; então, deveria colocá-lo no envelope e escrever atrás, na diagonal, com letras garrafais, a palavra “REINGRESSANTE”, que o pessoal da secretaria saberia o que fazer.

Foi muito nítido que o TA que estava me atendendo detestou o que ocorreu. Ele ficou me encarando pelo resto do atendimento com um olhar de inconformado, e não conseguindo aceitar que eu não estava cometendo qualquer erro no que eu estava fazendo. Ele parecia sentir que aquilo era uma injustiça, como se eu não merecesse ter aquele direito, e ele queria acabar comigo por isso. Infelizmente, é só mais um exemplo das pessoas com quem nós às vezes temos que lidar na vida; alguém que serve apenas para atrasar as vidas dos outros. Infelizmente, pelo que testemunhei em múltiplas ocasiões ao longo desses anos todos, há várias peças raras assim por ali, mas ainda bem que não é a maioria.

Continuando a seguir as instruções da menina que já havia me ajudado muito com o processo de reingresso,

fui à CAE, expliquei que eu havia reingressado, e que eu gostaria de fazer o aproveitamento de disciplinas. O TA que me atendeu foi um excelente profissional. Já puxou o formulário certo, passou educadamente as informações detalhadas de como proceder, e conferiu comigo, item a item, antes de eu sair. Foi mais um grande exemplo de funcionário. Em termos de qualidade, foi um exemplo diametralmente oposto ao TA que havia feito minha matrícula todo emburrado.

Ele me disse que eu é quem decidiria o que gostaria de aproveitar. Poderiam ser só certas disciplinas específicas, só as com **A**, só as com **A** ou **B**, só as com **A**, **B** ou **C**, e até mesmo todas as aprovadas, e foi isso que eu escolhi: todas aquelas em que havia sido aprovado, independentemente do conceito, o que inclui até mesmo as do famigerado **D**.

O atendimento havia sido tão surpreendentemente bom e acolhedor, que eu havia saído de lá com a certeza de que tudo havia dado certo. Tal como o TA havia me alertado, poderia levar algumas semanas para que o sistema identificasse todo o processo; mas, de fato, pouco menos de três semanas depois, o sistema já havia identi-

ficado que eu estava com a matrícula nova, e lá estavam todas as disciplinas que eu havia solicitado no processo de aproveitamento.

A única coisa que havia sido uma pequena dor de cabeça foi o fato de que, durante dois quadrimestres, eu continuava sendo identificado por algumas partes da Universidade com a minha antiga matrícula, e o RA era diferente, então isso às vezes gerava a necessidade de eu apresentar documentos, alertar professores, e coisas assim. Mas depois já estava tudo no lugar.

Infelizmente, como quase ninguém conhece toda essa longa história do motivo de eu ter feito o reingresso, muitas pessoas que sabiam que eu era reingressante me viam como se eu tivesse um histórico terrível e, por causa de seus preconceitos, já me viam como um aluno inferior em vários sentidos. De qualquer forma, não há como ficar vivendo a vida de acordo com o que os outros pensam sobre nós; eu não poderia ficar me dedicando a me explicar para os outros a cada passo que dou.

Capítulo 12

Aquela da insegurança

Eu havia separado o Capítulo 7 inteiro para falar exclusivamente sobre o caso do roubo que eu havia sofrido em 2014, e até mencionei várias vezes a questão da insegurança no Capítulo 9, mas acho importante pegar um outro capítulo para contar algumas histórias sobre problemas de segurança institucional da UFABC e, também, sobre problemas de segurança pública dos entornos do campus.

Já aproveito para deixar claro aqui que eu não estou tentando dizer que os problemas que serão aqui apresentados são exclusivos dessa região; apenas quero dizer que nesta região esses problemas também estão presentes. O

fato de dizer que no local X há um certo problema específico não significa que esteja sendo feita a afirmação de que tal problema se trate de uma exclusividade do local X. Infelizmente, às vezes nós precisamos falar o óbvio.

Por conta dos locais em que eu morei e os que frequentei desde a minha infância, nunca tive muito contato com a região do *Grande ABC*. Sempre ouvi falarem que, por mais que a cidade de *São Paulo* fosse muito perigosa, alguns lugares do *ABC Paulista* poderiam fazer *São Paulo* parecer um parque de diversões, de tão mais perigosos que esses lugares seriam.

Eu nunca fui atrás de pesquisas e evidências que comprovassem a veracidade de tais afirmações, porque trata-se de um assunto que sempre aparecia como se fosse uma conversa de boteco, e não como uma discussão séria em um ambiente acadêmico com especialistas em segurança pública. Ainda assim, de tanto ouvir isso das bocas de tantas pessoas próximas desde que era tão novo, acabei sendo influenciado por tais ideias, que talvez estivessem pouco acuradas — ou não.

Quando soube onde ficava o Campus SA, tive um pouco de medo, porque sabia que as formas de se chegar

até lá não eram exatamente confortáveis em termos de segurança. Passei toda uma vida acostumado a ir aos locais que eu frequentava utilizando apenas o *Metrô* e alguns poucos ônibus específicos que passavam perto de minha casa.

Gosto muito da ideia de utilizar caronas com colegas, com todos ajudando a bancar os custos, mas isso nem sempre é tão fácil de encontrar de um jeito que agrade a todos, e há ainda o problema de depender de outras pessoas para que se possa se locomover; apesar de muito legal por causa da companhia pelo caminho, não é tão agradável em sua completude, pois há burocracias e algum grau de perdas de autonomia e liberdade. Precisaria, então, utilizar o transporte público mesmo.

Até aí, sem problemas, porque havia utilizado por toda a vida; só seria um pouco mais desconfortável por ser bem longe de casa — cerca de 1h30 de viagem. Fiz muitas pesquisas para encontrar todas as possibilidades de rotas que fizessem sentido com os transportes públicos disponíveis. Aproveitei para conversar com pessoas que eram bem mais atualizadas do que eu quanto a isso, até para poder colher sugestões de rotas.

Depois de remover todas as alternativas malucas, que dependiam de muitas baldeações, ou que envolviam locais que muitas pessoas me alertavam para evitar, acabei percebendo que, na verdade, por mais que houvesse muitas opções de viagem, só uma seria realmente aceitável, que seria embarcar na Linha 1 (*Azul*) do *Metrô*, fazer a baldeação para a Linha 2 (*Verde*), depois baldear para a Linha 10 (*Turquesa*) da CPTM e, então, desembarcar na estação *Santo André — Prefeito Celso Daniel*, onde eu desceria da plataforma até a galeria subterrânea, subiria a rampa para o ponto dos fretados na *Rua Visconde de Tauanay* e, por fim, eu embarcaria no ônibus da Linha 1, com destino ao Campus SA, que, se não me falha a memória, naquela época, ainda desembarcava ao lado da portaria da *Rua Abolição*.

Só quando eu concluí a viagem de ida da minha casa até o Campus SA é que eu me dei conta do quão cansativa a viagem seria, ainda mais para ser feita diariamente por todo o período da graduação na UFABC, que, naquela época, eu tive a ingenuidade de acreditar que levaria apenas 5 anos. Mal sabia eu que, além de levar um pouco mais do que isso para concluir as duas graduações, ainda continuaria por mais 2 anos para o Mestrado e que, por um

possível ato de loucura, eu continuaria ainda mais alguns anos para o Doutorado, que está em andamento. Então, contando apenas o que já se passou, tenho pouco mais de 10 anos de casa; o dobro do que eu havia planejado inicialmente.

Por todo o trajeto, fui reparando em como eram os lugares por onde eu passava, e fui notando como havia mudanças significativas nos espaços urbanos e nas próprias pessoas que passavam por ali. Sem querer parecer um babaca, mas realmente era visível uma queda no nível socioeconômico da região. Não creio que seja uma mera questão de opinião, pois, só para se ter uma ideia, logo ao lado da própria estação *Utinga* da CPTM, há uma comunidade visivelmente muito carente. Isso, aliás, eu observava diariamente durante a graduação, pois eu passava por ali todos os dias da semana, na ida e na volta.

As cenas que testemunhei ao passar em frente àquela comunidade por tantas vezes ao longo de tantos anos não são boas. É um local bastante deprimente. As casas são, visivelmente, construídas à base do improvisado, pois é apenas a isso que essa população carente tem acesso, infelizmente. Esgoto a céu aberto, encanamentos expostos e com

vazamentos, janelas apertadas, forte odor, paredes sem revestimento, corredores estreitos, iluminação precária, piso acidentado, muito barulho, e por aí vai. Na parte de trás da comunidade, logo ao lado da estação, é praticamente um ponto irregular de descarte de lixo, onde, frequentemente, é possível ver pessoas se drogando abertamente, a poucos metros do trem.

Logo que se chega à estação *Santo André* — *Prefeito Celso Daniel*, é possível ver que não se trata exatamente de um local que transmite uma sensação de segurança. Para ir até o ponto do fretado da Federal, é necessário seguir até o final da plataforma que segue sentido *Rio Grande da Serra*, atravessar a catraca, subir a rampa da passarela, dar a volta pela passarela e, então, descer até o ponto; ou, se preferir, descer pelas escadarias até a galeria subterrânea, e subir a longa rampa de acesso à *Rua Visconde de Taunay*, já saindo em frente ao ponto.

Nenhuma dessas opções é realmente segura. Na passarela, não é possível ter a certeza do que você encontrará ao chegar à parte de cima dela, pois não se consegue ver enquanto se está ainda na parte de baixo, e só é possível subir depois de já ter passado pelas catracas, que, clara-

mente, só permitem que você vá em um sentido; não há como retornar depois de passar para o outro lado. Durante minha permanência na UFABC, soube de muitos casos de amigos e colegas que sofreram com roubos e furtos por ali, ou que foram hostilizados ou intimidados de alguma forma.

O problema é que a alternativa, apesar de eu me sentir um pouco menos inseguro ao segui-la, não me confere uma real segurança, porque, por mais que haja algum movimento na galeria subterrânea por causa do comércio, só há movimento real nos horários de pico; não sendo esse o caso, aquilo é quase deserto. Não há tantos boxes de comércio espalhados naquela parte da galeria, e muitos dos comerciantes ficam quase escondidos, principalmente enquanto estão sentados.

E, mais do que isso, de nada adianta a galeria ser segura se, na verdade, a ideia não é ficar por ali, mas, sim, só passar bem rapidamente por lá e seguir pela rampa em direção ao ponto de ônibus. A rampa é um local de péssima segurança, porque ela é super longa, bastante alta, com muretas pelas laterais, e não é possível ver o que se passa ao longo dela, nem o que o espera ao chegar lá em cima,

da mesma forma que não se sabe também na passarela.

A diferença em relação à passarela é que na rampa não há uma catraca que te impeça de voltar correndo se for necessário, mas eu também não me sentia seguro só por causa dessa opção, dado o fato de que não seria possível garantir que ninguém me seguiria quando eu tentasse subir pela rampa e depois me esperaria ali embaixo se eu tentasse voltar. E, como há uma mureta ali em cima, poderiam tentar jogar algo de lá de cima em quem viesse ali por baixo.

Para quem estiver pensando que tudo isso é maluquice e neurose, saiba do seguinte: cada uma dessas opções que estou mencionando aqui não foi tirada de mera brincadeira de criatividade; partiu de relatos de amigos e colegas da própria comunidade acadêmica em algum momento desses vários anos em que estive por lá; ou seja, cada uma dessas coisas já aconteceu, ao menos uma vez, com pelo menos uma pessoa. Por mais raro que tenha sido o evento, eu fico, sim, preocupado com isso, e penso em minha segurança.

Digamos que, independentemente do caminho que eu tenha optado por seguir, eu consiga chegar ao ponto do

fretado. Aquele local, definitivamente, não é seguro. Há pelo menos 5 diferentes lugares por onde pode aparecer alguém sem que você perceba, caso esteja distraído com algo. Pode vir alguém por algum dos 2 lados da própria *Rua Visconde de Taunay*, pode vir pela rampa de acesso vinda da galeria subterrânea, pode vir pela passarela, e pode vir pela *Rua Augusto Ruschi*.

É claro que, para quem só trafega por esses locais durante os horários de maior movimento, à luz do dia, com amigos por perto e já estando acostumado a circular por lugares assim, fica a impressão de que eu sou um completo maluco paranoico que enxerga insegurança onde não há, e talvez até sofra de agorafobia ou algo do tipo; porém, não é preciso que eu me esforce para me lembrar das várias coisas que eu mesmo vivenciei ou que amigos e colegas vivenciaram e me relataram ao longo dos vários na instituição.

Também acho muito ruim o pessoal utilizar o argumento de que, só porque nunca sofreu roubo, então todos os que sofreram só sofreram porque não souberam se portar direito na região, ou porque estavam andando com algo de valor, ou porque tinham “cara de presas fáceis”, ou por-

que “deram azar”. Parem de colocar a culpa nas vítimas. Ninguém tem que ser roubado em lugar algum e em situação alguma, independentemente do que porte consigo ou do quão indefeso aparente ser.

Amigos meus muito próximos já foram roubados várias vezes enquanto esperavam pelo fretado durante a tarde, e nem estava escuro ainda. Apenas havia pouco movimento na hora. Quase sempre eram mais ou menos das mesmas formas. Ou era alguém de moto, que quase sempre era uma dupla, sendo que o que estava na garupa da moto era o indivíduo que realizava o assalto de fato, enquanto o outro apenas pilotava a moto para fugirem, ou era um bando de moleques que vinham andando como quem não queria nada e, de repente, ameaçavam o pessoal e mandavam passar os pertences.

Eu mesmo quase fui roubado algumas vezes naquele pedaço. Uma das ocasiões ocorreu quando eu estava aguardando pelo fretado por volta das 20h00, que é um belíssimo exemplo do que é um péssimo horário para se estar naquele local. Eu havia subido a rampa em direção ao fretado, e vi que havia por ali apenas umas 5 pessoas, sendo que eu não conhecia qualquer uma delas, e o único homem que ali

estava além de mim, além de ser um desconhecido, não estava com mochila, pasta ou qualquer sacola, então ficaria difícil de ter certeza de que era alguém da Universidade.

De repente, enquanto aguardávamos pelo fretado, dois garotos com uma postura bem ameaçadora vieram caminhando pela *Rua Visconde de Taunay*, enquanto falavam em voz alta fazendo comentários provocativos sobre nós. Eles estavam vindo em nossa direção e, ainda à distância, provocavam uma das moças que lá estava esperando pelo fretado e, visivelmente, estava apavorada. Um deles chegou a comentar “*Olha a mochila dela*”, enquanto o outro dava risada. Pelo jeito de falar, com a voz toda arrastada, é possível que estivessem sob efeito de álcool ou alguma outra droga.

Felizmente, logo que eles chegaram ao nosso lado, o fretado havia chegado. O motorista viu o que estava ocorrendo ali, então buzinou bastante e, com a porta já aberta, deu uns gritos para os garotos. Ele até comentou conosco que havia chegado na hora certa, e ele tinha razão. A meu ver, pouco importa se aquilo era apenas uma brincadeira dos garotos. É óbvio que ninguém com bom senso ficaria mexendo com gente na rua se não fosse com

más intenções. Ainda que o objetivo não fosse o de roubar, quiseram assustar a todos ali.

Em uma outra ocasião, logo após eu ter passado andando com dois amigos pela mesma rua do fretado, mas indo no sentido oposto ao do trânsito de veículos, vimos, já de longe, uma dupla de moto fazendo um roubo aos poucos que ficaram pelo ponto para aguardar pelo fretado. Isso havia ocorrido também durante a tarde.

Também me lembro de quando estava com um amigo meu, voltando pela *Avenida Antônio Cardoso*, já quase na *Rua Visconde de Taunay*, contornando pelo muro da *Rhodia*, e passaram três garotos em bicicletas, que desaceleraram bastante ao chegar perto de nós, e ficaram pedalando ao nosso lado por um bom tempo enquanto nos olhavam e ficavam cochichando entre si. Para a nossa satisfação, havia aparecido uma viatura da PM, que fez aquele barulho característico dela, além de terem dado farol alto algumas vezes. Foi o bastante para dispersar o grupo. E foi uma feliz surpresa aquela viatura, pois era raríssimo avistar alguma por aquelas imediações, a não ser em ano de eleição.

Em outra ocasião, já na *Avenida dos Estados*, na-

quela parte central entre as duas pistas, havia uma moça e um rapaz aguardando pelo semáforo de pedestres para atravessar para o lado do campus. Então, passou uma dupla de moto, e o garupa apontou uma arma, pegou só os celulares e foram embora pela própria Avenida. Se durante os momentos de maior movimento aquela região já é perigosa, imagine, então, como é em horários de menor movimento; existem vários pontos cegos por ali.

Um dos lugares que carrega um grande histórico de problemas é aquela pequena pracinha que fica em frente a uma das portarias do *Carrefour*, onde antigamente o pessoal da *Infanteria* da UFABC ensaiava. Há uma imensa lista de relatos de tentativas de roubo naquele local, principalmente à noite. Ali é pessimamente iluminado. É muito fácil se esconder por lá atrás de uma árvore, ou mesmo sentado, principalmente se estiver com roupas escuras e se for magro.

Nas proximidades do campus, principalmente para quem mora por ali, há um outro local que também é muito perigoso em relação a esses mesmos crimes. Não me recordo agora do nome exato da rua, mas ela até ficou apelidada como *Rua dos Assaltos*. Creio que o apelido seja

autoexplicativo. Infelizmente, é uma rua bem próxima ao campus, e lá moram muitos alunos da instituição, que vivem relatando histórias, próprias ou de conhecidos, a respeito desse assunto.

Como já se deve imaginar, os crimes não se limitam à área externa do campus. É claro que o nível de risco não é o mesmo, e a frequência dos casos não é a mesma, mas o risco existe, sim. Não sei se chegaram a ocorrer roubos dentro do campus, mas eu não duvido que tenham ocorrido; furtos, por outro lado, ocorreram aos montes.

Um dos casos mais famosos foi o de um furto de um Notebook, que não me lembro bem se ocorreu dentro da biblioteca ou se foi em uma sala de estudos. Durante um breve intervalo de tempo, havia sido um pequeno mistério sobre o sumiço do aparelho, mas acabaram descobrindo que se tratava de um aluno da própria instituição.

Por razões óbvias, não falarei o nome do indivíduo aqui, mas digamos que foi um caso que tomou proporções um tanto maiores, além de um clima cômico, apesar de se tratar de um crime, o que é algo dramático, por causa do nome do rapaz, que era um tanto sugestivo, possivelmente, em relação a supostos ideais político-ideológicos de seus

país.

A moça que havia tido o seu dispositivo furtado chegou a registrar um BO e, de forma talvez um tanto ousada, até chegou a tirar fotos dos documentos do rapaz e, inclusive, chegou a filmá-lo na delegacia, mas removeram sua postagem do grupo. E parece que, de fato, o rapaz havia confessado que havia furtado o computador e, sim, ele era um estudante da própria instituição.

Em um outro caso, que talvez tenha ficado até bem mais famoso do que esse anterior, haviam arrombado portas de alguns laboratórios no Bloco L e roubado alguns objetos de valor material. Depois, a comunidade começou a ficar mais preocupada quanto à segurança daquele Bloco, e isso provocou algumas mudanças no rigor de certos protocolos, apesar de nada muito chamativo ter sido feito.

Sem saber exatamente o que fazer a respeito desse sentimento de insegurança, algumas pessoas começaram a ter a impressão de que estariam correndo um enorme risco, mesmo no interior do campus, e isso reforçou muito a ideia de que a segurança só viria se houvesse policiamento no interior do campus, o que deixou vários membros da

comunidade acadêmica bastante incomodados.

Foram muitas as vezes que vimos uma viatura da PM passar pelo campus, geralmente ao fim da tarde ou já à noite, por poucos minutos. Nunca entendi exatamente o porquê de fazerem isso, mas eu via como muitos colegas se sentiam com isso, e não era algo muito bom, não. A ideia de ter policiais dentro do campus nunca foi algo que agradou universitários, e não é verdade que isso se daria por serem “drogados”, ou algo assim; essa é uma visão preconceituosa e limitada. Os universitários apenas não gostam da ideia de forças de policiamento, vigilância, monitoramento e repressão que ficam espreitando em busca de alguém que pense diferente e queira se expressar quanto a isso, ou mesmo alguém que não aceite simplesmente “abaixar a cabeça” e “andar na linha”.

Essas ideias de quererem impor comportamentos que eles julgam aceitáveis, quererem reprimir quem discorda de suas formas de pensamento, quererem chamar de “vagabundos” os que eles não enxergam como “trabalhadores”, quererem tratar com truculência quem não mostra medo ou subserviência... tudo isso depõe contra eles.

Fora os ilimitados casos que mancham o histórico

das forças armadas e das forças de segurança. Refiro-me a casos de abuso de poder, de uso excessivo de força, de práticas de tortura, de postura corporativista, de truculência com quem não abaixa a cabeça, e à enorme lista de óbvios casos de racismo, homofobia, transfobia, machismo, xenofobia e elitismo. E o pior é que nem dá para continuarem alegando que são “casos pontuais”, pois vivem exibindo diferentes vídeos comprovando um monte desses assim chamados “casos pontuais”, e é muito fácil encontrar gente que já enfrentou esse tipo de problema na vida, ou que ao menos presenciou algo do tipo.

Com isso, foi fácil vermos discussões acaloradas entre membros da comunidade acadêmica que eram contra e pessoas que eram a favor do policiamento dentro do campus. Cheguei a ver muitas discussões de quem era de fora da comunidade acadêmica, mas temos que tomar cuidado para não ficarmos envolvendo gente que simplesmente quer fazer disso uma pauta política polarizada, só tentando depreciar um dos lados e jogar um monte de falácias e mentiras para ajudar o lado de quem ela comprou o peixe.

É claro que a imensa maioria da comunidade defendia que a *Polícia* não deveria poder entrar no campus.

Eu até cheguei a ouvir um ou outro bom argumento sobre o porquê de ela dever, sim, ter o direito de entrar, mas nada que fosse realmente muito convincente. No fim, quase sempre parecia muito mais uma questão de quererem forçar para quererem reprimir ali dentro os que pensavam de forma diferente; mas, como dizer isso pegaria mal, usam desculpas esfarrapadas para tentar justificar o acesso irrestrito ao campus.

Utilizam-se da ideia do combate às drogas, do policiamento ostensivo para afastar potenciais crimes de roubo, furto, agressão, sequestro ou assédio, enquanto esses crimes, na verdade, são bem mais comumente praticados nas áreas externas do campus, onde também não há policiamento suficiente, mas que é justamente onde mais deveria haver policiamento. Se nem lá fora, onde é tão mais necessário, há policiamento adequado, por que querem tanto fazer policiamento dentro do campus? É claro que há outras intenções com isso.

Quando eu cheguei ao campus em 2011, as catracas ainda não estavam instaladas. Era possível entrar e sair com muito mais tranquilidade, com muito mais praticidade, com muito mais conforto. A grande maioria que

está hoje no campus nem imagina o quão bom era aquilo. Pena que durou muito pouco. A instalação de boa parte das catracas ocorreu ao longo dos meus primeiros quadrimestres.

Antes, quando muito, pediam para mostrar algum documento a algum segurança ou outro funcionário que estivesse próximo à entrada, e nem ao menos havia uma vistoria, uma averiguação, uma avaliação de documentos, ou mesmo o famoso “cara-crachá”. Era até muito comum de as pessoas nem ao menos pararem; ainda em movimento, mostravam o documento quase que só por mostrar, e já entravam no Bloco.

Porém, já sabíamos que haveria a instalação das catracas, cedo ou tarde. Inclusive, as próprias catracas também foram alvo de outras discussões, porque elas são colocadas, na opinião de muitos, com o intuito de impedir que “maus elementos” entrem no campus. É uma tentativa, um tanto frustrada, de fazer com que quem não é membro da comunidade acadêmica seja fisicamente impedido de entrar em qualquer um dos Blocos. Pode até conseguir entrar no campus, mas não consegue entrar nos Blocos em si e, portanto, não tem acesso a quase qualquer coisa que

esteja ali dentro.

As catracas acabam sendo muito mais um problema do que uma solução. Elas impõem todo um ritual de tirar carteirinha do bolso para ficar passando em catracas a todo o momento, e tendo que passar naqueles estreitos, sujos e barulhentos objetos de metal que criam um aspecto esteticamente horroroso ao campus e que prejudicam severamente toda a mobilidade, sobretudo de *Pessoas com Deficiência* (**PcD**), obesos e pessoas que estejam carregando objetos grandes ou pesados, além de criarem um ambiente hostil, nada convidativo, principalmente aos olhos dos membros da comunidade externa.

Foram várias as vezes que a instituição enfrentou grandes problemas de filas imensas de pessoas querendo entrar no Bloco A para trabalhar ou para assistir às aulas, e tudo por causa das catracas, que eram lentas, apresentavam problemas de leitura das carteirinhas e travavam. Quando alguém chegava com algum objeto grande e pesado, só conseguia passar pedindo para vir algum segurança abrir uma porta lateral. O mesmo ocorria quando se tratava de uma PcD.

Uma demonstração de que a segurança das catracas

é simplesmente uma ilusão é o fato de que, sempre que a situação das filas na entrada do Bloco A começava a ficar caótica, o que os seguranças faziam era simplesmente abrir essa portinha lateral e deixar o pessoal entrar. Para fingir que a situação estava sob controle, eles pediam para o pessoal mostrar a carteirinha, mas o pessoal só levantava a carteirinha sem nem parar, e a vazão de pessoas ali era enorme, então nem seria possível que um único segurança conseguisse conferir a identificação de cada indivíduo, e tudo ficava ainda mais complicado quando chegavam pessoas sem a carteirinha.

Fora isso, não demorou até que o pessoal percebesse que, embora houvesse catracas que tinham ligação com a base de dados da UFABC, identificando a quem pertenceria a carteirinha, a maioria das catracas simplesmente constatava que uma carteirinha havia sido passada ali e, com isso, já liberava o acesso, sem fazer qualquer verificação real.

Catracas conectadas com a base central eram muito mais velozes; assim que você passasse a carteirinha, ela já liberava o acesso e mostrava seu nome na pequena tela na parte superior; quanto às que não estavam conectadas, que

era maioria, após passar a carteirinha sobre seus sensores, permaneciam alguns segundos sem dar qualquer sinal de vida, então liberavam o acesso sem exibir qualquer nome na tela.

Nada impede que a pessoa passe a carteirinha de outro indivíduo para entrar. Muitas vezes, colegas que esqueciam a carteirinha na mochila quando saíam para almoçar ou jantar pediam que outras pessoas passassem a carteirinha para que eles entrassem sem terem de passar pelo balcão para solicitarem que sua entrada fosse autorizada. Mais uma demonstração de que a segurança das catracas é falha.

Depois, começamos a ter vários casos de catracas apresentando falhas a nível de simplesmente não funcionar por completo, o que atrapalhava ainda mais as vidas das pessoas, porque causava filas ainda maiores, e aumentava a necessidade frequente de seguranças liberarem entradas manualmente.

Uma prática bastante curiosa, e que acaba reforçando ainda mais a ideia de que as catracas eram um grande incômodo, é o fato de que, em ambos os lados do Bloco A, a instituição passou a ter ao menos uma ca-

traca de saída que vivia liberada; não era preciso passar a carteirinha para liberá-la, mas as travas da catraca continuavam por lá, obrigando-nos a empurrá-las a cada vez que quiséssemos sair; ou seja, aquilo não tinha uma função de segurança, mas continuava dificultando a circulação de pessoas. Genial!

Quando alguém que não porta consigo uma carteirinha deseja entrar, pode simplesmente fornecer o número do RA ou o número do RG à funcionária que fica no balcão, que muitas vezes ela libera a entrada pela catraca ao seu lado sem checar qualquer dado em local algum. Estica aquele “pau de Selfie” com uma carteirinha genérica nele, passa por cima do sensor da catraca da forma mais aleatória possível, e o indivíduo está liberado.

Já tivemos até mesmo casos de pessoas que passaram outras carteirinhas que sequer eram da UFABC, e algumas catracas liberavam o acesso numa boa, fora os casos de gente que entrou passando dados falsos. Afinal, seguramente, ninguém que tenha intenções de entrar nos blocos para fazer algo de errado passará dados verdadeiros de si mesmo na portaria.

Com isso, ficou claro que aquele negócio de passar

carteirinha na catraca para ter acesso era só para inglês ver; não ajuda na segurança coisíssima nenhuma e, para piorar, atrapalha a circulação de pessoas. Atrapalha inclusive em um outro aspecto, que é o de incluir a comunidade ao seu redor, e esse é um problema extremamente mais grave do que parece ser, principalmente por se tratar de uma das obrigações que toda e qualquer universidade tem, sobretudo com base em seus pilares, pois os pilares são: pesquisa, ensino e extensão.

Como sempre fui fã de uma boa conversa, já conversei muito com comerciantes da região e com motoristas (de Táxi e de aplicativos). Muitas daquelas pessoas não sabiam que poderiam entrar ali e desfrutar de diversos eventos culturais e educacionais, além de alguns serviços, como o da biblioteca.

A instituição é tão pouco inclusiva, que cheguei até a conhecer gente que nem ao menos sabia que aquilo ali era uma universidade. É de se imaginar que isso não seja assim tão raro, pois é um campus totalmente fechado, cercado por muros e grades altas, onde quase tudo o que se vê pelo lado de fora são prédios com nada além de concreto aparecendo. É concreto e mais concreto por todos os lados.

Quem vê aquilo já não se sente nem um pouco inclinado a querer entrar ali e, quando a pessoa “se atreve” a entrar, principalmente se for uma pessoa mais simples, de uma classe socioeconômica mais desprivilegiada, ao se deparar com catracas por todos os lados, ela fica com medo de ser mal-recebida, ser maltratada, ser vista como indesejada por ali.

Assim como me disseram em uma conversa, a sensação é a de que você está em um lugar onde não é realmente bem-vindo, e que pode ser convidado a se retirar a qualquer momento. Não que vá chegar um segurança para expulsá-lo dali, mas é como se simplesmente não quisessem a sua presença no local; então, por não se sentir minimamente bem recebido, você prefere manter distância, como se aquilo tudo não fosse para você; naquele local, você é um indesejado. Até mesmo a linguagem que utilizamos pode ter um papel de muro.

Vale lembrar que um dos três pilares de uma universidade é a extensão. De que forma querem fazer extensão universitária, se isso depende de que os membros da comunidade externa à universidade interajam com os membros da comunidade universitária, inclusive dentro do próprio

campus? Querem que as pessoas tenham de pedir permissão para entrar no campus, como se estivessem entrando na casa de outra pessoa? Aquilo ali é um espaço público de ciência, educação e cultura; pelo menos deveria ser.

Com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais claro que quem mais se incomodava com a presença de pessoas de fora da Universidade andando pelo campus eram justamente as pessoas que tinham opiniões mais elitistas e excludentes. Não é algo óbvio; leva tempo para se notar isso, e é preciso que haja oportunidades para que tais indivíduos mostrem sua verdadeira face, o que nem sempre ocorre rapidamente e logo nas primeiras oportunidades.

Como sabiam que isso passaria uma má imagem sobre si aos demais, até faziam discursos a favor dos pobres, dos excluídos e dos marginalizados; mas, na hora de colocar isso em prática em situações que envolviam a si mesmo tendo de colaborar para que realmente ocorresse essa aproximação entre as comunidades externa e interna dentro do próprio campus, não só permitindo, mas também convidando o povo para que ocupe o campus diuturnamente com as mais variadas atividades educacionais, culturais, esportivas, profissionais e — por que não — até políticas,

era notória a mudança de postura para algo bem menos convidativo; viravam as costas e faziam cara feia.

Existem motivos relacionados à segurança para que eu esteja abordando aqui essa questão de termos de manter o campus diuturnamente ocupado com membros da comunidade, e não me refiro apenas à comunidade acadêmica interna da UFABC.

Se as pessoas procurassem o campus para participar de muitas atividades frequentemente, seria um local bem menos perigoso. Nesse sentido, o ginásio, as quadras e a piscina até que poderiam ser bons atrativos, mas não podem ser os únicos. A comunidade externa também precisa se sentir confortável para usufruir do que está no interior dos prédios, e não apenas do que fica ao lado de fora. Falta uma boa área de convivência, espaços com eventos culturais e educacionais abertos ocorrendo mais frequentemente.

Uma universidade não pode ser um local elitista e excludente. Não estou, com isso, tentando insinuar que se trata de um local onde não pode haver erudição, pois o elitismo não se resume a isso; na verdade, esse talvez seja o ponto menos relevante aqui. O problema é o cam-

pus universitário ser transformado em um cercadinho privativo onde apenas os pouquíssimos privilegiados que tenham sido escolhidos possam ter acesso à educação e à cultura, enquanto os demais são marginalizados, excluídos, perseguidos ou mesmo ignorados.

Criar uma verdadeira legião de pessoas abandonadas enquanto se mantém apenas alguns poucos escolhidos em uma posição privilegiada de acesso à educação e à cultura apenas intensifica significativamente as chances de esses excluídos enfrentarem dificuldades ainda mais acentuadas para melhorarem suas condições de vida e, conseqüentemente, aumenta também as chances de esses marginalizados, por serem colocados em posições bem menos convidativas, nutrirem opiniões severamente negativas a respeito do que seria o ambiente acadêmico, a respeito do que seria essa tal comunidade acadêmica, a respeito dos próprios campi e, possivelmente, até mesmo a respeito das próprias pessoas que frequentam esses espaços.

De qualquer forma, é óbvio que nada disso justifica a prática de crimes contra quem quer que seja. O problema de insegurança permanece por toda a região com grave intensidade e precisa ser combatido. Enquanto o próprio

Poder Público não toma iniciativas realmente eficazes, a comunidade universitária apenas “se vira” para reduzir as chances de ser ainda mais lesada a cada dia em um verdadeiro “salve-se quem puder”.

Capítulo 13

Aquela do trem

Dada a localização do Campus SA, acredito que não haja qualquer exagero em dizer que a maior parte da comunidade acadêmica da UFABC já utilizou, ainda que tivesse sido uma única vez, o transporte de trens da CPTM.

Uma particularidade muito chamativa desse meio de transporte é que ele vai desde a mais tranquila calma-ria até inimagináveis cenários de selvageria e barbaridade. Se nós reuníssemos a comunidade para compartilhar suas histórias de trem, seria possível — e penso que até muito divertido — fazer um grande seriado de comédia com anedotas dos mais variados tipos. Mas não preciso ir tão

longe aqui para conseguir passar uma ideia de como eram algumas das experiências na Linha 10.

Muito diferente de como ocorre com os trens do Metrô, os trens da CPTM não costumam viajar a velocidades muito altas, e as distâncias entre as estações costumam ser bastante longas, além de haver diferenças muito grandes entre tais distâncias. A distância entre as estações *Tamanduateí* e *São Caetano do Sul* (SCS), por exemplo, parecerá um tanto grande se for comparada à distância entre as estações *Prefeito Saladino* e *Prefeito Celso Daniel*.

Considerando esses casos de estações, em geral, muito distantes entre si, e o fato de os trens da CPTM circularem já normalmente a velocidades muito inferiores às dos trens do Metrô, somando-se a isso o fato de não haver tantos trens disponíveis, fica fácil de entender uma característica bastante negativa da CPTM: o enorme tempo de espera pelos trens.

Como já se deve imaginar, o pior de todos os horários para quem queria ir da *Tamanduateí* à *Prefeito Celso Daniel* era, em geral, entre 17h00 e 19h00. Nesse horário, realmente, você passaria por experiências terríveis por ali, e posso afirmar que seriam dos mais variados tipos, porque

não se limita ao tempo de espera longo e ao fato de não haver lugar para se sentar. Refiro-me a não haver lugar sequer para entrar no trem. A cada trem que chega, a cena muito se assemelha a uma verdadeira batalha medieval.

Felizmente, no começo de minha graduação, todas as minhas atividades corriqueiras que dependiam de minha presença no campus ocorriam nos períodos matutino ou vespertino, o que me permitia voltar pela estação *Tamanduateí* sem problemas quanto ao horário, porque no começo, logo após a sua inauguração, houve um período em que a transferência da CPTM para o *Metrô* na estação *Tamanduateí* só era possível até um certo horário, que creio que tenha sido algo como 21h00.

Embarcar na estação *Tamanduateí* sentido Rio Grande da Serra, cujo embarque, se bem me lembro, ocorre na Plataforma 3, era algo não muito agradável pela manhã, especialmente para quem acabara de sair da Linha 2 (*Verde*) do *Metrô* partindo da *Ana Rosa*; porém, esse sentimento logo passava ao olhar para a plataforma do outro lado na própria estação *Tamanduateí*, que era de quem seguia sentido Luz — anos depois, passou a ser apenas até a estação *Brás*. Nem dava para comparar o quão mais cheia e

perigosamente tumultuada era a situação de quem estava lá.

Depois de ter visto como era do outro lado, realmente, passei a ter outra opinião a respeito de como era a experiência com o trem da CPTM na Plataforma 3 da *Tamanduateí*; não parecia mais ser tão ruim assim. Na verdade, embora não fosse tão comum, era até possível conseguir me sentar em algumas das viagens. Isso, por si só, já mostra que a situação até que não era tão dramática daquele lado da estação; já no outro lado, infelizmente, era pior do que apenas dramática.

Uma das “entidades” mais emblemáticas que conheci nos trens da CPTM é o famoso (ou famigerado) *Shop Trem*, que é formado pelo conjunto de vendedores ambulantes que circulam pelos carros do trem anunciando e vendendo seus produtos. Apesar de haver exceções, devido à fiscalização realizada por seguranças e policiais, dado o fato de se tratar de uma prática ilegal, os vendedores costumam realizar as vendas apenas com as portas dos trens já fechadas e com o trem já em movimento entre as estações.

Os produtos mais comuns, como já devem imaginar,

eram os itens que se encontram em bombonieres, como balas, chocolates e gomas de mascar, assim como alguns acessórios para celular, como capinhas protetoras, fones de ouvido e afins; porém, já vi venderem quase que qualquer coisa por lá. Considerando apenas alguns dos quais eu me lembro, posso citar aqui, por exemplo, pomada para alívio de dores musculares, lanterna de mão, kit de ferramentas manuais, suporte de mesa para celular, escova de dentes, carteiras, caixa de ferramentas, e por aí vai.

Observe que eu havia mencionado “famoso (ou famigerado)”, pois, como já se deve imaginar, nunca houve unanimidade nas opiniões acerca de tal atuação. Sempre houve uma divisão bem marcante entre o grupo de pessoas que aprovam e o grupo de pessoas que repudiam a ação dos ambulantes nos trens, e ambos os lados já expuseram seus argumentos em múltiplas oportunidades. Foram várias as reportagens feitas a respeito desse tema, e sempre houve muita discussão a respeito.

Apesar de haver exceções que dependem do horário, na maior parte do tempo, os trens vivem lotados. Viajar nos trens — sobretudo nos da CPTM — não é uma experiência das mais confortáveis, principalmente nos horários

de pico, e isso ocorre ainda mais pelo fato de haver poucos trens e por eles trafegarem muito lentamente, o que faz com que as plataformas se encham e, com isso, sempre os trens vivam lotados.

Com os trens bastante lotados, é inevitável que ocorram esbarrões, alguns “empurra-empurra”, um ou outro cutucão, uma pisada no pé aqui e ali, e às vezes até algo que vá além disso, o que pode ser bem pior do que apenas desconfortável. Mesmo em uma situação dessas, há como ficar pior. O trem pode parar, o trem pode desacelerar bastante, o ar-condicionado pode parar, algum infeliz pode ter a péssima ideia de assistir a algum vídeo, ouvir alguma música ou um áudio sem utilizar fone de ouvido, além de tantos outros eventos possíveis.

Todos sabemos que há muito o que pode ocorrer para piorar essa experiência. Porém, dependendo do caso, também pode piorar muito ao ter vendedores gritando ao seu lado, anunciando quase que ininterruptamente um produto que nada interessa a você, além de várias e várias vezes utilizarem táticas que muitos considerariam, digamos, eticamente questionáveis, como a de fingir que estão sendo perseguidos pelo rapa — um grupo de funcionários

com o poder de subtrair coercitivamente os produtos de quem estiver realizando transações comerciais não autorizadas nos trens ou plataformas da CPTM ou do *Metrô* —, alegar falsamente que o produto sofreu uma queda significativa de preço, mentir sobre a genuinidade do produto, mentir sobre a procedência, adulterar prazo de validade, ou algo do tipo.

Ninguém gosta de gente esbarrando em si, pisando em seus pés, tocando em seu corpo, pedindo licença o tempo todo para ficar passando de um lado para o outro, e gosta ainda menos quando há alguma grosseria mais agressiva, como ficar bufando e resmungando por você ocupar um espaço, que era mesmo para você ocupar, mas que o indivíduo gostaria de encontrar totalmente livre para que ele ficasse transitando de uma ponta à outra no carro do trem sem precisar pedir licença.

Se em cenários em que o trem nem está realmente lotado já incomoda, imagine o quão pior isso fica quando o trem está com uma multidão ocupando cada centímetro cúbico de cada carro e, mesmo assim, os ambulantes ficam passando de um lado para o outro com vários produtos em suas mãos, muitas vezes sem sequer pedirem licença antes

de tentarem passar quase que te empurrando para abrir caminho, e ainda achando ruim quando não conseguem passar na primeira tentativa sem depender do pedido de licença.

E tudo isso ficava ainda pior quando havia vários ambulantes no mesmo carro, o que ocorria com muita frequência durante os horários de pico, pois, justamente por ser o horário com mais pessoas presentes, eles aproveitavam para tentar vender seus produtos. Havia até casos de ambulantes que se aproveitavam das grandes quantidades de passageiros, o que era suficiente para distrair os guardas, para burlarem a segurança e, com isso, conseguirem acessar ilegalmente o trem, fosse pulando o muro, fosse dando a volta furtivamente pela própria linha, ou até utilizando algum outro meio.

Ficava bem claro que ali havia algum tipo de organização entre eles, pois eles se cumprimentavam, passavam informações entre si, que alguns deles chegavam a comentar (em voz alta) que circulavam por meio de grupos de *WhatsApp*. Eles pareciam utilizar os grupos principalmente para avisar sobre movimentações de fiscais e seguranças que pudessem apresentar risco a eles ou a seu

trabalho. Como em algumas oportunidades isso era feito por meio de mensagens de áudio — o que talvez não fosse muito inteligente —, qualquer um que estivesse por perto quando eles reproduzissem algum áudio, ou quando eles mesmos fossem gravar sua mensagem de voz, poderia tomar conhecimento de algumas dessas situações.

Algo que reforçava ainda mais a ideia de que havia alguma organização é o fato de haver sempre alguns produtos de uma moda paralela entre eles próprios. Apesar de haver uma ampla variedade de produtos que eram vendidos ali, sempre havia certos produtos que eram, digamos, sazonais apenas ali dentro do trem. Quando apareciam tais produtos, sempre havia vários ambulantes diferentes vendendo o mesmo produto, e o próprio preço era sempre o mesmo.

Em muitos casos, até mesmo o próprio jeito de anunciar era o mesmo; parecia até que haviam sido instruídos por uma mesma pessoa sobre como anunciar. As estratégias eram muito parecidas, o jeito de falar era muito parecido, as abordagens eram muito similares, e havia também os casos de vendedores que agiam em duplas ou trios para fazerem quase que um teatro nos trens. Aliás, algumas

dessas apresentações eram realmente muito bem elaboradas.

Eu me lembro de algumas das abordagens deles. Uma das abordagens, que é a que muitos tentavam fazer, era usar o carisma de um jeito engraçado, tentando fazer com que os passageiros, por alguma razão, prestassem atenção ao vendedor por causa dessas performances. O pessoal entrava em um personagem fictício ali, mudava a voz, contava piada, falava de um jeito engraçado, ou soltava comentários engraçados. Muitas vezes era até bem divertido, e havia gente claramente muito talentosa por lá.

Em outra abordagem, havia os que usassem aquelas estratégias malandras para se aproveitarem daqueles passageiros que só compravam quando tinham a impressão, por mais errada que fosse, de que estavam saindo com a vantagem. Baseando-se nisso, alguns vendedores fingiam que estava ocorrendo alguma “Mega Operação” (do *rapa*), ficavam olhando pelas janelas, fazendo caras e bocas e, quase sempre acompanhados de colegas, falavam em voz alta sobre, supostamente, terem escapado das mãos dos guardas e, por isso, precisariam vender logo toda a mercadoria.

Algumas frases até ficaram famosas por isso, como “*A porta fechou, o perigo passou*” e como “*É melhor vender mais barato para vocês do que perder para o rapa*”. Logo depois que diziam frases como essas, os vendedores já soltavam a frase “É para acabar, pessoal. Vou fazer agora por(...)”, diziam um preço e, por mais incrível que pareça, sempre começavam a aparecer pessoas para comprar.

Outra abordagem deles era baseada no efeito manada (ou algo do tipo). Sabendo que há certos potenciais compradores que são, digamos, Maria-vai-com-as-outras, os vendedores precisam de um certo incentivo para que esses potenciais clientes se tornem, de fato, clientes; para isso, utilizam-se de cúmplices, que nada mais são do que falsos clientes, que estão ali para fingir interesse pelo produto e realizar uma falsa compra na frente de todos, só para que os outros passageiros vejam clientes comprando e isso os faça pensar que vale a pena comprar aquele produto.

A respeito dessa abordagem, mesmo quando não se observava que havia qualquer cúmplice acompanhando o vendedor, ainda era possível explorar tal estratégia, mas de uma forma um pouco modificada, pois, em vez de ha-

ver quem simulasse uma falsa compra diante do vendedor, o próprio vendedor olhava para o fundo do carro com os olhos bem arregalados e falava algo como *“Opa! Vai querer?! Boa! Já levo para o patrão aí no fundo. Olha aí, pessoal! O patrão ali já vai ficar com um. Está acabando, pessoal! Quem mais vai querer?!”*, e isso quase sempre deixava pelo menos uma pessoa com o sentimento de que sairia perdendo se não comprasse, e aí a pessoa pelo menos chamava para ver.

Tem também a abordagem que explora a boa-fé das pessoas. Alguns dos vendedores, sabendo que existem passageiros que se sentem facilmente comovidos por histórias tristes em que há pessoas passando necessidade, principalmente envolvendo crianças ou idosos, ou histórias que envolvam superação, ou mesmo histórias em que há alguém sofrendo com perseguições, aproveitam-se dessa característica de uma parcela enorme dos passageiros e inventam histórias para comovê-los, sensibilizá-los e fazê-los se sentir mal se não comprarem o produto, ainda que seja para apenas ajudar a suposta vítima da história.

Algumas versões que são variações desse caso mencionado na abordagem que explora a boa-fé envolvem supos-

tas instituições de caridade, ou supostos grupos de apoio, ou supostas *Organizações Não Governamentais* (ONGs) para passar mais credibilidade, mesmo sendo apenas uma história (muitas vezes, inventada) para vender mais. A situação às vezes é tão intensa, que quem “ousava” duvidar da história era quase que automaticamente considerado um “monstro”; então, ainda que duvidasse, era muito comum que não externasse tal opinião, ou que a externasse muito cautelosamente, com toda a discrição, apenas a quem confiasse que não teria uma reação descontrolada.

E havia também uma abordagem baseada em preços que pareciam ser grandes promoções. Uma das estratégias dessa abordagem era a da compra com preços chamativos no “atacado”. Não era exatamente um atacado real, porque eram poucas unidades, mas eram múltiplas unidades. Era algo mais comum com comestíveis de baixo custo, como balas, gomas de mascar e chocolates. O pessoal anunciava o produto por um preço não muito convidativo para a compra de uma única unidade, mas dizia que se comprasse 3, 4 ou 5 unidades, teria um preço bem mais baixo. Era algo como pagar R\$5,00 por uma barra de chocolate, o que era considerado alto na época, ou R\$10,00 por 3 ou 4 barras grandes.

Ainda sobre a abordagem baseada em preços, havia a estratégia do pessoal que entrava no carro fingindo que estava fazendo uma venda normal, como outra qualquer, anunciando o produto como se não houvesse nada de especial, exceto pelo fato de que o preço era imenso em relação ao que normalmente se pediria para aquele produto; então, depois de alguns segundos, o vendedor fingia estar cansado e já encerrando as vendas, e aí dizia algo como o famoso “*É pra acabar logo, pessoal!*” e falava um preço novo, bem mais baixo do que o inicial, mas que não era um preço realmente baixo; apenas parecia muito baixo por contrastar muito com o que antes ele havia anunciado. Sempre parecia funcionar; era impressionante!

Agora, apesar de haver casos em que os ambulantes mentiam a respeito da presença do rapa, havia, sim, muitos casos em que a situação era real. E normalmente a abordagem dos seguranças não era amigável. Por mais que a presença dos ambulantes às vezes incomodasse, principalmente nos dias em que nós, passageiros, estávamos mais cansados e mais impacientes, o uso de qualquer forma de violência contra eles para coibir seu trabalho nos trens não me parecia algo correto, sobretudo no caso da violência física e da apreensão de mercadorias, pois a ação de vários

dos seguranças às vezes mais se assemelhava à ação de ladrões, que agrediam a vítima e, então, roubavam-lhe os pertences.

Infelizmente, nosso país enfrenta, já há muitos anos, um cenário terrível de desemprego, além de tantos outros problemas socioeconômicos que, inevitavelmente, acabam fazendo com que as vidas das pessoas menos privilegiadas sejam ainda mais massacradas. É compreensível que, em um cenário tão ruim assim, parte da população busque uma solução desse grave problema vendendo seus produtos como um vendedor ambulante que, aos olhos do Estado, é entendido como “irregular” e, como tal, é perseguida por isso.

Não deve ser fácil a vida de quem trabalha como vendedor ambulante nos trens. A pessoa fica exposta a toda uma série de perseguições, olhares maldosos, riscos à sua segurança, medo de agressões físicas e verbais, medo da apreensão de suas mercadorias, ritmo acelerado ao ter que ficar correndo para fugir do rapa — quando ele é real, é claro — e toda a exposição em ambientes insalubres, além de diversos outros problemas que eu nem consigo imaginar que possam existir por falta de experiência de

minha parte.

Depois de muitas perseguições e de muita violência praticada contra si, sofrendo agressões físicas e verbais, e tendo seus produtos apreendidos, enfurecidos, houve vários casos assustadores de agressões que os seguranças sofreram por parte de grupos de alguns ambulantes, que partiram para a agressão física; em alguns casos, até mesmo munidos de barras de ferro e pedaços de pau.

Não posso dizer que concordo com isso. Da mesma forma que não concordo com a violência dos seguranças contra os ambulantes, não posso concordar com a violência dos ambulantes contra os seguranças. A meu ver, a violência, independentemente de qual lado parta, não pode ser considerada correta, a não ser que seja exclusivamente para o caso de uma legítima defesa. Se for apenas em nome de uma legítima defesa, eu sinto muito, mas aí eu passo a achar válido, sim; porém, eu preciso reforçar aqui que é necessário que seja realmente uma legítima defesa, e não apenas o uso mal-intencionado desse falso argumento para tentar se passar por vítima em um cenário em que se tenha praticado um ato de pura violência desproporcional, como aqueles típicos casos de gente que quer fazer justiça

com as próprias mãos.

A vida de um segurança também não deve ser fácil. Também é alguém que trabalha em péssimas condições, não recebe o treinamento adequado, não tem acesso a equipamentos adequados, não tem o apoio (em termos de número de colegas na equipe) necessário para a realização segura de seu trabalho, não tem um salário digno, e trabalha em um ambiente perigoso e de proporções incompatíveis com os recursos aos quais tem acesso.

Mas também é bom lembrar que existe, sim, um lado bom a respeito dos vendedores ambulantes: o acesso prático a produtos em um ambiente que muitas vezes era muito hostil e desgastante com os próprios passageiros. Você ali, super cansado, com dores nas costas, carregando uma mochila pesada, depois de um dia exaustivo, e ainda tendo que ir para outro trabalho, ou para casa, ou mesmo para a faculdade, então encontra alguém vendendo aquele fone de ouvido por R\$5,00, justo no dia que o seu fone havia parado de funcionar, ou quando encontra um vendedor de balas de mel com gengibre justo no dia que bateu aquela dor de garganta... é bom, sim.

Eu admito que nunca comprei qualquer produto com

eles, mas apenas por não ter precisado. Se eu precisasse, não fingirei hipocritamente aqui que não teria comprado. Se minha garganta estivesse super seca e eu visse algum deles vendendo uma garrafa de água mineral, não deixaria de comprar. Se eu estivesse indo ao campus para fazer uma prova e visse algum deles vendendo uma calculadora no dia que eu tivesse me esquecido da minha, e justo em um dia de prova, eu teria comprado. Não há dúvida quanto a isso.

Muitos passageiros que tinham raiva dos ambulantes faziam questão de só enxergar o lado negativo deles, e até faziam generalizações maldosas a seu respeito, como inventarem que o que eles vendiam ali era tudo fruto de roubo ou furto, ou inventarem que todos os produtos ali eram falsos. É claro que isso até podia ocorrer por parte de uma parcela dos ambulantes, mas não podemos dizer que era o caso de todos. Eu arrisco dizer que nem ao menos chegava a ser o caso da maioria.

Cheguei a ver gente vendendo até mesmo produtos caseiros por lá, como trabalhos artesanais, bolos de pote, biscoitos, pequenas obras de arte, bijuterias, bombons caseiros, cachecóis, toucas de lã, luvas de lã e afins. Já cheguei a ver até mesmo gente vendendo CDs com músicas

que, segundo os ambulantes, eram de suas próprias auto-rias.

Apesar de uma parte bem significativa deste capítulo ter tratado até aqui a respeito dos vendedores ambulantes, o elenco dos trens era composto de muitos outros atores. Um outro grupo de indivíduos bastante ativos nos trens era o dos pedintes. Eles não eram tão presentes quanto os vendedores, mas houve épocas em que quase todos os dias eu via pelo menos um deles circulando pelos carros dos trens.

Não estou aqui querendo condená-los. Muitos ali realmente pareciam precisar de ajuda, mas, ainda que não precisassem, não caberia a mim decidir se os outros deveriam ou não deveriam ajudar, da mesma forma que, no caso dos vendedores, não caberia a mim decidir se os passageiros deveriam ou não deveriam comprar seus produtos. Às vezes, eu apenas observava, ouvia e refletia; porém, às vezes, nem observar eu observava, porque estava cansado demais, principalmente psicologicamente, para conseguir ter “cabeça” para aquelas situações dramáticas.

Houve várias situações que me faziam ficar com a consciência pesada depois de refletir sobre aquilo. Pensava

na possibilidade de aquelas pessoas talvez estarem dizendo a verdade sobre suas histórias, e várias das histórias eram bastante pesadas. O que me fazia não querer contribuir era a pequena coletânea de más experiências que eu havia tido nas vezes que havia tentado ajudar em outras épocas de minha vida, e o fato de ter visto diversos casos que, desses casos, sim, eu tinha suspeitas realmente muito fortes de que se tratava de mentiras.

Um dos casos mais bizarros havia sido o da mulher que entrava no trem contando sempre uma história muito triste sobre um suposto incêndio que teria ocorrido havia poucos dias em uma comunidade X na qual ela vivia em um barraco com seus N filhos; então, para deixar tudo ainda mais dramático, ela dizia que, no dia anterior, a filha — que às vezes ela mudava e dizia ser o filho e não a filha — dela havia chorado de fome porque não havia nem ao menos um restinho de arroz para ela comer.

Até aqui, exceto pela questão de dizer “filho” em um momento e “filha” em outro, essa história não parece ter qualquer ponto suspeito, e parece até muito insensível de minha parte não ficar ao menos um pouco emocionado com ela, certo? Só tem um problema: essa mesma mulher

havia entrado várias e várias vezes nos trens e contado exatamente essa mesma história ao longo de todos os anos em que estive na UFABC, e isso eu testemunhei por um enorme número de vezes ao longo de quase uma década.

E sabe aquela comunidade X e aquele número N de filhos? Podem substituir, respectivamente, pelo nome de qualquer comunidade — talvez, até fictícia — e por números naturais quaisquer, porque a pessoa parecia passar informações diferentes a cada vez que contava a história. Com isso, mesmo sendo possível pensar em alguns casos extremamente específicos para tentar encontrar alguma brecha nas interpretações e, assim, dar um jeito de tornar a história ao menos um pouco mais verossímil, seria preciso um belíssimo malabarismo argumentativo para que fosse embora a sensação de que se trataria somente de mais uma tentativa de enganação.

Um caso de pedinte bem famoso pelos trens, mas que parecia ser verídico, era o de um senhor cego que colocava uma caixa de som pendurada em seu pescoço, que ficava tocando uma música religiosa, enquanto ele cantava acompanhando a música, e ia andando de um lado ao outro do carro com a mão estendida. Eu vi esse senhor circulando

pelos trens por várias vezes ao longo de anos.

Um outro caso de pedinte que também ficou famoso era o de um rapaz que vivia alegando representar um instituto que fazia trabalhos de recuperação de dependentes químicos. No caso dele, o que deixava uma forte suspeita de que era mentira havia sido o fato de ele ter mencionado nomes de instituições um tanto diferentes em muitas ocasiões. Não parecia que ele realmente sabia o nome da instituição, e isso passava a ideia de que ele havia inventado a história, ainda mais por essa mudança no nome ter ocorrido por tantas vezes. Até mesmo a própria história que ele contava tinha suas mudanças não muito sutis, e parecia carregar até certos imprevistos ali na hora.

Um que eu nunca consegui entender direito era o dos garotos que pintavam seus rostos com tinta prateada e, sem dizer uma só palavra, pediam dinheiro em curtos e genéricos textos entregues em pequenos pedaços de papel, que entregavam rapidamente de passageiro em passageiro, e depois passavam recolhendo. Estes eu cheguei a ver até mesmo no Metrô, mas por lá era bem menos comum. O Metrô faz um combate bem mais intenso a esse tipo de prática; é bem comum ver agentes de segurança indo até

os trens e retirando passageiros que tentem pedir dinheiro ou vender produtos; na CPTM esse tipo de combate é bem menos comum.

Tivemos, também, muitos casos de artistas. Um que marcou bastante presença havia sido um senhor que muito me lembrava o Alceu Valença (enquanto ainda mais jovem) e que andava pelos trens atuando quase que como um repentista nordestino. Ele tocava seu pandeiro enquanto cantava certas músicas que fazia ali na hora, quase sempre mexendo com passageiros que ele olhava. Isso, aliás, foi algo que já o fez se envolver em algumas confusões, porque ele realmente provocava algumas pessoas, e nem sempre era de formas tão sutis.

Mas, diferente de como eram os pedintes mais típicos, os artistas não costumavam se repetir. Nós víamos muitos o tempo todo, mas eram pessoas novas. A cada vez aparecia alguém diferente. A pessoa entrava, tocava a música dela, passava o chapéu ao final e sumia. Era algo bem nômade e pontual mesmo. E não eram apenas músicas; havia também alguns dançarinos, atores, poetas, mágicos, mímicos, palhaços, e por aí vai. Cheguei a ver alguns realmente talentosos, e até cheguei a ver algumas

excelentes apresentações teatrais e circenses ao vivo. O pessoal que aparecia por lá às vezes era bem fora da curva mesmo; chegava a ser surpreendente em algumas ocasiões.

Nos trens eu também acabei conhecendo alguns tipos que não eram vendedores, tampouco pedintes; eram passageiros mesmo, mas com características bastante particulares. Depois de um tempo, fui notando os padrões e identificando os grupos. Conforme alguns colegas e eu íamos identificando tais grupos, alguns nomes foram sendo atribuídos.

Um dos grupos era o dos *Zé Portinha*, que eram os indivíduos que entravam e ficavam parados nas regiões das portas, mesmo que fossem desembarcar depois de várias estações, e mesmo que o carro não estivesse realmente lotado.

Outro bem famoso é o dos *Zé Beirada*, que eram os que se aproveitavam daquela beirada superperigosa das estações para ficar transitando de um lado ao outro e, com isso, conseguindo às vezes até passar à frente dos outros e embarcar em alguma posição mais privilegiada de forma malandra, sem precisar esperar que entrassem primeiro os que haviam chegado antes; era quase como furar uma fila.

Não podemos nos esquecer dos *Zé Sacola*, que eram os indivíduos que sempre portavam consigo algumas sacolas, malas ou mochilas imensas, e que deixavam posicionadas em algum local totalmente inconveniente, atrapalhando toda a circulação de passageiros pelo carro do trem, e chegando até mesmo a bloquear parte da passagem na região das portas; fora o incômodo que causavam ao circular com aquilo batendo nas pessoas.

Também havia os *Zé Cansado*, que eram os que faziam tudo o que estivesse ao seu alcance para conseguirem se sentar em algum assento, e o pessoal tinha até uma tara por se sentar nos assentos duplos, que trafegavam de frente ou de costas. O pior mesmo era quando esse pessoal se sentava e fingia estar dormindo para não dar lugar a quem realmente tinha direito ao uso do assento, ou mesmo exercer seu papel cidadão solidário e ceder seu lugar mesmo que fosse um assento comum.

Uma variante dos *Zé Cansado* era a dos *Zé Folgado*. Essa gente também gostava de abrir bem as pernas e se sentar de modo que ocupasse bem mais de um único assento, só para impedir que as pessoas se sentassem à vontade em assentos adjacentes. Tal estratégia era feita já

sabendo que poderia dar errado, mas arriscavam fazê-la contando com o fato de muitos passageiros preferirem continuar em pé a correrem o risco de se indispor.

E mais uma variante dos *Zé Cansado*, e que muito lembra a dos *Zé Folgado*, era a dos *Zé Perninha*. Esse pessoal era o que ficava esticando a perna por cima de outros assentos, e até colocava os pés sobre os bancos, e depois ficava “incomodadinho” quando alguém queria se sentar, como se fosse arruinar o “direito” que tal ser supostamente teria de manter sua delicada perna sobre o assento público, mesmo lembrando que há uma antiga divulgação sobre a regra de não colocar os pés nos assentos, mas que essa gente pensava ser justo ignorar porque, supostamente, o que tocava o assento eram as pernas, e não os pés, mesmo nem sempre sendo verdade.

Outro grupo bem famoso é o dos *Zé Escadinha*. Esse é aquele grupo de pessoas que faz questão de utilizar a escada rolante, mas que não faz questão alguma de respeitar uma antiquíssima regra básica de convivência e de respeito ao próximo em tal escada, que é o de se manter à direita, mantendo, portanto, a esquerda livre para circulação. Além de desrespeitar tal regra, essa gente gosta

de bater boca e peitar quem defende a regra, chegando até mesmo ao ponto de alegar que tal regra não existe, mesmo com antigas e incessantes campanhas do Metrô e da CPTM para tentar educar tal grupo. Alguns desse grupo até gostam de tentar usar frases prontas, alegando que quem tem pressa deve ir pela escada normal ou pelo elevador. Realmente, não há como educar algumas pessoas, e este grupo é um exemplo disso.

Não posso me esquecer do grupo dos *Zé Elevador*, que é o do pessoal que faz tudo o que pode para utilizar o elevador da estação, mesmo com ele sendo inteiramente preferencial para um seleto grupo de passageiros, e quase ninguém que tenta utilizar o elevador está realmente nesse grupo. Esse pessoal gosta de tentar alegar que o elevador é preferencial, mas não é exclusivo dessas pessoas, da mesma forma que muitos fazem com os assentos preferenciais; o problema é que quase sempre é possível ver que ficam para trás vários passageiros que realmente teriam direito ao uso preferencial, para que quem não tem direito acabe conseguindo embarcar logo na primeira viagem. É uma total falta de cidadania, e que se intensifica ainda mais ao tentarem justificar com a ridícula alegação de que quem ficou para trás poderá embarcar na próxima vez que o elevador

descer.

Um outro grupo curioso é o dos *Zé Papinho*, que é o daquele pessoal que, quando fala ao telefone, precisa falar sempre berrando, e é berrando a ponto de todo mundo do carro poder ouvir sem fazer esforço. Ao final da ligação, todos no carro sabem tudo sobre a vida dessa gente.

De modo bem similar aos *Zé Papinho*, estavam sempre presentes também os *Zé Grupinho*, que eram os que precisavam o tempo todo mostrar que estavam em grupo conversando em voz alta, gargalhando e fazendo comentários com um claro objetivo de fazer outras pessoas prestarem a atenção neles. Em geral, eram pessoas mais jovens.

O grupo dos *Zé Mané* também não pode ser deixado de lado. Esse é o grupo do pessoal que quer bancar o malandro dentro do trem, mas só é mané mesmo. Gosta de bancar o folgado, mas é só um idiota qualquer. Uma característica bem marcante deste tipo é a de tentar chamar a atenção ouvindo qualquer coisa em seu celular sem o uso de fones de ouvido, seja um vídeo, uma gravação de voz, uma música, ou seja lá o que for; independentemente do que seja, a pessoa quer reproduzir ali com uma potência bem alta, pois todos têm que ouvir o que ela quer ouvir.

É importante que fique claro que o *Zé Mané* faz isso para provocar mesmo. Ele quer que os outros se incomodem, mas que, mesmo se sentindo desconfortáveis, não vão falar com ele; apenas fiquem olhando feio e resmungando enquanto ele age como se mandasse no lugar, e como se os outros só o tolerassem por terem medo ou preguiça. Isso faz com que ele tenha a falsa sensação de que ele é respeitado ou temido ali.

E, ainda sobre o *Zé Mané*, vale lembrar que, assim como ocorre com os outros tipos, há vários níveis distintos. Porém, como este tipo é “valentão”, existe sempre um clima artificial de uma possível ameaça já antecipada. A pessoa tenta mostrar que, caso se sinta provocada, poderá partir para agressões físicas ou verbais. Desta forma, um *Zé Mané* de menor nível pode ser, digamos assim, uma “vítima” de um outro *Zé Mané* de maior escalão.

Depois de terem visto tantos tipos específicos, aposto como uma parcela dos leitores deve ter imaginado que eu falaria algo sobre um grupo de pessoas que tenta entrar no carro logo que as portas se abrem, sem aguardar pela saída dos que já estivessem ali dentro, mas não há realmente um grupo específico dessas pessoas; nem mesmo se encaixam

no grupo dos *Zé Mané*. Na verdade, quem faz isso só é desprovido da capacidade de aprender.

E o pior é que esse pessoal realmente não tem a capacidade de aprender; faz besteira hoje, sofre de alguma maneira com a besteira que fez, causa sofrimento a outrem, mas no dia seguinte está lá fazendo a mesma besteira facilmente evitável novamente, e mantém esse algoritmo até o último dia de vida. Imagino que alguém que aja assim não deve ter a capacidade de aprender e, portanto, é simplesmente um estorvo na sociedade; está ali apenas como uma pedra no caminho dos demais.

Convivendo com todos esses tipos — e até com outros dos quais não me lembro no momento, ou que simplesmente não fui capaz de notar — diariamente pelos trens e estações da CPTM e, apesar de ser em menor proporção, também do Metrô, fica muito difícil de não ter várias oportunidades de aprendizado sobre o comportamento de uma grande parcela da população; afinal, há um pouco de quase tudo por ali.

Vemos abusos, vemos solidariedade, vemos violência, vemos compaixão, vemos injustiças, vemos amor, vemos ódio, vemos esperança, vemos malandragem. Realmente,

parece haver um pouco de tudo; é quase como circular pelas ruas do centro de *São Paulo* nos horários de maior movimento. Tem gente quieta e gente barulhenta, tem gente apressada e gente tranquila, tem gente briguenta e gente de paz, tem gente de todos os tipos.

Essas coisas sempre me faziam pensar. Sempre gostei de me sentar em um local onde pudesse observar os comportamentos das pessoas, se possível, à distância. Enquanto eu era ainda muito novo, houve uma época durante a qual eu levava os cachorros para passear, e às vezes, ao passar por uma rua ou avenida bastante movimentada, eu me sentava por um bom tempo na calçada e ficava observando as pessoas e os carros a uma distância moderadamente longa.

Assim como todos os membros da comunidade da UFABC, eu também já tive meus dias difíceis ao longo de todos aqueles anos na instituição. Nesses dias, às vezes, sem me dar conta de que eu estava fazendo isso naquele momento, eu me sentava em um dos bancos da plataforma da estação *Santo André — Prefeito Celso Daniel* e ficava por lá, sentado, simplesmente observando os trens chegando e partindo, observando as pessoas, vendo o tempo

passar. Em alguns casos, chegava a ficar assim por horas, até me cansar e decidir ir embora. Nunca houve bancos confortáveis por lá, e sempre soube que não é exatamente um lugar muito seguro para se estar, mas aquilo ajudava a me acalmar às vezes.

Depois de todas essas experiências envolvendo trens e plataformas, creio que uma das melhores dicas que eu poderia dar é a de, à medida do possível, procurar colocar um bom fone de ouvido “fechado” e colocar um bom episódio de *Podcast* de sua preferência, mas que eu recomendo que seja algo que o prenda e o alegre, então pode ser interessante procurar algo que seja ao menos um pouco bem-humorado, por mais que talvez haja momentos de drama.

Prefira um programa legal de entrevistas e bate-papos, um programa de comédia, um programa que aborde questões técnicas de um jeito alegre, ou algo assim. Se não apreciar *Podcasts*, coloque uma lista de músicas bem longa para tocar, e siga em frente. Isso ajudará muito a administrar eventuais estresses que você poderia sofrer ao longo do caminho. Apenas lembre-se de manter alguma atenção com sua visão durante o caminho, pois o caminho pode

ser perigoso de múltiplas formas, e ninguém quer que acidentes ou incidentes ocorram. Fique atento!

Capítulo 14

Aquela da greve

Não tenho lembranças muito detalhadas a respeito da greve de 2012. Lembro-me do fato de não ter sido uma greve local, mas, sim, nacional. Muitas foram as instituições que haviam parado, e o clima estava péssimo entre todos, de dentro e de fora do ambiente acadêmico.

A sociedade estava acostumada a ver paralisações e greves de instituições de ensino com uma frequência moderadamente alta, então não parecia ser algo tão intenso em um primeiro momento. Os dois grandes diferenciais de 2012, ao menos a meu ver, falando como quem era na época um mero aluno de graduação que ainda tinha pouco

mais de 1 ano de casa, eram o fato de uma enorme quantidade de instituições de todo o país ter se unido para cruzar os braços e, também, o fato de a greve ter durado meses, e não poucos dias ou semanas, como a maioria das pessoas estava acostumada a enfrentar. Aquilo havia chamado muito a atenção de todos, e a situação estava realmente muito feia.

Eu me lembro que o clima estava bastante desagradável entre os próprios docentes. Muitos docentes se sentiam receosos quanto à ideia de explicitar seu posicionamento. Eu me lembro bem do caso de meu professor de *Comunicação e Redes*, que havia sido questionado pelos alunos durante a aula sobre o que seria feito com a disciplina, pois queriam saber se haveria aulas, se ele passaria conteúdo, se haveria atividades, e por aí vai.

A reação dele foi a que vi muitos outros terem. Ele falou por um bom tempo sem se posicionar — para ser franco, parecia um espetáculo de demagogias — e, então, ao ser um pouco mais pressionado pelos alunos, apenas disse que estava “inclinado a aderir” sem sequer mencionar palavras como “greve” ou “paralisação”. Parecia até que ele tinha medo ou vergonha de dizer aquilo por algum motivo.

Durante um bom tempo, havíamos ficado sem qualquer informação minimamente assertiva sobre as atividades na instituição. Sabíamos apenas que, a qualquer momento, poderia chegar algum aviso de que as atividades seriam retomadas.

Com isso, os alunos acabaram ficando revoltados com a situação, pois muitos haviam acabado de entrar na instituição e, caso soubessem que as atividades ficariam assim, prefeririam simplesmente nem ter ingressado naquele momento, ou gostariam de ter trancado o quadrimestre, ou até achariam mais razoável simplesmente aproveitar para aceitar que havia sido um tempo perdido em termos de produtividade e encarariam como um período para descansar, o que lhes permitiria, por exemplo, viajar.

Agora, como eles poderiam ser notificados a qualquer momento sobre um retorno às atividades, e como estavam no meio de um quadrimestre com várias disciplinas sendo cursadas, e muito bem recheadas com várias atividades, viajar poderia ser um ato um tanto negligente naquelas circunstâncias. Com isso, os alunos acabaram simplesmente permanecendo em suas casas, sem aulas, sem atividades, sem qualquer perspectiva de retorno, e oscilando

entre pensamentos otimistas e pensamentos pessimistas sobre as consequências daquele evento histórico.

É verdade que alguns dos alunos haviam simplesmente desistido daquele quadrimestre. Eu mesmo cheguei a pensar naquilo. Já estava pensando em encarar como um período de férias prolongadas, pois já havia me cansado de toda aquela confusão que eu não conseguia entender na época, mas que eu sabia apenas que ela atrasava a minha formação e a de meus colegas.

Eu ainda não tinha muito contato com o pessoal veterano que já estava realmente perto de se formar, mas eu cheguei a acompanhar algumas conversas sobre a situação deles naquela época. Não havia como não estarem revoltados. Depois de um tempo passando pela graduação, mesmo ainda antes de eu ter me formado, já havia passado por tantas situações tão desgastantes, que eu já havia compreendido alguns dos porquês de tantos alunos quererem tão desesperadamente se formar tão logo fosse possível.

O fato de surgir um evento que ninguém sabia quando seria encerrado e que todos sabiam que poderia interferir bastante no prazo, que necessariamente seria afetado de

forma negativa, já bastava para fazer com que qualquer um, até mesmo quem nem ao menos seria diretamente tão afetado por aquilo, ficasse revoltado.

Muitos dos docentes simplesmente não falavam qualquer coisa. Ao serem questionados, diziam que não sabiam de nada, falavam que ainda não haviam recebido qualquer informação, mas que, se soubessem de algo, nos falariam. Bastante tempo se passou dessa maneira, até que, “do nada”, passamos a ficar todos com as atividades efetivamente interrompidas, o que serviu para mostrar que, embora alguns dos docentes pudessem estar dizendo a verdade, quase nenhum dos que havia prometido nos avisar colocou isso em prática de forma ampla e aberta.

Com tanto tempo parada, a instituição inteira sofreu com aquilo de diversas maneiras. Havíamos perdido uma parte do corpo discente, uma pequena parte do corpo docente, toda uma série de planejamentos, conteúdos de disciplinas, e por aí vai. Muito precisaria ser feito para que tudo pudesse voltar aos eixos, mas ninguém sabia ainda de que maneira esse trabalho todo seria realizado.

Muitos estavam querendo que o quadrimestre que havia se perdido fosse simplesmente ignorado, e que, en-

tão, a instituição continuasse daquele ponto a partir do próximo quadrimestre, como se nada tivesse acontecido. Porém, por mais que pudesse soar como um caminho aceitável nas mentes de uma parte da comunidade, avisaram-nos sobre a impossibilidade desse caminho por haver barreiras burocráticas — possivelmente, até barreiras legais — que o tornariam simplesmente impraticável; portanto, sequer deveria estar em discussão.

Depois de muitas discussões acaloradas, que serviram inclusive para aumentar um pouco mais a sensação de brigas de classes entre boa parte da comunidade acadêmica, trouxeram-nos duas propostas: a *Plus* e a *Linear*.

A proposta *Plus*, tal como é indicado pela ata de reunião do *Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (ConsEPE)* de número 4/2012, a respeito das reuniões realizadas nos dias 12 e 19 de setembro de 2012, era mais flexível, reiniciaria o quadrimestre, aceitaria outras atividades que não apenas as típicas já previstas para compor carga de horas e créditos, aumentaria um pouco o limitado período de recesso, flexibilizaria os trancamentos, flexibilizaria as justificativas de faltas, manteria as aulas nos feriados facultativos, cortaria emendas de feriados, e por aí vai.

A fim de que se formalizasse isso, seria necessário que o ConsEPE realizasse uma pesquisa junto à comunidade acadêmica da UFABC, permitindo que os alunos e professores votassem; porém, isso não foi autorizado. Percebam que, como não foi feita uma pesquisa formal e oficialmente solicitada, realizada, avaliada e divulgada, a única maneira de prosseguir com a ideia de saber o que a comunidade acadêmica pensava a respeito era por meio de um caminho não oficial; isso tem lá seus problemas, mas não deixa de ser um caminho possível, desde que seja feito criteriosamente, cautelosamente e responsavelmente.

Ainda assim, falando de maneira não oficial, era indiscutível o apoio majoritário da proposta *Plus*, principalmente pelo fato de a própria comunidade ter organizado uma pesquisa informal, que contabilizou 844 votos para a *Plus* e 220 votos para a *Linear*. Observe que essa pesquisa contou, portanto, com a participação de 1064 alunos, o que representava cerca de 15% do total de alunos com matrícula regular em algum curso de graduação da instituição.

Compreendo que sempre haja uma parte do público que, ao ver um percentual como esse, pense que ele representa uma parcela muito pequena, e que, por não se tratar

realmente da maioria geral, sempre haveria a chance de o conjunto que não havia participado poder fazer com que o resultado mudasse, porque, supostamente, não seria possível confiar na amostragem realizada.

Essa, a meu ver, é uma visão equivocada, pois, dada a maneira como foi feita a consulta, tendo sido divulgada em múltiplos meios, tendo um intervalo de tempo relativamente longo para participação, não tendo um processo nem mesmo um pouco burocrático, e tendo sido aberto para que todo e qualquer aluno manifestasse seu voto, o que se pode dizer a respeito de quem não participou é que, exceto por um pequeno grupo de pessoas que talvez realmente não tivessem tido acesso a essa informação ou fossem impedidas por outras dificuldades — provavelmente, de cunho pessoal ou profissional —, apenas não participou porque não quis.

A *Plus* era uma proposta bem menos agressiva contra os estudantes, sobretudo os que viessem a ingressar na instituição nos anos de 2013 e 2014, pois, pela *Linear*, já chegariam tendo de enfrentar uma longa jornada de atipicidades inconvenientes que só serviriam para lhes trazer um desgaste ainda mais severo do que o ritmo corriqueiro

da UFABC já provoca, e isso sem nem entenderem direito os motivos; teriam simplesmente que aceitar essa realidade e lidar com ela, ou optar por ir embora, como vários fizeram.

Ao final, a proposta *Linear* havia sido escolhida pelo ConsEPE. Por causa disso, exatamente da forma como havia sido prevista pelos críticos de tal proposta, o que ocorreu foi um massacre. O modelo quadrimestral da UFABC já não é tranquilo de ser seguido, sobretudo devido ao mal planejamento por parte dos responsáveis; para deixar tudo ainda mais complicado, as mudanças impostas pela proposta *Linear* fizeram com que passássemos a ter de integralizar o equivalente a 4 quadrimestres por ano.

Essa decisão, que muitos chamariam — e, na verdade, realmente chamaram — de “escandalosa” e de “irresponsável”, acabou fazendo com que os alunos quase não tivessem um recesso entre os quadrimestres para que pudessem descansar e se recompor. Os próprios quadrimestres haviam sofrido alterações de planejamento a ponto de terem sido mais comprimidos, então houve muitos casos de professores que estavam metralhando conteúdo, assim como houve muitos casos de professores que simplesmente

ignoravam diversas partes do conteúdo, como se estivessem fazendo uma subamostragem bastante questionável, pois deixavam diversos buracos na formação do aluno.

Para piorar ainda mais a já complicada situação dos alunos, isso levou alguns anos para ter sido concluído. Foi um longo período de enormes desgastes físicos e psicológicos. Caso você não tenha passado pela situação, imagine o seguinte: pense no que você passou em sua graduação e imagine-se passando pelas mesmas experiências, mas com um número de aulas ainda menor, com ainda menos tempo para se preparar para provas, com ainda menos tempo para realizar e entregar relatórios e trabalhos, com ainda menos tempo de recesso para descansar, e tendo que concluir as disciplinas sempre com buracos na formação e iniciando as próximas disciplinas nos quadrimestres seguintes já sofrendo as consequências desse descanso tão mais escasso e dessa formação ainda mais esburacada.

Lembrando que haveria uma injustiça extra nesse processo todo: nenhum aluno que estivesse passando por vestibular naquela época foi oficialmente alertado a respeito de toda uma enorme mudança em todo o *modus operandi* da instituição; o que houve é que um seletor con-

junto de alunos um pouco mais bem informados que, por conta própria, iam atrás de algumas informações para saber como a instituição normalmente funcionava e o que estava havendo por ali naquele momento, já sabendo que mudanças teriam ocorrido como consequência da longa greve. Sem entenderem o que estava havendo, era muito comum encontrar alunos, sobretudo os que ingressaram naqueles anos mais afetados, que tinham uma opinião muito negativa sobre muitas características da UFABC, mesmo que, em sua maneira corriqueira de funcionamento, aquelas características não tivessem aquela responsabilidade atribuída pelas críticas.

Lembro-me de que o clima entre parte dos discentes e parte dos docentes havia ficado péssimo depois da greve, porque, durante a época da greve — na verdade, até um pouco antes de ela ter sido realmente deflagrada —, boa parte dos professores havia sinalizado que queria os alunos ao seu lado, formando um bloco com mais corpo e contribuindo com a luta por suas causas, e muitos alunos atenderam a esse chamado de alguma forma; porém, depois que a greve havia se encerrado e as atividades voltaram, as reposições precisaram ser discutidas, e os alunos esperavam que os conselheiros (docentes) fossem

mais compreensivos e mais empáticos quanto às causas dos alunos, mas as atas das reuniões durante as quais foram discutidas e votadas as propostas mostraram que essa compreensão e essa empatia inexistiram por parte da maioria. O estrago só não foi maior porque realmente houve quem tentasse realmente ajudar.

Com isso, uma boa parcela dos alunos se sentiu traída por aquela parcela dos docentes que havia feito aquelas convocações (ou, se preferir, “convites”) para que os alunos ajudassem na luta dos professores, e se sentiu traída pelos discentes que haviam participado da reunião como representantes, pois, apesar de a votação informalmente realizada junto ao corpo discente claramente sinalizar que a maioria dos discentes queria a *Plus*, os próprios representantes discentes foram favoráveis à *Linear*.

Vale lembrar que diversas conversas — algumas, talvez, até mesmo históricas — permaneceram por longos anos nos grupos das redes sociais, e talvez ainda haja algumas que permaneçam. Ao menos até hoje, ainda é possível ver como alguns dos docentes realmente trilharam um caminho que não era com ações que demonstrassem qualquer empatia em relação aos discentes. Há até quem

tenha — talvez, por vergonha ou medo — removido postagens e comentários feitos naquela época, pois hoje já não é mais possível encontrá-los disponíveis, e sabemos que não é verdade que tais postagens e comentários sumiram por terem excluído suas contas das plataformas, pois a exclusão da conta não exclui suas postagens e comentários; essas postagens e comentários foram obviamente apagadas pelos próprios autores, e só seriam apagadas porque era exatamente isso que tais pessoas queriam, pois poderia comprometê-las depois.

Depois que a decisão pela proposta *Linear* havia sido tomada, alguns dos docentes tiveram a audácia de aparecer nas redes sociais para fazer longos discursos que visavam passar uma falsa ideia de que estavam decepcionados com os resultados e que, supostamente, estariam ao lado dos alunos. Até houve quem realmente tivesse tentado ajudar os alunos ali, e esses que tentaram de verdade merecem o respeito dos discentes, pois não estavam sendo falsos, mas não era a maioria. Tenho meus contatos com alguns docentes que participaram, e é ridículo saber que alguns dos docentes que tentaram se passar por heróis dos alunos nas redes sociais, na hora de agir no ConsEPE, haviam ido contra o que os alunos defendiam ou, no mí-

nimo, não despenderam energia minimamente relevante para tentar defender o que falavam pelas redes sociais ao tentar criar essa imagem de herói dos alunos.

Embora seja algo desagradável saber que um dado docente defende uma decisão que talvez possa prejudicar vários alunos, ele tem todo o direito de fazer uma interpretação diferente e votar no Conselho conforme sua consciência acredita que seja o correto aos seus olhos; porém, fingir estar ao lado dos alunos por meio das redes sociais, tentando passar a imagem de herói populista, e depois se manifestar de maneira contrária em seu voto, que é justo o momento que mais importa no fim das contas, a meu ver, diz tudo sobre o caráter da pessoa. Já os discentes que haviam sido representantes naquelas reuniões sumiram por um tempo, o que é de se esperar de gente que não respeitou as vontades de quem deveria ter representado ali e, em vez disso, seguiu por um caminho baseado em interesses próprios.

Atualmente, restam poucos alunos que haviam sido mais participativos e mais envolvidos com o que rolava na UFABC naquela época, e a tendência é a de que todas essas pessoas, cedo ou tarde, acabem indo embora, então

esse tema acabará ficando no passado — onde, na verdade, já se encontra, mas ficará cada vez menos relevante e cada vez menos chamativo —, ao menos até que algo similar volte a acontecer e, de alguma forma, alguém traga novamente essa amarga lembrança.

Porém, como já sabemos, é claro que os autores desses comportamentos duramente questionáveis, de postura imoral, farão de tudo para tirar o corpo fora e alegar que eles estavam, sim, ao lado dos alunos, e que os outros é que não estavam. Novamente, a pessoa fica nisso de sempre alegar que são “os outros”, mas ela se esquece de que, para os outros, ela faz parte dos assim chamados de “os outros”. O que importa mesmo é que, para bem ou para mal, as pessoas foram, aos poucos, se esquecendo de como haviam sido aqueles anos, então puderam focar em “tocar o barco”.

Apesar de isso significar que pessoas que haviam praticado atos duramente questionáveis e que afetaram as vidas de milhares de pessoas de formas exclusivamente negativas haviam saído impunes disso tudo, é muito bom saber que a instituição conseguiu vencer essa tormenta e tudo de bom que já era feito pelos docentes e pelos discentes, e que

havia sido interrompido durante aqueles tempos difíceis, voltou a ser feito. Isso é o que importa.

Capítulo 15

Aquela do estágio

Certa vez, já mais próximo ao final de minha graduação, quando já estava fazendo trabalhos junto ao professor *Ricardo Suyama* no LSS, eu já havia tomado a decisão de focar no meio acadêmico. Eu até poderia, depois de me formar, o que incluiria Mestrado e Doutorado, partir para a indústria, mas naquele primeiro momento eu queria mesmo focar na minha formação, e não fazer algo concomitante, pois sabia que, pela maneira como muitas das empresas sugam o funcionário e pelo fato de que, ainda que fosse verdade que a empresa poderia ser flexível quanto a quem estivesse cursando uma pós-graduação, seria im-

provável que o trabalho de um curso *Stricto sensu* pudesse ser realizado com uma qualidade equiparável àquela que se observaria no caso de uma dedicação exclusiva à formação.

Como essa havia sido a minha decisão, eu não vi mais tanta utilidade em passar por um estágio em sua forma mais clássica, que seria a de eu passar por processos seletivos em empresas, estagiar durante um período de até 2 anos em alguma empresa que tivesse alguma relação com a minha área de formação — isso só não seria tão difícil de acontecer graças ao *Bacharelado em Engenharia de Informação* —, e escrever relatórios de avaliação para passar pelos crivos de meus supervisores, tanto de dentro da empresa quanto de dentro da Universidade. Compreendo que isso poderia trazer certas vantagens em minha formação, e ajudaria até quanto ao que alguns chamam de verniz corporativo, mas não me pareciam ser vantagens tão significativas quanto focar meu tempo e meus esforços em afazeres mais próximos àquilo que eu almejava, que era o meio acadêmico.

Haviam-me alertado, informalmente, a respeito da possibilidade de eu não precisar fazer o estágio aos moldes clássicos, mas, sim, por meio de caminhos alternati-

vos, como utilizando um emprego em cargo já efetivo, um trabalho via prestação de serviços como autônomo, uma empresa fundada por mim, ou mesmo uma IC.

Eu até cheguei a participar de alguns processos seletivos em empresas, porque eu não tinha realmente toda a segurança do mundo de que eu poderia não passar por aquilo; afinal, chamavam de “estágio obrigatório” por alguma razão. Fiz todos os passos que são esperados por quem passa por isso, como a elaboração do *Currículo Vitae* (CV), o cadastro em bases de vagas de empregos e estágios, o envio de e-mails com a minha candidatura a algumas oportunidades que identifiquei como mais próximas à minha formação e aos meus interesses, e até participei das entrevistas.

Embora haja quem me enxergue como se eu fosse a pessoa mais arrogante do mundo, eu sempre tive uma opinião muito crítica sobre mim, e sempre me vi como alguém bastante abaixo dos limiares que definiriam o que se poderia chamar de “ótimo”, “excelente”, “fenomenal” ou outro termo nessa linha — no máximo, “bom” em apenas alguns pouquíssimos quesitos. Então, realmente, não sei bem de onde essas pessoas tiraram essa ideia da suposta arrogân-

cia; a não ser, é claro, que tenham pegado um pequeno recorte de alguma situação pontual que talvez lembrasse uma postura um pouco arrogante, sim, mas que não representaria o todo, e seria algo bem distante da realidade; então, com base nesse olhar bastante limitado, tenham me avaliado e me rotulado como alguém muito seguro de si, com uma opinião de alguém com o ego bastante inflado, mesmo que talvez a minha postura fosse, na verdade, a de alguém que estava tentando se acalmar e se convencer de que era alguém com alguma chance de “dar certo”.

Na verdade, a situação sempre foi o extremo oposto disso. Eu sempre tive muita dificuldade para enxergar algo de bom em mim, e sempre senti a necessidade de que terceiros me apontassem as qualidades positivas que observassem em mim, pois eu mesmo não as enxergava. Não se tratava de uma necessidade de alguém ficar massageando meu ego; eu realmente não me dava conta de que, em alguns quesitos, eu poderia ter, sim, um nível bom, e que eu não precisaria ter medo ou vergonha de reconhecer tais habilidades e características.

É verdade que é muito mais nobre deixar para terceiros a possibilidade de explicitar seus pensamentos a res-

peito de suas qualidades em vez de você mesmo praticar tal ato, e isso até ajuda a dar credibilidade a tal pensamento e a atenuar severamente alguma eventual dúvida acerca da veracidade de tais características; no entanto, penso que há certo exagero quanto a isso, e em nosso país até acabou sendo criada — e constantemente reforçada — a ideia de que quem tem opiniões positivas a respeito de si mesmo quase chega a ser um vilão. Imagino que, durante uma época, isso tenha produzido em mim um pensamento crítico bastante exagerado — possivelmente, até doentio —, a ponto de não me permitir formar opiniões próprias a meu respeito que concluíssem algo de bom.

Se eu pensasse algo de ruim a meu respeito, eu poderia expor esse pensamento, e ninguém me veria com maus olhos; contudo, caso eu pensasse algo de bom a meu respeito, se eu decidisse trazer à tona tal opinião, quem ouvisse (ou lesse) esse pensamento a meu respeito, por ser algo positivo a respeito de mim, o próprio autor do pensamento, eu já quase seria visto como um malfeitor, um vilão, alguém de ética duvidosa, de comportamento duvidoso, de más intenções; então, já seria logo colocado como alguém cujos pensamentos sobre si mereceriam alguma dúvida, alguma investigação, e até poderiam querer

dedicar certo tempo e certa energia à tarefa de me provar que eu estaria errado sobre tais pensamentos positivos a meu respeito.

Ou seja, aos olhos dessas pessoas, ter um olhar negativo e depreciativo sobre si mesmo é algo aceitável, que não depende de qualquer investigação ou análise cautelosa para se averiguar a veracidade; agora, ter um olhar positivo e enaltecendor, ainda que correto e acurado, sobre qualquer quesito, é sempre digno de uma minuciosa investigação e de um posicionamento antagônico, crítico, quase inquisidor.

Devido a essa dificuldade que expus há pouco, eu confesso que sentia uma forte necessidade de “provar” para mim mesmo que, caso eu quisesse seguir pelas vias mais tradicionais do estágio, eu conseguiria. Reconheço que isso era devido a uma imaturidade que eu tinha na época. Eu cresci ouvindo das bocas de muitas pessoas diferentes algumas frases como “Quem sabe faz; quem não sabe ensina”. Por isso, fiz questão de passar por processos seletivos, inclusive em empresas grandes e respeitáveis nas minhas áreas de interesse. A cada um dos processos seletivos, fui sempre com muita tensão, com muito medo, com

muita preocupação, mas tal medo era sempre o mesmo: o de não ser aceito, o de ser considerado inferior, indesejado, insuficiente, inaceitável, inadequado.

Minha necessidade era a de mostrar a mim mesmo que eu poderia ser, sim, escolhido por uma empresa da minha área, ainda que se tratasse de uma vaga bastante disputada em uma grande corporação. Mesmo indo sempre para casa com a sensação de “não foi dessa vez”, que eu atribuo à minha antiga tendência de enxergar tudo com um olhar muito pessimista naquela época, eu me alegro muito por poder dizer que, felizmente, a maior parte dos processos de que participei resultou na convocação para formalizar o início do estágio, e eu poderia até mesmo escolher em qual empresa eu estagiaria.

Durante o período em que esses vários processos seletivos se realizavam, eu fui atrás da confirmação de que eu realmente poderia utilizar a IC como forma de estágio e, também, de como seria o passo a passo para formalizar isso. Tão logo tomei conhecimento dos pormenores a respeito disso, optei por não prosseguir com o estágio em qualquer uma das empresas; em vez disso, preferi fazer a minha IC e focar na minha formação científica. Depois,

com a formação acadêmica já realizada, eu poderia voltar a pensar na ideia de ir para a indústria.

Com essa decisão tomada, eu precisaria garantir que o responsável pelos estágios em meu curso concordasse com tal decisão. Como sugestão de meu orientador, entrei em contato com o professor responsável e expliquei a situação. Dado o fato de se tratar de algo que vários dos docentes consultados por mim não pareciam ter a mínima ideia do que eu estava falando, concluí que esse processo do aproveitamento da IC como forma de estágio parecia ser algo bastante incomum e desconhecido; por isso, quando enviei o e-mail ao professor, procurei incluir diversos detalhes, pois pensei ser necessário explicar toda a situação. Foi um e-mail grande.

Por causa desse tamanho todo, eu imaginei que o professor demoraria alguns dias para me responder; no mínimo, demoraria algumas horas. Para a minha surpresa, pouquíssimos minutos haviam se passado, e a resposta já havia sido dada. Quando abri o e-mail com a resposta do professor, lá constava apenas isso: *“Conte comigo.”*

Em um primeiro olhar, devido à minha ingenuidade, pensei que se tratava apenas de um professor que, conve-

nientemente, havia aberto tal e-mail tão logo a notificação tivesse chegado a ele, então, por uma habilidade de leitura bastante rápida, tivesse lido, concordado e me respondido concisamente. Parecia estar tudo certo, e eu estava bem satisfeito com sua resposta. Fiz todos os trâmites necessários e, de fato, tudo havia dado certo, pois, um certo tempo depois, até mesmo o conceito havia sido lançado na plataforma e no meu histórico, então eu havia dado por encerrada essa história.

Alguns meses depois, eu havia aberto um e-mail com o aplicativo em meu Smartphone, e aí notei que, logo na parte de baixo, havia algo como “Sim”, “Não”, “Pode deixar” e o tal “Conte comigo”. Por curiosidade, eu fiz um teste e apertei aquele botão para ver como funcionava. De fato, a ideia seria a de tornar mais prática e mais rápida uma resposta mais corriqueira. Foi aí que eu me dei conta de que, para ter respondido tão rapidamente a um e-mail tão longo, o professor provavelmente não chegou a ler cuidadosamente o que eu havia escrito; em vez disso, ele simplesmente apertou o botão correspondente a uma daquelas respostas prontas sem sequer ter real certeza do que estava respondendo.

Entendo que nós dois havíamos cometido erros nessa história. Eu errei por ter enviado um e-mail tão longo e tão completo logo no meu primeiro contato com o professor para falar a respeito do assunto do estágio; porém, penso que o professor também errou, porque responder o e-mail de um aluno, ainda mais se tratando de um caso de dúvida sobre como proceder para realizar um estágio utilizando uma IC, que é algo que estava sob sua responsabilidade, e que se tratava de algo que envolveria procedimentos longos e possivelmente desgastantes por parte do discente, ainda correndo o risco de interferir em todo um planejamento do discente quanto ao curso e quanto à vida como um todo, não é algo que permita uma “leitura dinâmica” e, menos ainda, o uso de algum tipo de resposta rápida sugerida por um potencialmente duvidoso algoritmo de aprendizado de máquina com processamento de linguagem natural.

De qualquer forma, eu prossegui com o plano. Fiz a IC inteira, cujo projeto proposto havia sido um olhar um pouco mais científico sobre uma parte do trabalho que havia sido desenvolvido como TG. Para a IC ser considerada efetivamente concluída em sua completude, há um certo desentendimento quanto ao que permite que tal conclusão tenha ocorrido, pois há quem considere que um

comprovante da entrega do relatório final à *Pró-Reitoria de Pesquisa* (**ProPes**) já comprovaria a conclusão, e esse relatório era entregue até o fim do mês de agosto; porém, há quem pense que, dado o fato de haver a obrigatoriedade de o aluno de IC participar do *Simpósio de Iniciação Científica* (**SIC**), só poderia ser considerada concluída a IC após participar do SIC, sendo que o SIC só ocorria em algum período que geralmente se encerrava ainda na primeira quinzena de novembro.

Eu estava preocupado porque, caso exigissem a participação no SIC, não bastaria simplesmente ter participado; seria preciso provar que participei, e isso só poderia ser feito por meio do comprovante, que eles muitas vezes demoravam muito para emitir. Só para terem uma ideia, no começo de novembro de 2012, eu havia participado desse simpósio depois de ter feito o PDPD; ao final do mês, eu havia ido até a ProPes para pedir o certificado, mas me disseram que ainda não haviam sido emitidos. Voltei, então, em algum dia do começo de dezembro, mas ainda não haviam sido emitidos, e até me falaram que talvez saíssem só em janeiro. Então, passei por lá no começo de janeiro, mas ainda não haviam emitido. Finalmente, um certo dia, já ao fim de janeiro, depois de uma nova tenta-

tiva, que demandou uma peregrinação por outros setores da Universidade, encontraram meu certificado.

Por causa de mais essa experiência que tive com as burocracias da Universidade, comecei a achar que aquilo poderia ser um problema grave para mim, dado que todo o meu planejamento havia sido feito de um modo que dependia inteiramente do aproveitamento da IC como estágio obrigatório para o *Bacharelado em Engenharia de Informação*, e isso impactaria meus planos até mesmo para o Mestrado, porque, embora eu já fosse formado no BCT, eu gostaria de encerrar todos os cursos de graduação para, só então, começar a pós-graduação; eu sei que é possível cursar o Mestrado apenas tendo concluído o BCT, mas eu queria já ter encerrado aquela etapa da vida para poder seguir em paz com a próxima.

Para a minha sorte, conversei com um rapaz muito solícito da ProPes para tirar algumas dúvidas, e tive ajuda, também, de uma funcionária da Secretaria do CECS. Pela minha conversa com a atendente da Secretaria, entendi que o estágio entrava como duas disciplinas no histórico, chamadas *Estágio Curricular I* e *Estágio Curricular II*, mas que não poderiam ser lançadas em um só quadrimes-

tre, pois o sistema considerava que *Estágio Curricular II* exigia que *Estágio Curricular I* já tivesse sido cursada com êxito para que, só então, pudesse ser cursada. Entendi, também, que essas duas disciplinas exigem que um conceito seja lançado no histórico, e que deve haver um docente responsável por isso.

Se não me falha a memória, obtive um simples atestado de conclusão da IC junto àquele solícito TA da Pro-Pes, coletei o conceito que seria o que aquele trabalho de IC conferiria em nome das disciplinas de Estágio com o meu orientador por meio de um documento oficial assinado por ele, coletei a assinatura do coordenador do curso para indicar que ele estava ciente de tudo, e entreguei tudo junto com uma cópia do relatório de IC, tanto na forma impressa quanto na forma digital, utilizando — acredite se quiser — um CD, conforme haviam solicitado a mim. Saí da Secretaria com um canhoto do formulário padrão que eu havia preenchido para solicitar o aproveitamento da IC como Estágio, e fiquei só na torcida para que tudo desse certo e eu passasse a ver no *Portal do Aluno* as disciplinas de Estágio lançadas em meu histórico.

Apesar de as disciplinas de estágio terem, de fato,

sido lançadas em quadrimestres distintos, elas haviam sido lançadas de uma só vez no sistema; e, para a minha sorte, como o novo *Projeto Pedagógico*, de 2017, havia efetuado a mudança das disciplinas de Estágio para um única disciplina, aquilo havia sido indicado como uma efetiva conclusão de tudo ainda em 2017. Não precisaria mais cursar qualquer disciplina, tampouco precisaria entregar qualquer outra atividade, nem mesmo atividades complementares. Tudo havia acabado quanto ao curso em si. Por questões burocráticas, precisei apenas participar do *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes* (**ENADE**) e aguardar pelo dia da próxima cerimônia de *Colação de Grau* que a instituição realizaria. Para a minha grande satisfação, isso ocorreu de modo a me permitir iniciar o Mestrado sem ter qualquer preocupação com qualquer curso de Graduação.

Listas de Abreviações

BB	Banco do Brasil
BCT	Bacharelado em Ciência e Tecnologia
BI	Bacharelado Interdisciplinar
BO	Boletim de Ocorrência
CAE	Atendimento ao Estudante
CECS	Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas
ConsEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
CV	Currículo Vitae

DP	Delegacia de Polícia
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
GCM	Guarda Civil Metropolitana
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
IFT	Instituto de Física Teórica
IML	Instituto Médico Legal
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LSS	Laboratório de Sinais e Sistemas
ONG	Organização Não Governamental
PcD	Pessoas com Deficiência
PDPD	Pesquisando Desde o Primeiro Dia

PM	Polícia Militar
ProGrad	Pró-Reitoria de Graduação
ProPes	Pró-Reitoria de Pesquisa
PS	Pronto Socorro
PU	Prefeitura Universitária
RA	Registro Acadêmico
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
RU	Restaurante Universitário
SA	Santo André
SBC	São Bernardo do Campo
SCS	São Caetano do Sul
SIC	Simpósio de Iniciação Científica
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
TA	Técnico Administrativo
TG	Trabalho de Graduação

TPI	Teoria, Prática e Individual
UFABC	Universidade Federal do ABC
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo